



TEO_003 – REFERENCIAIS DOCTRINÁRIOS – TRÊS FORMAS DE UNIDADE DA IGREJA REFORMADA HOLANDESA

Versão 001 - fevereiro de 2012

CONTEÚDO

INTRODUÇÃO

1. CONFISSÃO BELGA
2. CATECISMO DE HEIDELBERG
3. CÂNONES DE DORT

INTRODUÇÃO

As chamadas três formas de unidade da igreja reformada holandesa são, até hoje, o arcabouço doutrinário das igrejas que descendem daquela tradição. Compõem-se de três documentos bastante diversos em suas origens e propósitos, evocando a catolicidade reformada. Há uma confissão, um catecismo e uma decisão de um sínodo. A confissão Belga é de 1561, escrita na Bélgica, o catecismo de Heidelberg, tem sua origem nos calvinistas alemães e é de 1563. Já os cânones de Dort são o documento final produzido pelo sínodo de Dort, que contou com representantes das igrejas reformadas de toda a Europa nos anos de 1618 e 1619. Dos cânones de Dort originam-se os chamados “cinco pontos do calvinismo.

São documentos importantíssimos para toda a igreja reformada e seu caráter cristocêntrico, bíblico e evangélico é evidente em cada página.

CONFISSÃO BELGA

Por Guido de Brès

INTRODUÇÃO

A Confissão Belga leva esse nome por ter sido escrita na região que hoje é a Bélgica. Seu principal autor foi Guido de Brès, um pregador reformado martirizado em 1567. No século XVI aquela região foi atormentada por uma terrível perseguição por parte das autoridades católicas. As igrejas reformadas, procurando mostrar que era infundada tal perseguição, confeccionaram a Confissão no ano de 1561. No ano seguinte, uma cópia dela foi enviada ao rei

Felipe II, junto com uma declaração em que os signatários afirmavam estar prontos a obedecer ao governo em tudo que fosse legítimo, mas que ofereceriam suas costas ao chicote e seus corpos ao fogo antes de negar as verdades expressas na Confissão. De Brès foi preso em 1565 por suas convicções calvinistas, julgado pela inquisição espanhola e enforcado em 1567 na cidade de Valenciennes, norte da França.

CONFISSÃO BELGA

ARTIGO 1 - O ÚNICO DEUS

Todos nós cremos com o coração e confessamos com a boca¹ que há um só Deus², um único e simples ser espiritual³. Ele é eterno⁴, incompreensível⁵ invisível⁶, imutável⁷, infinito⁸, todo-poderoso⁹; totalmente sábio¹⁰, justo¹¹ e bom¹², e uma fonte muito abundante de todo bem.

¹ Rm 10:10. ² Dt 6:4; 1Co 8:4,6; 1Tm 2:5. ³ Jo 4:24. ⁴ Sl 90:2. ⁵ Rm 11:33. ⁶ Cl 1:15; 1Tm 6:16. ⁷ Tg 1:17. ⁸ 1Rs 8:27; Jr 23:24. ⁹ Gn 17:1; Mt 19:26; Ap 1:8. ¹⁰ Rm 16:27. ¹¹ Rm 3:25,26; Rm 9:14; Ap 16:5,7. ¹² Mt 19:17. Veja também Is 40, 44 e 46.

ARTIGO 2 - COMO CONHECEMOS A DEUS

Nós o conhecemos por dois meios. Primeiro: pela criação, manutenção e governo do mundo inteiro, visto que o mundo, perante nossos olhos, é como um livro formoso¹, em que todas as criaturas, grandes e pequenas, servem de letras que nos fazem contemplar "os atributos invisíveis de Deus", isto é, "o seu eterno poder e a sua divindade", como diz o apóstolo Paulo (Romanos 1:20). Todos estes atributos são suficientes para convencer os homens e torná-los indesculpáveis.

Segundo: Deus se fez conhecer, ainda mais clara e plenamente, por sua sagrada e divina Palavra², isto é, tanto quanto nos é necessário nesta vida, para sua glória e para a salvação dos que Lhe pertencem.

¹ Sl 19:1-4. ² Sl 19:7,8; 1Co 1:18-21.

ARTIGO 3 - A PALAVRA DE DEUS

Confessamos que a palavra de Deus não foi enviada nem produzida "por vontade humana, mas homens falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo", como diz o apóstolo Pedro (2 Pedro 1:21).

Depois, Deus, por seu cuidado especial para conosco e para com a nossa salvação, mandou seus servos, os profetas e os apóstolos, escreverem sua palavra revelada¹. Ele mesmo escreveu com o próprio dedo as duas tábuas da lei².

Por isso, chamamos esses escritos de sagradas e divinas Escrituras³.

¹ Êx 34:27; Sl 102:18; Ap 1:11,19. ² Êx 31:18. ³ 2Tm 3:16.

ARTIGO 4 - OS LIVROS CANÔNICOS

A Sagrada Escritura consiste de dois volumes: O Antigo e o Novo Testamento, que são canônicos e não podem ser contraditos de forma alguma.

A Igreja de Deus reconhece a lista seguinte:

Os livros do Antigo Testamento:

Gênesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronômio (os cinco livros de Moisés); Josué, Juízes, Rute, 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis, 1 e 2 Crônicas, Esdras, Neemias, Ester, Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cantares; Isaías, Jeremias (com Lamentações), Ezequiel, Daniel (os quatro profetas maiores); Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias (os doze profetas menores);

Os livros do Novo Testamento:

Mateus, Marcos, Lucas, João (os quatro evangelistas); Atos dos Apóstolos; Romanos, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, 1 e 2 Tessalonicenses, 1 e 2 Timóteo, Tito, Filemom (as treze epístolas do apóstolo Paulo); Hebreus, Tiago, 1 e 2 Pedro, 1, 2 e 3 João, Judas e Apocalipse.

ARTIGO 5 - A AUTORIDADE DA SAGRADA ESCRITURA

Recebemos¹ todos estes livros, e somente estes, como sagrados e canônicos, para regular, fundamentar e confirmar nossa fé². Acreditamos, sem dúvida nenhuma, em tudo que eles contêm, não tanto porque a igreja aceita e reconhece estes livros como canônicos, mas principalmente porque o Espírito Santo testifica em nossos corações que eles vêm de Deus³, como eles mesmos provam. Pois até os cegos podem sentir que as coisas, preditas neles, se cumprem⁴.

¹ 1Ts 2:13; ² 2Tm 3:16,17; ³ 1Co 12:3; 1Jo 4:6; 1Jo 5:6b; ⁴ Dt 18:21,22; 1Rs 22:28; Jr 28:9; Ez 33:33.

ARTIGO 6 - A DIFERENÇA ENTRE OS LIVROS CANÔNICOS E APÓCRIFOS

Distinguimos estes livros sagrados dos livros apócrifos que são os seguintes: 3 e 4 Esdras, Tobias, Judite, Sabedoria, Eclesiástico, Baruc, os Acréscimos ao livro de Ester e Daniel, a Oração de Manassés e 1 e 2 Macabeus.

A igreja pode, sim, ler estes livros e tirar deles ensino, na medida em que concordem com os livros canônicos. Porém, os apócrifos não tem tanto poder e autoridade que o testemunho deles possa confirmar qualquer artigo da fé ou da religião cristã; e muito menos podem eles diminuir a autoridade dos sagrados livros.

ARTIGO 7 - A SAGRADA ESCRITURA : PERFEITA E COMPLETA

Creemos que esta Sagrada Escritura contém perfeitamente a vontade de Deus e suficientemente ensina tudo o que o homem deve crer para ser salvo¹. Nela, Deus descreveu, por extenso, toda a maneira de servi-lo. Por isso, não é lícito aos homens, mesmo que fossem apóstolos "ou um anjo vindo do céu", conforme diz o apóstolo Paulo (Gálatas 1:8), ensinarem outra doutrina, senão aquela da Sagrada Escritura². É proibido "acrescentar algo à Palavra de Deus ou tirar algo dela"³ (Deuteronômio 12:32; Apocalipse 22:18,19). Assim se mostra claramente que sua doutrina é perfeitíssima e, em todos os sentidos, completa⁴.

Não se pode igualar escritos de homens, por mais santos que fossem os autores, às Escrituras divinas. Nem se pode igualar à verdade de Deus costumes, opiniões da maioria, instituições antigas, sucessão de tempos ou de pessoas, ou concílios, decretos ou resoluções⁵. Pois a verdade está acima de tudo e todos os homens são mentirosos (Salmo 116:11) e "mais leves que a vaidade" (Salmo 62:9).

Por isso, rejeitamos, de todo o coração, tudo que não está de acordo com esta regra infalível⁶, conforme os apóstolos nos ensinaram: "Provai os espíritos se procedem de Deus" (I João 4:1), e: "Se alguém vem ter convosco e não traz esta doutrina, não o recebais em casa" (2 João :10).

¹ 2Tm 3:16,17; 1Pe 1:10-12. ² 1Co 15:2; 1Tm 1:3. ³ Dt 4:2; Pv 30:6; At 26:22; 1Co 4:6. ⁴ Sl 19:7; Jo 15:15; At 18:28; At 20:27; Rm 15:4. ⁵ Mc 7:7-9; At 4:19; Cl 2:8; 1Jo 2:19. ⁶ Dt 4:5,6; Is 8:20; 1Co 3:11; Ef 4:4-6; 2Ts 2:2; 2Tm 3:14,15.

ARTIGO 8 - A TRINDADE: UM SÓ DEUS, TRÊS PESSOAS

Conforme esta verdade e esta palavra de Deus, cremos em um só Deus¹, que é um único ser, em que há três Pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo². Estas são, realmente e desde a eternidade, distintas conforme os atributos próprios de cada Pessoa.

O Pai é a causa, a origem e o princípio de todas as coisas visíveis e invisíveis³. O Filho é o Verbo, a sabedoria e a imagem do Pai⁴. O Espírito Santo, que procede do Pai e do Filho, é a eterna força e o poder⁵.

Essa distinção não significa que Deus está dividido em três. Pois a Sagrada Escritura nos ensina que cada um destes três, o Pai e o Filho e o Espírito Santo, tem sua própria existência, distinta por seus atributos, de tal maneira, porém, que essas três pessoas são um só Deus. É claro, então, que o Pai não é o Filho e que o Filho não é o Pai; que, também, o Espírito Santo não é o Pai ou o Filho.

Entretanto, estas Pessoas, assim distintas, não são divididas nem confundidas entre si. Porque somente o Filho se tornou homem, não o Pai ou o Espírito Santo. O Pai jamais existiu sem seu Filho⁶ e sem seu Espírito Santo, pois todos os três têm igual eternidade, no mesmo ser. Não há primeiro nem último, pois todos os três são um só em verdade, em poder, em bondade e em misericórdia.

¹ 1Co 8:4-6. ² Mc 3:16,17; Mt 28:19. ³ Ef 3:14,15. ⁴ Pv 8:22-31; Jo 1:14; Jo 5:17-26; 1Co 1:24; Cl 1:15-20; Hb 1:3; Ap 19:13. ⁵ Jo 15:26. ⁶ Mq 5:1; Jo 1:1,2.

ARTIGO 9 - O TESTEMUNHO DA ESCRITURA SOBRE A TRINDADE

Tudo isto sabemos tanto pelo testemunho da Sagrada Escritura¹, como pelas obras das três Pessoas, principalmente por aquelas que percebemos em nós.

Os testemunhos das Sagradas Escrituras, que nos ensinam a crer nesta Trindade, se acham em muitos lugares do Antigo Testamento. Não é preciso alistá-los, somente escolhê-los cuidadosamente. Em Gênesis 1:26 e 27, Deus diz: "Façamos o homem a nossa imagem, conforme a nossa semelhança" etc. "Criou Deus, pois, o homem a sua imagem; homem e mulher os criou". Assim também em Gênesis 3:22: "Eis que o homem se tornou como um de nós". Com isto se mostra que há mais de uma pessoa em Deus, porque Ele diz: "Façamos o homem a nossa imagem"; e, em seguida, Ele indica que há um só Deus, quando diz: "Deus criou". É verdade que Ele não diz quantas pessoas há, mas o que é um tanto obscuro, para nós, no Antigo Testamento, é bem claro no Novo. Pois quando nosso Senhor foi batizado no rio Jordão, ouviu-se a voz do Pai, que falou: "Este é o meu filho amado" (Mateus 3:17); enquanto o Filho foi visto na água e o Espírito Santo se manifestou em forma de pomba².

Além disso, Cristo instituiu, para o batismo de todos os fiéis, esta forma: Batizai todas as nações "em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo" (Mateus 28:19). No evangelho segundo Lucas, o anjo Gabriel diz a Maria, mãe do Senhor: "Descerá sobre ti o Espírito Santo e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso também o ente santo que há de nascer, será chamado Filho de Deus" (Lucas 1:35). Do mesmo modo: "A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós" (2 Coríntios 13:13).*

Em todos estes lugares, nos é ensinado que há três Pessoas em um só ser divino. E embora esta doutrina ultrapasse o entendimento humano, cremos nela, baseados na Palavra, e esperamos gozar de seu pleno conhecimento e fruto no céu.

Devemos considerar, também, a obra própria que cada uma dessas três Pessoas efetua em nós: o Pai é chamado nosso Criador, por seu poder; o Filho é nosso Salvador e Redentor, por seu sangue; o Espírito Santo é nosso Santificador, porque habita em nosso coração.

A verdadeira igreja sempre tem mantido esta doutrina da Trindade, desde os dias dos apóstolos até hoje, contra os judeus, os muçulmanos e falsos cristãos e hereges como Marcião, Mani, Práxeas, Sabélio, Paulo de Samósata, Ário e outros. A igreja antiga os condenou, com toda a razão. Por isso, nessa matéria, aceitamos de boa vontade, os três Credos ecumênicos, a saber: o Apostólico, o

Niceno e o Atanasiano; e também o que a igreja antiga determinou em conformidade com estes credos.

¹ Jo 14:16; Jo 15:26; At 2:32,33; Rm 8:9; Gl 4:6; Tt 3:4-6; 1Pe 1:2; 1Jo 4:13,14; 1Jo 5:1-12; Jd :20,21; Ap 1:4,5; ² Mt 3:16.

* Originalmente o texto incluía aqui as seguintes palavras: "E: "há três que dão testemunho no céu: o Pai, a Palavra, e o Espírito Santo; e estes três são um" (1 Jo 5:7)". A referência a 1 João 5:7b é duvidosa, porque este texto não se acha nos manuscritos antigos. (Nota do Editor).

ARTIGO 10 - JESUS CRISTO É DEUS

Creemos que Jesus Cristo, segundo sua natureza divina, é o único Filho de Deus¹, gerado desde a eternidade. Ele não foi feito, nem criado - pois, assim, Ele seria uma criatura; mas é de igual substância do Pai, co-eterno, "o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser" (Hebreus 1:3), igual a Ele em tudo².

Ele é o Filho de Deus, não somente desde que assumiu nossa natureza, mas desde a eternidade³, como os seguintes testemunhos nos ensinam, ao serem comparados uns aos outros:

Moisés diz que Deus criou o mundo⁴, e o apóstolo João diz que todas as coisas foram feitas por intermédio do Verbo que ele chama Deus⁵. O apóstolo diz que Deus fez o universo por seu Filho⁶ e, também, que Deus criou todas as coisas por meio de Jesus Cristo⁷. Segue-se necessariamente que aquele que é chamado Deus, o Verbo, o Filho e Jesus Cristo, já existia, quando todas as coisas foram criadas por Ele. O profeta Miquéias, portanto, diz: "Suas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade" (Miquéias 5:2); e a carta aos Hebreus testemunha: "Ele não teve princípio de dias, nem fim de existência" (Hebreus 7:3).

Assim, Ele é o verdadeiro, eterno Deus, o Todo-poderoso, a quem invocamos, adoramos e servimos.

¹ Mt 17:5; Jo 1:14,18; Jo 3:16; Jo 14:1-14; Jo 20:17,31; Rm 1:4; Gl 4:4; Hb 1:1; 1Jo 5:5,9-12. ² Jo 5:18,23; Jo 10:30; Jo 14:9; Jo 20:28; Rm 9:5; Fp 2:6; Cl 1:15; Tt 2:13; Hb 1:3; Ap 5:13. ³ Jo 8:58; Jo 17:5; Hb 13:8. ⁴ Gn 1:1. ⁵ Jo 1:1-3. ⁶ Hb 1:2. ⁷ 1Co 8:6; Cl 1:16.

ARTIGO 11 - O ESPÍRITO SANTO É DEUS

Creemos e confessamos, também, que o Espírito Santo procede do Pai e do Filho, desde a eternidade. Ele não foi feito, nem criado, nem gerado; mas procede de ambos¹.

Na ordem, Ele é a terceira pessoa da Trindade, de igual substância, majestade e glória do Pai e do Filho, verdadeiro e eterno Deus, como nos ensinam as Sagradas Escrituras².

¹ Jo 14:15-26; Jo 15:26; Rm 8:9. ² Gn 1:2; Mt 28:19; At 5:3,4; ICo 2:10; 1Co 6:11; 1Jo 5:6.

ARTIGO 12 - A CRIAÇÃO DO MUNDO E OS ANJOS

Creemos que o Pai, por seu Verbo, quer dizer, por seu Filho, criou, do nada, o céu, a terra e todas as criaturas, quando bem lhe aprouve¹. A cada criatura Ele deu sua própria natureza e forma e sua própria função para servir ao seu Criador. Também, Ele ainda hoje sustenta todas essas criaturas e as governa segundo sua eterna providência e por seu infinito poder, para elas servirem ao homem, a fim de que o homem sirva a seu Deus.

Ele também criou bons os anjos para serem seus mensageiros e servirem aos eleitos². Alguns deles caíram na eterna perdição³, da posição excelente em que Deus os tinha criado, mas os outros, pela graça de Deus, perseveraram e continuaram em sua primeira posição. Os demônios e os espíritos malignos são tão corrompidos que são inimigos de Deus e de todo o bem⁴. Como assassinos, com toda a sua força, estão à espreita da igreja e de cada um de seus membros, para demolir e destruir tudo com sua astúcia⁵. Por isso, por causa de sua própria malícia, estão condenados à maldição eterna e aguardam, a cada dia, seus tormentos terríveis⁶.

Neste ponto, rejeitamos e detestamos o erro dos saduceus que negam a existência de espíritos e de anjos⁷; também o erro dos maniqueus que dizem que os demônios têm sua origem em si mesmos e são maus por natureza; eles negam que os demônios se corromperam.

¹ Gn 1:1; Gn 2:3; Is 40:26; Jr 32:17; Cl 1:15,16; ITm 4:3; Hb 11:3; Ap 4:11. ² Sl 103:20,21; Mt 4:11; Hb 1:14. ³ Jo 8:44; 2Pe 2:4; Jd :6. ⁴ Gn 3:1-5; IPe 5:8. ⁵ Ef 6:12; Ap 12:4,13-17; Ap 20:7-9. ⁶ Mt 8:29; Mt 25:41; Ap 20:10. ⁷ At 23:8.

ARTIGO 13 - A PROVIDÊNCIA DE DEUS

Creemos que o bom Deus, depois de ter criado todas as coisas, não as abandonou, nem as entregou ao acaso ou a sorte¹, mas que as dirige e governa conforme sua santa vontade, de tal maneira que neste mundo nada acontece sem sua determinação². Contudo, Deus não é o autor, nem tem culpa do pecado que se comete³. Pois seu poder e bondade são tão grandes e incompreensíveis, que Ele ordena e faz sua obra muito bem e com justiça, mesmo que os demônios e os ímpios ajam injustamente⁴. E as obras dele que ultrapassam o entendimento humano, não queremos investigá-las curiosamente, além da nossa capacidade de entender. Mas, adoramos humilde e piedosamente a Deus em seus justos julgamentos, que nos estão escondidos⁵. Contentamo-nos em ser discípulos de Cristo, a fim de que aprendamos somente o que Ele nos ensina na sua Palavra, sem ultrapassar estes limites⁶.

Este ensino nos traz um inexprimível consolo, quando aprendemos dele, que nada nos acontece por acaso, mas pela determinação de nosso bondoso Pai

celestial. Ele nos protege com um cuidado paternal, dominando todas as criaturas de tal modo que nenhum cabelo - pois estes estão todos contados - e nenhum pardal cairá em terra sem o consentimento de nosso Pai (Mateus 10:29,30). Confiamos nisto, pois sabemos que Ele reprime os demônios e todos os nossos inimigos, e que eles, sem sua permissão, não nos podem prejudicar⁷. Por isso, rejeitamos o detestável erro dos epicureus, que dizem que Deus não se importa com nada e entrega tudo ao acaso.

¹ Jo 5:17; Hb 1:3. ² Sl 115:3; Pv 16:1,9,33; Pv 21:1; Ef 1:11. ³ Tg 1:13; 1Jo 2:16. ⁴ Jó 1:21; Is 10:5; Is 45:7; Am 3:6; At 2:23; At 4:27,28. ⁵ 1Rs 22:19-23; Rm 1:28; 2Ts 2:11. ⁶ Dt 29:29; 1Co 4:6. ⁷ Gn 45:8; Gn 50:20; 2Sm 16:10; Rm 8:28,38,39.

ARTIGO 14 - A CRIAÇÃO DO HOMEM. SUA QUEDA E SUA INCAPACIDADE DE FAZER O BEM

Creemos que Deus criou o homem do pó da terra¹, e o fez e formou conforme sua imagem e semelhança: bom, justo e santo², capaz de concordar, em tudo, com a vontade de Deus. Mas, quando o homem estava naquela posição excelente, ele não a valorizou e não a reconheceu. Dando ouvidos às palavras do diabo, submeteu-se por livre vontade ao pecado e assim à morte e à maldição³. Pois transgrediu o mandamento da vida, que tinha recebido e, pelo pecado, separou-se de Deus, que era sua verdadeira vida. Assim ele corrompeu toda a sua natureza e mereceu a morte corporal e espiritual⁴.

Tornando-se ímpio, perverso e corrupto em todas as suas práticas, ele perdeu todos os dons excelentes⁵, que tinha recebido de Deus. Nada lhe sobrou destes dons, senão pequenos traços, que são suficientes para deixar o homem sem desculpa⁶. Pois toda a luz em nós se tornou em trevas⁷ como nos ensina a Escritura: "A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela" (João 1:5). Aqui o apóstolo João chama os homens "trevas". Por isso, rejeitamos todo o ensino contrário, sobre o livre arbítrio do homem, porque o homem somente é escravo do pecado e "não pode receber coisa alguma se do céu não lhe for dada" (João 3:27). Pois quem se gloriará de fazer alguma coisa boa pela própria força, se Cristo diz: "Ninguém pode vir a mim se o Pai que me enviou não o trouxer" (João 6:44)? Quem falará sobre sua própria vontade sabendo que "o pendur da carne é inimizado contra Deus" (Romanos 8:7)? Quem ousará vangloriar-se sobre seu próprio conhecimento, reconhecendo que "o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus" (1 Coríntios 2:14)? Em resumo: quem apresentará um pensamento sequer, admitindo que não somos "capazes de pensar alguma coisa como se partisse de nós", mas que "a nossa suficiência vem de Deus" (2 Coríntios 3:5)?

Por isso, devemos insistir nesta palavra do apóstolo: "Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua vontade" (Filipenses 2:13). Pois, somente o entendimento ou a vontade que Cristo opera no homem, está em conformidade com o entendimento e vontade de Deus, como Ele ensina: "Sem mim nada podeis fazer" (João 15:5).

¹ Gn 2:7; Gn 3:19; Ec 12:7. ² Gn 1:26,27; Ef 4:24; Cl 3:10. ³ Gn 3:16-19; Rm 5:12. ⁴ Gn 2:17; Ef 2:1; Ef 4:18. ⁵ Sl 94:11; Rm 3:10; Rm 8:6. ⁶ Rm 1:20,21. ⁷ Ef 5:8.

ARTIGO 15 - O PECADO ORIGINAL

Creemos que, pela desobediência de Adão, o pecado original se estendeu por todo o gênero humano¹. Este pecado é uma depravação de toda a natureza humana² e um mal hereditário, com que até as crianças no ventre de suas mães estão contaminadas³. É a raiz que produz no homem todo tipo de pecado. Por isso, é tão repugnante e abominável diante de Deus que é suficiente para condenar o gênero humano⁴.

Não cremos que o batismo tenha algum efeito sobre o pecado original. A regeneração é uma obra do Espírito que não está ligada ao batismo físico. Este é um sinal físico de uma realidade espiritual já ocorrida na vida do crente que está sendo batizado.

Nem pelo batismo o pecado original é totalmente anulado ou destruído, porque o pecado sempre jorra desta depravação como água corrente de uma fonte contaminada⁵. O pecado original, porém, não é atribuído aos filhos de Deus para condená-los, mas é perdoado pela graça e misericórdia de Deus⁶. Isto não quer dizer que eles podem continuar descuidadamente numa vida pecaminosa. Pelo contrário, os fiéis, conscientes desta depravação, devem aspirar a livrar-se do corpo dominado pela morte (Romanos 7:24).

Neste ponto rejeitamos o erro do pelagianismo, que diz que o pecado é somente uma questão de imitação.

¹ Rm 5:12-14,19. ² Rm 3:10. ³ Jó 14:4; Sl 51:5; Jo 3:6. ⁴ Ef 2:3. ⁵ Rm 7:18,19. ⁶ Ef 2:4,5.

ARTIGO 16 - ELEIÇÃO ETERNA POR DEUS

Creemos que Deus, quando o pecado do primeiro homem lançou Adão e toda a sua descendência na perdição¹ mostrou-se como Ele é, a saber: misericordioso e justo. Misericordioso, porque Ele livra e salva da perdição aqueles que Ele em seu eterno e imutável conselho², somente pela bondade, elegeu³ em Jesus Cristo nosso Senhor⁴, sem levar em consideração obra alguma deles⁵. Justo, porque ele deixa os demais na queda e perdição, em que eles mesmos se lançaram⁶.

¹ Rm 3:12. ² Jo 6:37,44; Jo 10:29; Jo 17: 2,9,12; Jo 18:9. ³ 1Sm 12:22; Sl 65:4; At 13: 48; Rm 9:16; Rm 11:5; Tt 1:1. ⁴ Jo 15:16,19; Rm 8:29; Ef 1:4,5. ⁵ Mt 1:2,3; Rm 9:11-13; 2Tm 1:9; Tt 3:4,5. ⁶ Rm 9:19-22; 1Pe 2:8.

ARTIGO 17 - O SALVADOR, PROMETIDO POR DEUS

Creemos que nosso bom Deus, vendo que o homem havia se lançado assim na morte corporal e espiritual e se havia feito totalmente miserável, foi pessoalmente em busca do homem, quando este, tremendo, fugia de sua presença¹. Assim Deus mostrou sua maravilhosa sabedoria e bondade. Ele confortou o homem com a promessa de lhe dar seu Filho, que nasceria de uma

mulher (Gálatas 4:4) a fim de esmagar a cabeça da serpente (Gênesis 3:15) e de tornar feliz o homem².

¹ Gn 3:9. ² Gn 22:18; Is 7:14; Jo 1:14; Jo 5:46; Jo 7:42; At 13:32; Rm 1:2,3; Gl 3:16; 2Tm 2:8; Hb 7:14.

ARTIGO 18 - A ENCARNAÇÃO DO FILHO DE DEUS

Confessamos, então, que Deus cumpriu a promessa, feita aos pais antigos pela boca dos seus santos profetas¹, quando enviou ao mundo seu próprio, único e eterno Filho, no tempo determinado por ele². Este assumiu a forma de servo e tornou-se semelhante aos homens (Filipenses 2:7), tomando realmente a verdadeira natureza humana com todas as suas fraquezas³, mas sem o pecado⁴. Foi concebido no ventre da bem-aventurada virgem Maria, pelo poder do Espírito Santo, sem intervenção do homem⁵. E não somente tomou a natureza humana quanto ao corpo, mas também a verdadeira alma humana, para que fosse um verdadeiro homem. Pois, estando perdidos tanto a alma como o corpo, Ele devia tomar ambos para salvá-los.

Por isso, confessamos (contra a heresia dos anabatistas que negam que Cristo tomou a natureza de sua mãe), que Cristo participou do sangue e da carne dos filhos de Deus (Hebreus 2:14); que Ele, "segundo a carne, veio da descendência de Davi" (Romanos 1:3); fruto do ventre de Maria (Lucas 1:42); nascido de uma mulher (Gálatas 4:4); rebento de Davi (Jeremias 33:15; Atos 2:30); renovo da raiz de Jessé (Isaías 11:1); brotado de Judá (Hebreus 7:14); descendente dos judeus, segundo a carne (Romanos 9:5); da descendência de Abraão⁶, tornando-se semelhante aos irmãos em tudo, mas sem pecado (Hebreus 2:16,17; 4:15).

Assim Ele é, na verdade, nosso Emanuel, isto é: Deus conosco (Mateus 1:23).

¹ Gn 26:4; 2Sm 7:12-16; Sl 132:11; Lc 1:55; At 13:23. ² Gl 4:4. ³ 1Tm 2:5; 1Tm 3:16; Hb 2:14. ⁴ 2Co 5:21; Hb 7:26; 1Pe 2:22. ⁵ Mt 1:18; Lc 1:35. ⁶ Gl 3:16.

ARTIGO 19 - AS DUAS NATUREZAS DE CRISTO

Creemos que, por esta concepção, a pessoa do Filho está unida e conjugada inseparavelmente, com a natureza humana¹. Não há, então, dois filhos de Deus, nem duas pessoas, mas duas naturezas, unidas numa só pessoa, mantendo cada uma delas suas características distintas. A natureza divina permaneceu não criada, sem início nem fim de vida (Hebreus 7:3), preenchendo céu e terra². Do mesmo modo a natureza humana não perdeu suas características, mas permaneceu criatura, tendo início, sendo uma natureza finita e mantendo tudo o que é próprio de um verdadeiro corpo³. E ainda que, por meio da sua ressurreição, Cristo tenha concedido imortalidade à sua natureza humana, Ele não transformou a realidade da mesma⁴, pois nossa salvação e ressurreição dependem também da realidade de seu corpo⁵.

Estas duas naturezas, porém, estão unidas numa só pessoa de tal maneira que nem por sua morte foram separadas. Ao morrer, Ele entregou, então, nas mãos de seu Pai um verdadeiro espírito humano, que saiu de seu corpo⁶, entretanto, a natureza divina sempre continuou unida a humana, mesmo quando ele jazia no sepulcro⁷. A divindade não cessou de estar nele, assim como estava nele quando era criança, embora, por algum tempo, não se tivesse manifestado.

Por isso, confessamos que Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem: verdadeiro Deus a fim de vencer a morte por seu poder; verdadeiro homem a fim de morrer por nós na fraqueza de sua carne.

¹ Jo 1:14; Jo 10:30; Rm 9:5; Fp 2:6,7. ² Mt 28:20. ³ 1Tm 2:5. ⁴ Mt 26:11; Lc 24:39; Jo 20:25; At 1:3,11; At 3:21; Hb 2:9. ⁵ 1Co 15:21; Fp 3:21. ⁶ Mt 27:50. ⁷ Rm 1:4.

ARTIGO 20 - A JUSTIÇA E A MISERICÓRDIA DE DEUS EM CRISTO

Creemos que Deus, perfeitamente misericordioso e justo, enviou seu Filho para assumir a natureza humana em que foi cometida a desobediência¹. Nesta natureza, Ele satisfaz a Deus, carregando o castigo pelos pecados, através de seu mui amargo sofrimento e morte². Assim Deus provou sua justiça sobre seu Filho, quando carregou sobre Ele nossos pecados³ e derramou sua bondade e misericórdia sobre nós, culpados e dignos da condenação. Por amor perfeitíssimo, Ele entregou seu Filho à morte por nós e O ressuscitou para nossa justificação⁴, a fim de que por ele tivéssemos a imortalidade e a vida eterna.

¹ Rm 8:3. ² Hb 2:14. ³ Rm 3:25,26; Rm 8:32. ⁴ Rm 4:25.

ARTIGO 21 - A SATISFAÇÃO POR CRISTO

Creemos que Jesus Cristo é um eterno Sumo Sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque, o que Deus confirmou por juramento¹. Perante seu Pai e para apaziguar-Lhe a ira, Ele se apresentou em nosso nome, por satisfação própria², sacrificando-se a si mesmo e derramando seu precioso sangue, para purificação dos nossos pecados³, conforme os profetas predisseram⁴.

Pois, está escrito que "o castigo que nos traz a paz estava sobre" o Filho de Deus e que "pelas suas pisaduras fomos sarados"⁵; "como cordeiro foi levado ao matadouro"; "foi contado com os transgressores"⁶ (Isaías 53: 5,7,12); e como criminoso foi condenado por Pôncio Pilatos embora este o tivesse declarado inocente⁷.

Assim, então, restituiu o que não tinha furtado (Salmo 69:4), e sofreu, "o justo pelos injustos"⁸ (1 Pedro 3:18), tanto no seu corpo como na sua alma⁹, de maneira que sentiu o terrível castigo que os nossos pecados mereceram. Assim "o seu suor se tornou como gotas de sangue caindo sobre a terra" (Lucas 22:44). Ele "clamou em alta voz: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Mateus 27:46) e padeceu tudo para a remissão dos nossos pecados.

Por isso, dizemos, com razão, junto com Paulo que não sabemos outra coisa, "senão Jesus Cristo, e este crucificado" (1 Coríntios 2:2). Consideramos "tudo como perda por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus", nosso Senhor (Filipenses 3:8).

Encontramos toda consolação em seus ferimentos e não precisamos buscar ou inventar qualquer outro meio para nos reconciliarmos com Deus, "porque com uma única oferta aperfeiçoou para sempre quantos estão sendo santificados"¹⁰ (Hebreus 10:14). Por isso, o anjo de Deus O chamou Jesus, quer dizer: Salvador, porque ia salvar "o seu povo dos pecados deles"¹¹ (Mateus 1:21).

¹ Sl 110:4; Hb 7:15-17. ² Rm 4:25; Rm 5: 8-9; Rm 8:32; Gl 3:13; Cl 2:14; Hb 2:9,17; Hb 9:11-15. ³ At 2:23; Fp 2:8; 1Tm 1:15; Hb 9:22; 1Pe 1:18,19; 1Jo 1:7; Ap 7:14. ⁴ Lc 24:25-27; Rm 3:21; 1Co 15:3. ⁵ 1Pe 2:24. ⁶ Mc 15:28. ⁷ Jo 18:38. ⁸ Rm 5:6. ⁹ Sl 22:15. ¹⁰ Hb 7:26-28; Hb 9:24-28. ¹¹ Lc 1:31; At 4:12.

ARTIGO 22 - A JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ EM CRISTO

Creemos que, para obtermos verdadeiro conhecimento desse grande mistério, o Espírito Santo acende, em nosso coração, verdadeira fé¹. Esta fé abraça Jesus Cristo com todos os seus méritos, apropria-se dele e nada mais busca fora dele². Pois das duas, uma: ou não se acha em Jesus Cristo tudo o que é necessário para nossa salvação, ou tudo se acha nele, e, então, aquele que possui Jesus Cristo pela fé, tem a salvação completa³. Dizer, porém, que Cristo não é suficiente, mas que, além dele, algo mais é necessário, significaria uma blasfêmia horrível. Pois Cristo seria apenas um salvador incompleto.

Por isso, dizemos, com razão, junto com o apóstolo Paulo, que somos justificados somente pela fé, ou pela fé sem as obras⁴ (Romanos 3:28). Entretanto, não entendemos isto como se a própria fé nos justificasse⁵, mas ela é somente o instrumento com que abraçamos Cristo, nossa justiça. Mas Jesus Cristo, atribuindo-nos todos os seus méritos e tantas obras santas, que fez por nós e em nosso lugar, é nossa justiça⁶. E a fé é o instrumento que nos mantém com Ele na comunhão de todos os seus benefícios. Estes, uma vez dados a nós, são mais que suficientes para nos absolver dos pecados.

¹ Jo 16:14; 1Co 2:12; Ef 1:17,18. ² Jo 14:6; At 4:12; Gl 2:21. ³ Sl 32:1; Mt 1:21; Lc 1: 77; At 13:38,39; Rm 8:1. ⁴ Rm 3:19-4:8; Rm 10:4-11; Gl 2:16; Fp 3:9; Tt 3:5. ⁵ 1Co 4:7. ⁶ Jr 23:6; Mt 20:28; Rm 8:33; 1Co 1:30,31; 2Co 5:21; 1Jo 4:10.

ARTIGO 23 - NOSSA JUSTIÇA PERANTE DEUS EM CRISTO

Creemos que nossa verdadeira felicidade consiste no perdão dos pecados, por causa de Jesus Cristo, e que isto significa para nós a justiça perante Deus¹. Assim nos ensinam Davi e Paulo, declarando: "Bem-aventurado o homem a quem Deus atribui justiça, independentemente de obras" (Romanos 4:6; Salmo 32:2). E o mesmo apóstolo diz que somos "justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus"² (Romanos 3: 24).

Portanto, perseveramos neste fundamento, dando toda a glória a Deus³, humilhando-nos e reconhecendo que nós, homens, somos maus. Não nos vangloriamos, de nenhuma maneira, de nós mesmos ou de nossos méritos⁴. Somente nos apoiamos e repousamos na obediência do Cristo crucificado⁵. Esta obediência é nossa se cremos nele⁶. Ela é suficiente para cobrir todas as nossas iniquidades. Ela liberta nossa consciência de temor, perplexidade e espanto e, assim, nos dá ousadia de aproximarmos-nos de Deus, sem fazermos como nosso primeiro pai Adão que, tremendo, quis cobrir-se com folhas de figueira⁷. E, certamente, se tivéssemos que comparecer perante Deus, apoiando-nos, por pouco que fosse, em nós mesmos ou em qualquer outra criatura - ai de nós - pereceríamos⁸. Por isso, cada um deve dizer com Davi: "Não entres em juízo com o teu servo, porque à tua vista não há justo nenhum vivente" (Salmo 143:2).

¹ 1Jo 2:1. ² 2Co 5:18,19; Ef 2:8; 1Tm 2:6. ³ Sl 115:1; Ap 7:10-12. ⁴ 1Co 4:4; Tg 2:10. ⁵ At 4:12; Hb 10:20. ⁶ Rm 4:23-25. ⁷ Gn 3:7; Sf 3:11; Hb 4:16; 1Jo 4:17-19. ⁸ Lc 16: 15; Fp 3:4-9.

ARTIGO 24 - A SANTIFICAÇÃO

Creemos que a verdadeira fé, tendo sido acesa no homem pelo ouvir da Palavra de Deus e pela obra do Espírito Santo¹, regenera o homem e o torna um homem novo². Esta verdadeira fé o faz viver na vida nova e o liberta da escravidão do pecado³.

Por isso, é impossível que esta fé justificadora leve os homens a se descuidarem da vida piedosa e santa⁴. Pelo contrário, sem esta fé jamais farão alguma coisa por amor a Deus⁵, mas somente por amor a si mesmos e por medo de serem condenados. É impossível, portanto, que esta fé permaneça no homem sem frutos. Pois, não falamos de uma fé vã, mas da fé, de que a Escritura diz que "atua pelo amor" (Gálatas 5:6). Ela move o homem a exercitar-se nas obras que Deus mandou na sua Palavra. Estas obras, se procedem da boa raiz da fé, são boas e agradáveis a Deus, porque todas elas são santificadas por sua graça.

Entretanto, elas não são levadas em conta para nos justificar. Porque é pela fé em Cristo que somos justificados, mesmo antes de fazermos boas obras⁶. De outro modo, estas obras não poderiam ser boas, assim como o fruto da árvore não pode ser bom, se a árvore não for boa⁷.

Então, fazemos boas obras, mas não para merecermos algo. Pois, que mérito poderíamos ter? Antes, somos devedores a Deus pelas boas obras que fazemos e não Ele a nós⁸. Pois, "Deus é quem efetua em" nós "tanto o querer como o realizar, segundo sua boa vontade" (Filipenses 2:13).

Então, levemos a sério o que está escrito: "Assim também vós, depois de haverdes feito quanto vos foi ordenado, dizei: Somos servos inúteis, porque fizemos apenas o que devíamos fazer" (Lucas 17:10). Contudo, não queremos negar que Deus recompensa as boas obras⁹; mas, por sua graça, Ele coroa seus próprios dons.

E, em seguida, mesmo que façamos boas obras, nelas não fundamentamos nossa salvação. Porque, por sermos pecadores, não podemos fazer obra alguma que não esteja contaminada e não mereça ser castigada¹⁰. E, ainda que pudéssemos produzir uma só boa obra, a lembrança de um só pecado bastaria para torná-la rejeitável perante Deus¹¹. Assim, sempre duvidaríamos, levados de um lado para o outro, sem certeza alguma, e nossa pobre consciência estaria sempre aflita, a não ser que se apoiasse no mérito do sofrimento e da morte de nosso Salvador¹².

¹ At 16:14; Rm 10:17; 1Co 12:3. ² Ez 36:26, 27; Jo 1:12,13; Jo 3:5; Ef 2:4-6; Tt 3:5; 1Pe 1:23. ³ Jo 5:24; Jo 8:36; Rm 6:4-6; 1Jo 3:9. ⁴ Gl 5:22; Tt 2:12. ⁵ Jo 15:5; Rm 14: 23; 1Tm 1:5; Hb 11:4,6. ⁶ Rm 4:5. ⁷ Mt 7:17. ⁸ 1Co 1:30; 1Co 4:7; Ef 2:10. ⁹ Rm 2:6,7; 1Co 3:14; 2Jo :8; Ap 2:23. ¹⁰ Rm 7:21. ¹¹ Tg 2:10. ¹² Hc 2:4; Mt 11:28; Rm 10:11.

ARTIGO 25 - CRISTO, O CUMPRIMENTO DA LEI

Creemos que as cerimônias e figuras da lei terminaram com a vinda de Cristo e que, assim, todas as sombras chegaram ao fim¹. Por isso, os cristãos não devem mais usá-las. Contudo, para nós, sua verdade e substância permanecem em Cristo Jesus, em quem têm seu cumprimento².

Entretanto, ainda usamos os testemunhos da Lei e dos Profetas para confirmarmo-nos no Evangelho e, também, para regularmos nossa vida em toda honestidade, para a glória de Deus, conforme sua vontade³.

¹ Mt 27:51; Rm 10:4; Hb 9:9,10. ² Mt 5:7; Gl 3:24; Cl 2:17. ³ Rm 13:8-10; Rm 15:4; 2Pe 1:19; 2Pe 3:2.

ARTIGO 26 - CRISTO, NOSSO ÚNICO ADVOGADO

Creemos que nenhum acesso temos a Deus, senão pelo único Mediador¹ e Advogado Jesus Cristo, o Justo². Porque Ele se tornou homem e uniu as naturezas divina e humana, para que nós, homens, tivéssemos acesso à majestade divina³. De outro modo, nenhum acesso teríamos. Mas este Mediador que o Pai constituiu entre Ele e nós, não nos deve assustar por sua grandeza, a ponto de fazer-nos procurar um outro, conforme nossa própria vontade. Porque não há ninguém, nem no céu, nem na terra, entre as criaturas, que nos ame mais que Jesus Cristo⁴. "Pois ele, subsistindo em forma de Deus ... a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens" por nós, "em todas as coisas ... semelhante aos irmãos" (Filipenses 2:6,7; Hebreus 2:17).

Agora, se tivéssemos que buscar outro mediador que nos fosse favorável, quem poderíamos encontrar que mais nos amasse senão Ele que entregou sua vida por nós, sendo nós ainda inimigos (Romanos 5:8,10)? E se tivéssemos que buscar alguém que tivesse poder e estima, quem os teria tanto quanto Ele que está sentado a direita de seu Pai⁵, e que tem "toda a autoridade... no céu e na

terra" (Mateus 28:18)? E quem será ouvido antes do que o próprio bem-amado Filho de Deus⁶?

Foi, então, somente falta de confiança que levou os homens ao costume de desonrar os santos em vez de honrá-los. Pois fazem o que estes santos jamais fizeram ou desejaram, mas sempre rejeitaram, conforme era seu dever⁷, como mostram seus escritos.

Aqui não se deve alegar que não somos dignos; pois não apresentamos as orações a Deus em razão de nossa dignidade, mas somente pela excelência e dignidade de nosso Senhor Jesus Cristo⁸, cuja justiça é nossa, mediante a fé⁹.

Por isso a Escritura nos diz, querendo tirar de nós esse tolo receio, ou antes, essa falta de confiança, que Jesus Cristo tornou-se "em todas as coisas... semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote nas coisas referentes a Deus, e para fazer propiciação pelos pecados do povo. Pois naquilo que ele mesmo sofreu, tendo sido tentado, é poderoso para socorrer os que são tentados" (Hebreus 2:17,18). E a Escritura diz também, para animar-nos ainda mais a ir para Ele: "Tendo, pois, a Jesus, o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que entrou nos céus, conservemos firmes a nossa confissão. Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, antes foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado. Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e achamos graça para socorro em ocasião oportuna"¹⁰ (Hebreus 4:14-16). A Escritura diz ainda: "Tendo, pois, irmãos, intrepidez para entrar no Santo dos santos, pelo sangue de Jesus... aproximemo-nos... em plena certeza de fé ..." (Hebreus 10:19-22). E também Cristo "tem o seu sacerdócio imutável. Por isso, também pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles"¹¹ (Hebreus 7:24,25).

Então, do que precisamos mais, visto que o próprio Cristo declara: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim" (João 14:6)? Por que buscaríamos outro advogado visto que agradou a Deus nos dar seu Filho como Advogado? Não O abandonemos para buscar outro que nunca encontraremos. Pois quando Deus O deu a nós, bem sabia que éramos pecadores.

Por isso, conforme o mandamento de Cristo, invocamos o Pai celestial mediante Cristo, nosso único Mediador¹², como nos foi ensinado na oração do Senhor¹³. E temos a certeza de que o Pai nos concederá tudo o que Lhe pedirmos em nome de Cristo¹⁴ (João 16:23).

¹ 1Tm 2:5. ² 1Jo 2:1. ³ Ef 3:12. ⁴ Mt 11: 28; Jo 15:13; Ef 3:19; 1Jo 4:10. ⁵ Hb 1:3; Hb 8:1. ⁶ Mt 3:17; Jo 11:42; Ef 1:6. ⁷ At 10:26; At 14:15. ⁸ Jr 17:5,7; At 4:12. ⁹ 1Co 1:30. ¹⁰ Jo 10:9; Ef 2:18; Hb 9:24. ¹¹ Rm 8:34. ¹² Hb 13:15. ¹³ Mt 6:9-13; Lc 11:2-4. ¹⁴ Jo 14:13.

ARTIGO 27 - A IGREJA CATÓLICA OU UNIVERSAL

Creemos e confessamos uma só igreja católica ou universal¹. Ela é uma santa congregação e assembléia² dos verdadeiros crentes em Cristo, que esperam toda a sua salvação de Jesus Cristo³, lavados pelo sangue dele, santificados e selados pelo Espírito Santo⁴.

Esta igreja existe desde o princípio do mundo e existirá até o fim. Pois, Cristo é um Rei eterno, que não pode estar sem súditos⁵. Esta santa igreja é mantida por Deus contra o furor do mundo inteiro⁶, mesmo que ela, às vezes, por algum tempo, seja muito pequena e na opinião dos homens, quase desaparecida⁷. Assim, Deus guardou para si, na perigosa época de Acabe, sete mil homens, que não tinham dobrado os joelhos a Baal⁸.

Esta santa igreja também não está situada, fixada ou limitada em certo lugar, ou ligada a certas pessoas, mas ela está espalhada e dispersa pelo mundo inteiro⁹. Contudo, está integrada e unida, de coração e vontade, no mesmo Espírito, pelo poder da fé¹⁰.

¹ Gn 22:18; Is 49:6; Ef 2:17-19. ² Sl 111:1; Jo 10:14,16; Ef 4:3-6; Hb 12:22,23. ³ Jl 2: 32; At 2:21. ⁴ Ef 1:13; Ef 4:30. ⁵ 2Sm 7:16; Sl 89:36; Sl 110:4; Mt 28:18,20; Lc 1:32. ⁶ Sl 46:5; Mt 16:18. ⁷ Is 1:9; 1Pe 3:20; Ap 11:7. ⁸ 1Rs 19:18; Rm 11:4. ⁹ Mt 23:8; Jo 4:21-23; Rm 10:12,13. ¹⁰ Sl 119:63; At 4:32; Ef 4:4.

ARTIGO 28 - O DEVER DE JUNTAR-SE À IGREJA

Esta santa assembleia é a congregação daqueles que são salvos, e fora dela não há salvação¹. Creemos, então, que ninguém, qualquer que seja a posição ou qualidade, deve viver afastado dela e contentar-se com sua própria pessoa. Mas cada um deve se juntar e se reunir a ela², mantendo a unidade da igreja, submetendo-se a sua instrução e disciplina³, curvando-se diante do jugo de Jesus Cristo⁴ e servindo para a edificação dos irmãos⁵, conforme os dons que Deus concedeu a todos, como membros do mesmo corpo⁶.

Para observar melhor tudo isso, o dever de todos os fiéis é, conforme a Palavra de Deus, separar-se daqueles que não pertencem a igreja⁷, e juntar-se a esta assembleia⁸ em todo lugar onde Deus a tenha estabelecido. Este dever deve ser cumprido, mesmo que os governos e as leis das autoridades o contrariem e mesmo que a morte ou a pena corporal sejam a consequência disto⁹.

Por isso, todos os que se separam desta igreja ou não se juntam a ela, contrariam a ordem de Deus.

¹ Mt 16:18,19; At 2:47; Gl 4:26; Ef 5:25-27; Hb 2:11,12; Hb 12:23. ² 2Cr 30:8; Jo 17:21; Cl 3:15. ³ Hb 13:17. ⁴ Mt 11:28-30. ⁵ Ef 4:12. ⁶ 1Co 12:7,27; Ef 4:16. ⁷ Nm 16:23-26; Is 52:11,12; At 2:40; Rm 16:17; Ap 18:4. ⁸ Sl 122:1; Is 2:3; Hb 10:25. ⁹ At 4:19,20.

ARTIGO 29 - AS MARCAS DA VERDADEIRA IGREJA, DE SEUS MEMBROS E DA FALSA IGREJA

Creemos que se deve discernir diligentemente e com muito cuidado, pela Palavra de Deus, qual é a verdadeira igreja, visto que todas as seitas, que atualmente existem no mundo, se chamam igreja, mas sem razão¹. Não falamos aqui dos hipócritas que, na igreja, se acham entre os sinceros fiéis; contudo, não pertencem à igreja, embora sejam membros dela². Mas queremos dizer que se deve distinguir o corpo e a comunhão da verdadeira igreja, de todas as seitas que se dizem igreja.

As marcas para conhecer a verdadeira igreja são estas: ela mantém a pura pregação do Evangelho³, a pura administração dos sacramentos⁴ como Cristo os instituiu, e o exercício da disciplina eclesiástica para castigar os pecados⁵. Em resumo: ela se orienta segundo a pura Palavra de Deus⁶, rejeitando todo o contrário a esta Palavra⁷ e reconhecendo Jesus Cristo como o único Cabeça⁸. Assim, com certeza, se pode conhecer a verdadeira igreja; e a ninguém convém separar-se dela.

Aqueles que pertencem à igreja podem ser conhecidos pelas marcas dos cristãos, a saber: pela fé⁹ e pelo fato de que eles, tendo aceitado Jesus Cristo como único Salvador, fogem do pecado e seguem a justiça¹⁰, amando Deus e seu próximo¹¹, não se desviando para a direita nem para a esquerda e crucificando a carne, com as obras dela¹². Isto não quer dizer, porém, que eles não têm ainda grande fraqueza, mas, pelo Espírito, a combatem, em todos os dias de sua vida¹³, e sempre recorrem ao sangue, à morte, ao sofrimento e à obediência do Senhor Jesus. Nele eles têm a remissão dos pecados, pela fé¹⁴.

Quanto à falsa igreja, ela atribui mais poder e autoridade a si mesma e a seus regulamentos do que à Palavra de Deus e não quer submeter-se ao jugo de Cristo¹⁵. Ela não administra os sacramentos como Cristo ordenou em sua Palavra, mas acrescenta ou elimina o que lhe convém. Ela se baseia mais nos homens que em Cristo. Ela persegue aqueles que vivem de maneira santa, conforme a Palavra de Deus, e que lhe repreendem os pecados, a avareza e a idolatria¹⁶.

É fácil conhecer estas duas igrejas e distingui-las uma da outra.

¹ Ap 2:9. ² Rm 9:6. ³ Gl 1:8; 1Tm 3:15. ⁴ At 19:3-5; 1Co 11:20-29. ⁵ Mt 18:15-17; 1Co 5:4,5,13; 2Ts 3:6,14; Tt 3:10. ⁶ Jo 8:47; Jo 17:20; At 17:11; Ef 2:20; Cl 1:23; 1Tm 6:3. ⁷ 1Ts 5:21; 1Tm 6:20; Ap 2:6. ⁸ Jo 10:14; Ef 5:23; Cl 1:18. ⁹ Jo 1:12; 1Jo 4:2. ¹⁰ Rm 6:2; Fp 3:12. ¹¹ 1Jo 4:19-21. ¹² Gl 5:24. ¹³ Rm 7:15; Gl 5:17. ¹⁴ Rm 7:24,25; 1Jo 1:7-9. ¹⁵ At 4:17,18; 2Tm 4:3,4; 2Jo :9. ¹⁶ Jo 16:2.

ARTIGO 30 - O GOVERNO DA IGREJA

Não há, na Bíblia nenhum conselho da igreja formado por pastores, presbíteros e diáconos. Além disso, a Bíblia usa presbítero, bispo e pastor de forma intercambiável. Nenhuma igreja, no século XVI, tinha elementos de governo congregacional. Isso só viria mais tarde com os puritanos ingleses. Ainda assim, os presbíteros e diáconos deveriam ser escolhidos pela igreja, conforme o artigo 31 abaixo.

Creemos que esta verdadeira igreja deve ser governada conforme a ordem espiritual, que nosso Senhor nos ensinou na sua Palavra¹. Deve haver ministros ou pastores para pregarem a Palavra de Deus e administrarem os sacramentos²; deve haver também presbíteros³ e diáconos⁴ para formarem, com os pastores, o conselho da igreja⁵. Assim, eles devem manter a verdadeira religião e fazer com que a verdadeira doutrina seja propagada, que os transgressores sejam castigados e contidos, de forma espiritual, e que os pobres e os aflitos recebam ajuda e consolação, conforme necessitam⁶.

Desta maneira, tudo procederá, na igreja, em boa ordem, quando forem eleitas pessoas fiéis⁷, conforme a regra do apóstolo Paulo na carta a Timóteo⁸.

¹ At 20:28; Ef 4:11,12; 1Tm 3:15; Hb 13:20, 21. ² Lc 1:2; Lc 10:16; Jo 20:23; Rm 10:14; 1Co 4:1; 2Co 5:19,20; 2Tm 4:2. ³ At 14:23; Tt 1:5. ⁴ 1Tm 3:8-10. ⁵ Fp 1:1; 1Tm 4:14. ⁶ At 6:1-4; Tt 1:7-9. ⁷ 1Co 4:2. ⁸ 1Tm 3.

ARTIGO 31 - OS OFÍCIOS NA IGREJA

Creemos que os ministros da palavra de Deus, os presbíteros e os diáconos devem ser escolhidos para seus ofícios mediante eleição legítima pela igreja, sob invocação do nome de Deus e em boa ordem, conforme a palavra de Deus ensina¹.

Por isso, cada membro deve cuidar para não se apoderar do ofício por meios ilícitos, mas deve esperar a hora em que é chamado por Deus, a fim de ter, assim, a certeza de que sua vocação vem do Senhor².

Quanto aos ministros da Palavra, eles têm, onde quer que estejam, igual poder e autoridade, porque todos são servos de Jesus Cristo³, o único Bispo universal e o único Cabeça da igreja⁴.

Além disto, a santa ordem de Deus não pode ser violada ou desprezada. Dizemos, portanto, que cada um deve ter respeito especial pelos ministros da Palavra e presbíteros da igreja, em razão do trabalho que realizam⁵. Cada um deve viver em paz com eles, tanto quanto possível, sem murmuração, contenda ou discórdia.

¹ At 1:23,24; At 6:2,3. ² At 13:2; 1Co 12: 28; 1Tm 4:14; 1Tm 5:22; Hb 5:4. ³ 2Co 5:20; 1Pe 5:1-4. ⁴ Mt 23:8,10; Ef 1:22; Ef 5:23. ⁵ 1Ts 5:12,13; 1Tm 5:17; Hb 13:17.

ARTIGO 32 - A ORDEM E A DISCIPLINA DA IGREJA

Creemos que os que governam a igreja devem cuidar para não se desviarem do que Cristo, nosso único Mestre, nos ordenou¹; embora seja útil e bom que, entre eles, se estabeleça e conserve determinada ordem para manter o corpo da igreja.

Por isso, rejeitamos todas as invenções humanas e todas as leis que se queiram introduzir para servir a Deus, mas que venham, de qualquer maneira, comprometer e constranger a consciência². Aceitamos, então, somente o que serve para promover e guardar a concórdia e a unidade e para manter tudo na obediência a Deus³.

Esta ordem (caso desobedecida exige a excomunhão), feita conforme a Palavra de Deus, com todas as suas conseqüências⁴.

¹ 1Tm 3:15. ² Is 29:13; Mt 15:9; Gl 5:1. ³ 1Co 14:33. ⁴ Mt 16:19; Mt 18:15-18; Rm 16:17; 1Co 5; 1Tm 1:20.

ARTIGO 33 - OS SACRAMENTOS

Creemos que nosso bom Deus, atento à nossa ignorância e fraqueza, instituiu os sacramentos, a fim de nos selar suas promessas e nos conceder penhores de sua benevolência e graça para conosco e, também, alimentar e sustentar nossa fé¹. Ele acrescentou os sacramentos à palavra do Evangelho² para melhor apresentar aos nossos sentidos tanto o que Ele nos declara por sua Palavra, como o que Ele opera em nossos corações.

Assim, Ele confirma a salvação de que nos fez participar. Pois os sacramentos são visíveis sinais e selos de uma realidade interna e invisível. Através deles, Deus opera em nós, pelo poder do Espírito Santo³. Por isso, os sinais não são vãos nem vazios para nos enganar, porque Jesus Cristo é a verdade deles e, sem Ele, nada seriam.

Além disto, nos contentamos com o número dos sacramentos que Cristo, nosso Mestre, instituiu e que não são mais de dois: o sacramento do batismo⁴ e o da santa ceia de Jesus Cristo⁵.

¹ Gn 17:9-14; Êx 12; Rm 4:11. ² Mt 28:19; Ef 5:26. ³ Rm 2:28,29; Cl 2:11,12. ⁴ Mt 28:19. ⁵ Mt 26:26-28; 1Co 11:23-26.

ARTIGO 34 - O SANTO BATISMO

Creemos e confessamos que Jesus Cristo, o qual é "o fim da lei" (Romanos 10:4), derramando seu sangue, acabou com qualquer outro derramamento de sangue, que se possa ou queira realizar para reconciliação dos pecados. Tendo abolido a circuncisão, que se praticava com sangue, Ele instituiu, em lugar dela, o sacramento do batismo¹.

Pelo batismo somos recebidos na igreja de Deus e separados de todos os outros povos e outras religiões para pertencermos totalmente a Ele², tendo sua marca e estandarte. O batismo nos serve para testemunhar que Ele eternamente será nosso Deus e misericordioso Pai.

Por isso, Cristo mandou batizar todos os seus "em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo" (Mateus 28:19), somente com água. Desta forma Ele nos dá a

A relação que se costuma fazer entre circuncisão e batismo, comumente defendida pelos irmãos que são pedobatistas, vem de uma interpretação forçada de Cl 2:11. Não cremos que exista essa relação estreita entre as duas cerimônias.

entender que assim como a água tira a impureza do corpo, quando derramada em nós, e também assim como a água é vista no corpo de quem recebe o batismo, assim o sangue de Cristo, através do Espírito Santo³, lava a alma, purificando-a dos pecados⁴, e faz com que nós, filhos da ira nasçamos de novo para sermos filhos de Deus⁵.

Porém, não somos purificados de nossos pecados pela água do batismo⁶, mas pela aspersão com o precioso sangue do Filho de Deus⁷. Ele é nosso Mar Vermelho⁸, que devemos atravessar para escapar da tirania de Faraó - que é o diabo - e para entrar na Canã espiritual.

Os ministros, por sua parte, nos administram somente o sacramento, que é visível, mas nosso Senhor nos concede o que o sacramento significa, a saber: os dons invisíveis da graça. Ele lava nossa alma, purificando-a e limpando-a de todas as impurezas e iniquidades⁹. Ele renova nosso coração, enchendo-o de toda a consolação, e nos dá a verdadeira certeza de sua bondade paternal. Ele nos reveste do novo homem, despindo-nos do velho com todas as suas obras¹⁰.

Por isso, cremos que quem quer entrar na vida eterna, deve ser batizado só uma vez¹¹. O batismo não pode ser repetido, porque também não podemos nascer duas vezes e porque este batismo tem utilidade não somente no momento de recebê-lo, mas durante a vida inteira.

Rejeitamos, portanto, o erro dos anabatistas, que não se contentam com o batismo que uma vez receberam e que, além disto, condenam o batismo dos filhos pequenos dos crentes. Nós cremos, porém, que eles devem ser batizados e, com o sinal da aliança, devem ser selados, assim como as crianças em Israel eram circuncidadas com base nas mesmas promessas que foram feitas a nossos filhos¹². Cristo, de fato, derramou seu sangue para lavar, igualmente, as crianças dos fiéis e os adultos¹³. Por isso, elas devem receber o sinal e o sacramento da obra que Cristo fez para elas, como o Senhor, outrora, na lei, determinava que as crianças participassem, pouco depois do seu nascimento, do sacramento do sofrimento e da morte de Cristo, através da oferta de um cordeiro¹⁴, que era um sacramento de Jesus Cristo.

Além disto, o batismo tem, para nossos filhos, o mesmo efeito que a circuncisão tinha para o povo judeu. É por esta razão que o apóstolo Paulo chama ao batismo: "a circuncisão de Cristo" (Colossenses 2:11).

No tempo da confissão somente os anabatistas batizavam adultos por considerarem inválido o batismo recebido quando bebê. Como a teologia deles era muito ruim, não foram respeitados. Coube aos batistas, ramo puritano na Inglaterra, esclarecer o que é o batismo bíblico. A ligação entre circuncisão e batismo e a indicação de uma possível expiação feita por quem não professa a fé indicam uma escatologia sub-realizada e um equívoco quanto à continuidade e descontinuidade entre as duas alianças.

¹ Cl 2:11. ² Êx 12:48; 1Pe 2:9. ³ Mt 3:11; 1Co 12:13. ⁴ At 22:16; Hb 9:14; 1Jo 1:7; Ap 1:5b. ⁵ Tt 3:5. ⁶ 1Pe 3:21. ⁷ Rm 6:3; 1Pe 1:2; 1Pe 2:24. ⁸ 1Co 10:1-4. ⁹ 1Co 6:11; Ef 5:26. ¹⁰ Rm 6:4; Gl 3:27. ¹¹ Mt 28:19; Ef 4:5. ¹² Gn 17: 10-12; Mt 19:14; At 2:39. ¹³ 1Co 7:14. ¹⁴ Lv 12:6.

ARTIGO 35 - A SANTA CEIA

Creemos e confessamos que nosso Salvador Jesus Cristo ordenou e instituiu o sacramento da santa ceia¹, a fim de alimentar e sustentar aqueles que Ele já fez nascer de novo e incorporou à sua família, que é a sua igreja.

Agora, aqueles que nasceram de novo têm duas vidas diferentes². Uma é corporal e temporária: eles a trouxeram de seu primeiro nascimento e todos os homens a tem. A outra é espiritual e celestial: ela lhes é dada no segundo nascimento que se realiza pela palavra do Evangelho³, na comunhão com o corpo de Cristo. Esta vida apenas os eleitos de Deus possuem. Assim Deus ordenou para a manutenção da vida corporal e terrestre, pão comum, terrestre, que todos recebem como recebem a vida.

Porém, a fim de manter a vida espiritual e celestial, que os crentes possuem, Ele lhes enviou um "pão vivo, que desceu do céu" (João 6:51) , isto é, Jesus Cristo⁴. Ele alimenta e mantém a vida espiritual dos crentes⁵ quando é comido, quer dizer: aceito espiritualmente e recebido pela fé⁶.

A fim de nos figurar este pão espiritual e celestial, Cristo ordenou um pão terrestre e visível como sacramento de seu corpo e o vinho como sacramento de seu sangue⁷. Com eles nos assegura: tão certo como recebemos o sacramento e o temos em nossas mãos e o comemos e bebemos com nossa boca, para manter nossa vida, tão certo recebemos em nossa alma pela fé⁸ - que é a mão e a boca da nossa alma - o verdadeiro corpo e o verdadeiro sangue de Cristo, nosso único Salvador, para manter nossa vida espiritual.

Agora, há certeza absoluta de que Jesus Cristo não nos ordenou seus sacramentos à toa. Então, Ele realiza em nós tudo o que nos apresenta por estes santos sinais, embora de maneira além da nossa compreensão, como também a ação do Espírito Santo é oculta e incompreensível⁹.

Entretanto, não nos enganamos, dizendo que, o que comemos e bebemos, é o próprio corpo natural e o próprio sangue de Cristo. Porém, a forma pela qual os tomamos não é pela boca, mas, espiritual, pela fé. Desta maneira, Jesus Cristo permanece sentado à direita de Deus, seu Pai, no céu¹⁰ e, contudo, Ele se comunica a nós pela fé. Nesta ceia festiva e espiritual, Cristo nos faz participar de si mesmo com todas as suas riquezas e dons e deixa-nos usufruir tanto de si mesmo como dos méritos de seu sofrimento e morte¹¹. Ele alimenta, fortalece e consola nossa pobre alma desolada pelo comer de seu corpo, e a reanima e renova pelo beber de seu sangue.

Depois, embora os sacramentos estejam unidos com a realidade da qual são um sinal, nem todos recebem ambos¹². O ímpio recebe, sim, o sacramento, para sua condenação, mas não a verdade do sacramento, como Judas e Simão, o Mago: ambos receberam o sacramento, mas não a Cristo que por este é figurado¹³. Porque somente os crentes participam dele¹⁴.

Finalmente, recebemos na congregação do povo de Deus¹⁵ este santo sacramento com humildade e reverência. Assim comemoramos juntos, com ações de graça, a morte de Cristo, nosso Salvador, e fazemos confissão da nossa fé e da religião cristã¹⁶. Por isso, ninguém deve participar da ceia antes de ter-se examinado a si mesmo, da maneira certa, para, enquanto comer e beber, não comer e beber juízo para si (1 Coríntios 11:28,29). Em resumo, somos movidos, pelo uso deste santo sacramento, a um ardente amor para com Deus e nosso próximo.

Por esta razão rejeitamos como profanação dos sacramentos todos os acréscimos e abomináveis invenções que o homem introduziu neles e misturou com eles. E declaramos que se deve contentar com a ordenação que Cristo e seus apóstolos nos ensinaram e falar sobre os sacramentos conforme eles falaram.

¹ Mt 26:26-28; Mc 14:22-24; Lc 22:19,20; 1Co 11:23-26. ² Jo 3:5,6. ³ Jo 5:25. ⁴ Jo 6:48-51. ⁵ Jo 6:63; Jo 10:10b. ⁶ Jo 6:40,47. ⁷ Jo 6:55; 1Co 10:16. ⁸ Ef 3:17. ⁹ Jo 3:8. ¹⁰ Mc 16:19; At 3:21. ¹¹ Rm 8:32; 1Co 10:3,4. ¹² 1Co 2:14. ¹³ Lc 22:21,22; At 8:13,21. ¹⁴ Jo 3:36. ¹⁵ At 2:42; At 20:7. ¹⁶ At 2:46; 1Co 11:26.

ARTIGO 36 - O OFÍCIO DAS AUTORIDADES CIVIS

Creemos que nosso bom Deus, por causa da perversidade do gênero humano, constituiu reis, governos e autoridades¹. Ele quer que o mundo seja governado por leis e códigos², para que a indisciplina dos homens seja contida e tudo ocorra entre eles em boa ordem³. Para este fim Ele forneceu às autoridades a espada para castigar os maus e proteger os bons (Romanos 13:4).

Seu ofício não é apenas cuidar da ordem pública e zelar por ela, mas também proteger o santo ministério da igreja a fim de * promover o reino de Jesus Cristo e a pregação da Palavra do Evangelho em todo lugar⁴, para que Deus seja honrado e servido por todos, como Ele ordena na sua Palavra.

Depois, cada um, em qualquer posição que esteja, tem a obrigação de submeter-se às autoridades, pagar impostos, render-lhes honra e respeito, obedecer-lhes⁵ em tudo o que não contraria a Palavra de Deus⁶, e orar em favor delas para que Deus as guie em todos os seus caminhos, "para que vivamos vida tranquila e mansa com toda piedade e respeito" (1 Timóteo 2:2).

Nesse assunto rejeitamos os anabatistas e outros revolucionários e em geral todos os que se opõem às autoridades e aos magistrados, e querem derrubar a

ordem judicial⁷, introduzindo a comunhão de bens, e que abalam os bons costumes que Deus estabeleceu entre as pessoas.

¹ Pv 8:15; Dn 2:21; Jo 19:11; Rm 13:1. ² Êx 18:20. ³ Dt 1:16; Dt 16:19; Jz 21:25; Sl 82; Jr 21:12; Jr 22:3; 1Pe 2:13,14. ⁴ Sl 2; Rm 13:4a; 1Tm 2:1-4. ⁵ Mt 17:27; Mt 22:21; Rm 13:7; Tt 3:1; 1Pe 2:17. ⁶ At 4:19; At 5:29. ⁷ 2Pe 2:10; Jd 8.

* Originalmente o texto incluía aqui as seguintes palavras: "...impedir e exterminar toda idolatria e falso culto a Deus, destruir o reino do anticristo e ...".

ARTIGO 37 - O JUÍZO FINAL

Finalmente, cremos conforme a palavra de Deus que, quando chegar o momento determinado pelo Senhor¹ - o qual todas as criaturas desconhecem -, e o número dos eleitos estiver completo², nosso Senhor Jesus Cristo virá do céu, corporal e visivelmente³, assim como subiu ao céu (Atos 1:11), com grande glória e majestade⁴. Ele se manifestará Juiz sobre vivos e mortos⁵, enquanto porá em fogo e chamas este velho mundo para purificá-lo⁶.

Naquele momento comparecerão perante este grande Juiz, pessoalmente, todas as pessoas que viveram neste mundo⁷: homens, mulheres e crianças, citados pela voz do arcanjo e pelo som da trombeta divina (1 Tessalonicenses 4:16). Porque todos os mortos ressuscitarão da terra⁸ e as almas serão reunidas aos seus próprios corpos em que viveram. E a respeito daqueles que ainda estiverem vivos: eles não morrerão como os outros, mas serão transformados num só momento. De corruptíveis se tornarão incorruptíveis⁹.

Então, se abrirão os livros e os mortos serão julgados (Apocalipse 20:12), segundo o que tiverem feito neste mundo, seja o bem ou o mal¹⁰ (2Coríntios 5:10). Sim, "de toda palavra frívola que proferirem os homens, dela darão conta" (Mateus 12:36), mesmo que o mundo a considere apenas brincadeira e passatempo. Assim será trazido à luz diante de todos o que os homens praticaram às escondidas, inclusive sua hipocrisia.

Portanto, pensar neste juízo é realmente horrível e pavoroso para os homens maus e ímpios¹¹, mas muito desejável e consolador para os justos e eleitos. A salvação destes será totalmente completada e eles receberão os frutos de seu penoso labor¹². Sua inocência será reconhecida por todos e eles presenciarão a vingança terrível de Deus contra os ímpios, que os tiranizaram, oprimiram e atormentaram neste mundo¹³. Os ímpios serão levados a reconhecer sua culpa pelo testemunho da própria consciência. Eles se tornarão imortais, mas somente para serem atormentados no "fogo eterno"¹⁴, preparado para o diabo e seus anjos¹⁵ (Mateus 25:41).

Os crentes e eleitos, porém, serão coroados com glória e honra. O Filho de Deus confessará seus nomes diante de Deus, seu Pai (Mateus 10:32), e seus anjos eleitos¹⁶ e Deus "lhes enxugará dos olhos toda lagrima"¹⁷ (Apocalipse 21:4). Assim ficará manifesto que a causa deles, que agora por muitos juízes e autoridades está sendo condenada como herética e ímpia, é a causa do Filho de

Deus. E, como recompensa gratuita, o Senhor os fará possuir a glória que jamais poderia surgir no coração de um homem¹⁸.

Por isso, esperamos este grande dia com grande anseio para usufruirmos plenamente das promessas de Deus em Jesus Cristo, nosso Senhor.

¹ Mt 24:36; Mt 25:13; 1Ts 5:1,2. ² Hb 11. 39,40; Ap 6:11. ³ Ap 1:7. ⁴ Mt 24:30; Mt 25: 31. ⁵ Mt 25:31-46; 2Tm 4:1; 1Pe 4:5. ⁶ 2Pe 3:10-13. ⁷ Dt 7:9-11; Ap 20:12,13. ⁸ Dn 12: 2; Jo 5:28,29. ⁹ 1Co 15:51,52; Fp 3:20,21. ¹⁰ Hb 9:27; Ap 22:12. ¹¹ Mt 11:22; Mt 23: 33; Rm 2:5,6; Hb 10:27; 2Pe 2:9; Jd :15; Ap 14:7a. ¹² Lc 14:14; 2Ts 1:3-10; 1Jo 4:17. ¹³ Ap 15:4; Ap 18:20. ¹⁴ Mt 13:41,42; Mc 9:48; Lc 16:23-28; Ap 21:8. ¹⁵ Ap 20:10. ¹⁶ Ap 3:5. ¹⁷ Is 25:8; Ap 7:17. ¹⁸ Dn 12: 3; Mt 5:12; Mt 13:43; 1Co 2:9; Ap 21:9-22:5.

Fonte: http://www.prca.org/prtj/Portuguese/Confissao_Belga.htm

CATECISMO DE HEIDELBERG

INTRODUÇÃO

O Catecismo de Heidelberg originou-se no ano de 1563 na cidade de Heidelberg, capital do eleitorado alemão do Palatinado. O príncipe eleitor Frederico III, que se tornou calvinista em 1560, encarregou Zacarias Ursinus (professor da faculdade de teologia de Heidelberg) e Caspar Olevianus, pregador da corte, de prepararem um manual de instrução doutrinária para consolidar a fé reformada em seus domínios. O novo catecismo foi aprovado e publicado em 1563.

O sucesso foi imediato e em sua 3ª. Edição as perguntas e respostas foram agrupadas em 52 dias do Senhor, de modo que o seu conteúdo pudesse ser estudado ao longo de um ano. O catecismo está organizado em três partes principais resumidas pelas iniciais CGG (Culpa, Graça e Gratidão).

A divisão dos 52 domingos e das 129 perguntas é a seguinte:

- Introdução – Domingo 1 – Perguntas 1 e 2
- Parte 1: Nossa Miséria – D 2 a 4 – P 3 a 11
- Parte 2: Nossa Salvação – D 5 a 31 – P 12 a 85
 - Deus Pai e Nossa Criação – D 9 e 10 – P 26 a 28

- Deus Filho e Nossa Salvação – D 11 a 19 – P 29 a 52
- Deus Espírito Santo e Nossa Santificação – D 20 a 22 – P 53 a 58
- A Justificação – D 23 e 24 – P 59 a 64
- A Palavra e os Sacramentos – D 25 – P 65 a 68
- O Santo Batismo – D 26 a 27 – P 69 a 74
- A Santa Ceia – D 28 a 31 – P 75 a 85
- Parte 3: Nossa Gratidão – D 32 a 52 – P 86 a 129
 - Os Dez Mandamentos – D 34 a 44 – P 92 a 115
 - A Oração – D 45 a 52 – P 116 a 129

CATECISMO DE HEIDELBERG (1563)

Por Zacarias Ursino e Gaspar Oleviano

DOMINGO 1

1. Qual é o seu único conforto na vida e na morte?

R. O meu único conforto é que - corpo e alma, na vida e na morte¹ – não pertenço a mim mesmo², mas ao meu fiel Salvador, Jesus Cristo³, que, ao preço do seu próprio sangue, pagou⁴ totalmente por todos os meus pecados e me libertou completamente do domínio do pecado⁵. Ele me protege tão bem⁶ que, contra a vontade de meu Pai do céu, não perderei nem um fio de cabelo⁷. Na verdade tudo coopera para o meu bem e o seu propósito é para a minha salvação⁸. Portanto, pelo seu Espírito Santo ele também me garante a vida eterna⁹ e me torna disposto a viver para ele, daqui em diante, de todo o coração¹⁰.

¹ 1Co 3:23; Tt 2:14. ² Rm 14:8; 1Ts 5:9,10. ³ 1Co 6:19,20. ⁴ 1Pe 1:18,19; 1Jo 1:7; 1Jo 2:2,12. ⁵ Jo 8:34-36; Hb 2:14,15; 1Jo 3:8. ⁶ Jo 6:39; Jo 10:27-30; 2Ts 3:3; 1Pe 1:5. ⁷ Mt 10:29,30; Lc 21:18. ⁸ Rm 8:28. ⁹ Rm 8:16; 2Co 1:22; 2Co 5:5; Ef 1:13,14. ¹⁰ Rm 8:14; 1Jo 3:3.

2. O que você deve saber para viver e morrer nesse fundamento?

R. Primeiro: como são grandes meus pecados e minha miséria¹. Segundo: como sou salvo de meus pecados e de minha miséria². Terceiro: como devo ser grato a Deus por tal salvação³.

¹ Mt 9:12; Jo 9:41; Rm 3:10; 1Jo 1:9,10. ² Lc 24:46,47; Jo 17:3; At 4:12; At 10:43; 1Co 6:11; Tt 3:3-7. ³ Sl 50:14,15; Sl 116:12,13; Mt 5:16; Rm 6:12,13; Ef 5:10; 2Tm 2:15; 1Pe 2:9,12. Veja também Mt 11:28-30; Ef 5:8.

PARTE 1: NOSSA MISÉRIA

DOMINGO 2

3. Como você conhece sua miséria?

R. Pela lei de Deus¹.

¹ Rm 3:20.

4. O que a lei de Deus exige de nós?

R. Cristo nos ensina isso, em um resumo, em Mateus 22:37-40:

"Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. " Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas"¹.

¹ Lv 19:18; Dt 6:5; Mc 12:30,31; Lc 10:27.

5. Você pode guardar esta lei perfeitamente?

R. Não, não posso¹, porque por natureza sou inclinado a odiar a Deus e a meu próximo².

¹ Rm 3:10,20,23; 1Jo 1:8,10. ² Gn 6:5; Gn 8:21; Jr 17:9; Rm 7:23; Rm 8:7; Ef 2:3; Tt 3:3.

DOMINGO 3

6. Mas Deus criou o homem tão mau e perverso?

R. Não, Deus criou o homem bom¹ e à sua imagem², isto é, em verdadeira justiça e santidade para conhecer corretamente a Deus, seu Criador, amá-lo de todo o coração e viver com ele em eterna felicidade, para louvá-Lo e glorificá-Lo³.

¹ Gn 1:31. ² Gn 1:26,27. ³ 2Co 3:18; Ef 4:24; Cl 3:10.

7. De onde vem, então, essa natureza corrompida do homem?

R. Da queda e desobediência de nossos primeiros pais, Adão e Eva, no paraíso¹. Ali, nossa natureza tornou-se tão envenenada, que todos nós somos concebidos e nascidos em pecado².

¹ Gn 3; Rm 5:12,18,19. ² Sl 51:5; Jo 3:6.

8. Mas nós somos tão corrompidos que não podemos fazer bem algum e que somos inclinados a todo mal?

R. Somos sim¹, se não nascermos de novo pelo Espírito de Deus².

¹ Gn 6:5; Gn 8:21; Jó 14:4; Jo 15:14,16,35; Is 53:6; Tt 3:3. ² Jo 3:3,5; 1Co 12:3; 2Co 3:5.

DOMINGO 4

9. Então, Deus exige do homem, em sua lei, o que este não pode cumprir. Isso não é injusto?

R. Não, pois Deus criou o homem de tal maneira que este pudesse cumprir a lei¹. O homem, porém, sob instigação do diabo e por sua própria rebeldia, privou a si mesmo e a todos os seus descendentes desses dons².

¹ Gn 1:27; Ef 4:24. ² Gn 3:4-6; Rm 5:12; 1Tm 2:13,14.

10. Deus deixa sem castigo esta desobediência e rebeldia?

R. Não, não deixa, porque Ele se ira terrivelmente tanto contra os pecados em que nascemos como contra os que cometemos, e quer castigá-los por justo julgamento agora, nesta vida, e na futura¹.

Ele mesmo declarou: "Maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas escritas no Livro da Lei, para praticá-las" (Gálatas 3:10)².

¹ Gn 2:17; Êx 20:5; Êx 34:7; Sl 5:5; Na 1:2; Rm 1:18; Rm 5:12; Ef 5:6; Hb 9:27. ² Dt 27:26.

11. Mas Deus não é também misericordioso?

R. Deus na verdade é misericordioso¹, mas também é justo². Por isso, sua justiça exige que o pecado cometido contra a suprema majestade de Deus seja castigado também com a pena máxima, quer dizer, com o castigo eterno em corpo e alma³.

¹ Êx 20:6; Êx 34:6,7. ² Êx 20:5; Êx 23:7; Êx 34:7; Sl 7:9. ³ Na 1:2,3; 2Ts 1:9.

PARTE 2: NOSSA SALVAÇÃO

DOMINGO 5

12. Então, conforme o justo julgamento de Deus, merecemos castigo nesta vida e na futura. Como podemos escapar deste castigo e, de novo, ser aceitos por Deus em graça?

R. Deus quer que sua justiça seja cumprida¹. Por isso, nós mesmos devemos satisfazer essa justiça, ou um outro por nós².

¹ Gn 2:17; Êx 20:5; Êx 23:7; Ez 18:4; Hb 10:30. ² Mt 5:26; Rm 8:3,4.

13. Nós mesmos podemos satisfazer essa justiça?

R. De maneira alguma. Pelo contrário, aumentamos a cada dia a nossa dívida com Deus¹.

¹ Jó 4:18,19; Jó 9:2,3; Jó 15:16; Sl 130:3; Mt 6:12; Mt 16:26; Mt 18:25.

14. Será que uma criatura, sendo apenas criatura, pode pagar por nós?

R. Não, não pode. Primeiro: porque Deus não quer castigar uma outra criatura pela dívida do homem¹. Segundo: porque tal criatura não poderia suportar o peso da ira eterna de Deus contra o pecado e dela livrar outros².

¹ Gn 3:17; Ez 18:4. ² Sl 130:3; Na 1:6.

15. Que tipo de mediador e salvador, então, devemos buscar?

R. O mediador deve ser um homem verdadeiro¹ e justo², contudo, mais poderoso que todas as criaturas; portanto, alguém que é, ao mesmo tempo, verdadeiro Deus³.

¹ 1Co 15:21. ² Hb 7:26. ³ Is 7:14; Is 9:6; Jr 23:6; Lc 11:22; Rm 8:3,4.

DOMINGO 6

16. Por que o mediador deve ser homem verdadeiro e justo?

R. Deve ser verdadeiro homem porque a justiça de Deus exige que o homem pague o pecado do homem¹. Deve ser homem justo porque alguém que tem seus próprios pecados não pode pagar por outros².

¹ Is 53:3-5; Jr 33:15; Ez 18:4,20; Rm 5:12-15; 1Co 15:21; Hb 2:14-16. ² Sl 49:7; Hb 7:26,27; 1Pe 3:18.

17. Por que o mediador deve ser, ao mesmo tempo, verdadeiro Deus?

R. Porque somente sendo verdadeiro Deus¹ ele pode suportar², como homem, o peso da ira³ de Deus, conquistar e restituir para nós a justiça e a vida⁴.

¹ Is 9:6; Rm 1:4; Hb 1:3. ² Is 53:4,11. ³ Dt 4:24; Sl 130:3; Na 1:6. ⁴ Is 53:5,11; Is 54:8; Jo 3:16; At 20:28; 1Pe 3:18.

18. Mas quem é esse Mediador que, ao mesmo tempo, é verdadeiro Deus¹ e homem verdadeiro² e justo³?

R. Nosso Senhor Jesus Cristo⁴, que nos foi dado graciosamente para completa salvação e justiça⁵.

¹ Jr 23:6; Mt 3:1; Rm 8:3; Gl 4:4; 1Jo 5:20. ² Lc 1:42; Lc 2:6,7; Rm 1:3; Fp 2:7; Hb 2:14,17; Hb 4:15. ³ Is 53:9,11; Jr 23:5; Lc 1:35; Jo 8:46; Hb 4:15; Heb 7:26; 1Pe 1:19; 1Pe 2:22; 1Pe 3:18. ⁴ Mt 1:23; Lc 2:11; Jo 1:1,14; Jo 14:6; Rm 9:5; 1Tm 2:5; 1Tm 3:16; Hb 2:9. ⁵ 1Co 1:30; 2Co 5:21.

19. Como você sabe isso?

R. Pelo santo evangelho que o próprio Deus, de início, revelou no paraíso¹. Depois mandou anunciá-lo pelos santos patriarcas² e profetas³ e o prefigurou

através dos sacrifícios e das outras cerimônias do Antigo Testamento.⁴ Finalmente, o cumpriu por seu único Filho⁵.

¹ Gn 3:15. ² Gn 12:3; Gn 22:18; Gn 26:4; Gn 49:10. ³ Is 42:1-4; Is 43:25; Is 49:6; Is 53; Jr 23:5,6; Jr 31:32,33; Mq 7:18-20; Jo 5:46; At 3:22-24; At 10:43; Rm 1:2; Hb 1:1. ⁴ Cl 2:17; Hb 10:1,7. ⁵ Rm 10:4; Gl 3:24; Gl 4:4,5; Cl 2:17.

DOMINGO 7

20. Todos os homens, então, tornam-se salvos por Cristo, assim como pereceram em Adão?

R. Não¹, somente aqueles que pela verdadeira fé são unidos a Cristo e aceitam todos os seus benefícios².

¹ Mt 7:14; Mt 22:14. ² Sl 2:12; Mc 16:16; Jo 1:12,13; Jo 3:16,18,36; Rm 3:22; Rm 11:20; Hb 4:2,3; Hb 5:9; Hb 10:39; Hb 11:6.

21. O que é a verdadeira fé?

R. A verdadeira fé é o conhecimento e a certeza de que é verdade tudo o que Deus nos revelou em sua Palavra¹. É também a plena confiança² de que Deus concedeu, por pura graça, não só a outros, mas também a mim a remissão dos pecados, a justiça eterna e a salvação³, somente pelos méritos de Cristo⁴.

O Espírito Santo⁵ opera esta fé em meu coração, por meio do Evangelho⁶.

¹ Rm 4:20,21; Hb 11:1,3; Tg 1:6. ² Sl 9:10; Rm 4:16-21; Rm 5:1; Rm 10:10; Ef 3:12; Hb 4:16. ³ Hc 2:4; At 10:43; Rm 1:17; Gl 3:11; Hb 10:10,38. ⁴ Lc 1:77,78; Jo 20:31; At 10:43; Rm 3:24; Rm 5:19; Gl 2:16. ⁵ Mt 16:17; Jo 3:5; Jo 6:29; At 16:14; 2Co 4:13; Ef 2:8; Fp 1:29. ⁶ Mc 16:15; At 10:44; At 16:14; Rm 1:16; Rm 10:17; 1Co 1:21.

22. Em que um cristão deve crer?

R. Em tudo o que nos é prometido no Evangelho. O Credo Apostólico, a confissão da nossa fé cristã, universal e indubitável, apresenta um resumo disso¹.

¹ Mt 28:19; Mc 1:15; Jo 20:31.

23. O que dizem os artigos desse Credo?

- R. I. 1) Creio em Deus Pai, Todo-Poderoso, Criador do céu e da terra;
II. 2) e em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor;
3) que foi concebido pelo Espírito Santo, nasceu da virgem Maria;
4) padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado, desceu ao inferno;
5) no terceiro dia ressurgiu dos mortos;
6) subiu ao céu e está sentado à direita de Deus Pai Todo-Poderoso;
7) donde há de vir a julgar os vivos e os mortos.

- III. 8) Creio no Espírito Santo;
9) na santa igreja universal de Cristo, na comunhão dos santos;
10) na remissão dos pecados;
11) na ressurreição da carne
12) e na vida eterna.

DOMINGO 8

24. Como se divide esse Credo?

R. Em três partes:

- A primeira trata de Deus Pai e da nossa criação.
- A segunda de Deus Filho e da nossa salvação.
- A terceira de Deus Espírito Santo e da nossa santificação.

25. Por que você fala de três Pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo, visto que há um só Deus¹?

R. Porque Deus se revelou em sua Palavra de tal maneira que estas três Pessoas distintas são o único, verdadeiro e eterno Deus².

¹ Dt 6:4; Is 44:6; Is 45:5; 1Co 8:4,6; Ef 4:5,6. ² Gn 1:2,3; Is 61:1; Mt 3:16,17; Mt 28:19; Lc 1:5; Lc 4:18; Jo 14:26; Jo 15:26; At 2:32,33; 2Co 13:13; Gl 4:6; Ef 2:18; Tt 3:4-6.

DEUS PAI E NOSSA CRIAÇÃO

DOMINGO 9

26. Em que você crê quando diz: "Creio em Deus Pai, Todo-Poderoso, Criador do céu e da terra"?

R. Creio que o eterno Pai de nosso Senhor Jesus Cristo criou do nada o céu, a terra e tudo o que neles há¹ e ainda os sustenta e governa por seu eterno conselho e providência². Ele é também meu Deus e meu Pai, por causa de seu Filho, Cristo³.

Nele confio de tal maneira, que não duvido que dará tudo o que for necessário para meu corpo e minha alma⁴; e que Ele transformará em bem todo mal que me enviar nessa vida conturbada⁵. Tudo isso ele pode fazer como Deus Todo-poderoso⁶ e quer fazer como Pai fiel⁷.

¹ Gn 1:1; Gn 2:3; Êx 20:11; Jó 33:4; Jó 38:4-11; Sl 33:6; Is 40:26; At 4:24; At 14:15. ² Sl 104:2-5,27-30; Sl 115:3; Mt 10:29,30; Rm 11:36; Ef 1:11. ³ Jo 1:12; Rm 8:15; Gl 4:5-7; Ef 1:5. ⁴ Sl 55:22; Mt 6:25,26; Lc 12:22-24. ⁵ Rm 8:28. ⁶ Rm 8:37-39; Rm 10:12; Ap 1:8. ⁷ Mt 6:32,33; Mt 7:9-11.

DOMINGO 10

27. O que é a providência de Deus?

R. É a força todo-Poderosa e presente¹, com que Deus, pela sua mão, sustenta e governa o céu, a terra e todas as criaturas².

Assim, ervas e plantas, chuva e seca³, anos frutíferos e infrutíferos, comida e bebida, saúde e doença, riqueza e pobreza e todas as coisas⁴ não nos sobrevivem por acaso, mas de sua mão paternal⁵.

¹ Sl 94:9,10; Is 29:15,16; Jr 23:23,24; Ez 8:12; Mt 17:27; At 17:25-28. ² Hb 1:3.

³ Jr 5:24; At 14:17. ⁴ Pv 22:2; Jo 9:3. ⁵ Pv 16:33; Mt 10:29.

28. Para que serve saber da criação e da providência de Deus?

R. Para que tenhamos paciência¹ em toda adversidade, mostremos gratidão² em toda prosperidade e para que, quanto ao futuro, tenhamos a firme confiança em nosso fiel Deus e Pai de que criatura alguma nos pode separar do amor dele³. Porque todas as criaturas estão na mão de Deus, de tal maneira que sem a vontade dele não podem agir nem se mover⁴.

¹ Jó 1:21,22; Sl 39:9; Rm 5:3,4; Tg 1:3. ² Dt 8:10; 1Ts 5:18. ³ Sl 55:22; Rm 5: 4,5; Rm 8:38,39. ⁴ Jó 1:12; Jó 2:6; Pv 21:1; At 17:25-28.

DEUS FILHO E NOSSA SALVAÇÃO

DOMINGO 11

29. O nome "Jesus" significa "Salvador". Por que o Filho de Deus tem esse nome?

R. Porque Ele nos salva de todos os nossos pecados¹ e porque em ninguém mais devemos buscar ou podemos encontrar salvação².

¹ Mt 1:21; Hb 7:25. ² Is 43:11; Jo 15:4,5; At 4:11,12; 1Tm 2:5; 1Jo 5:11,12.

30. Será que aqueles que buscam o bem e a salvação nos assim chamados "santos", ou em si mesmos ou em qualquer lugar, realmente creem no único Salvador?

R. Não, não creem, pois na prática negam o único Salvador Jesus, ainda que falem tanto dele¹.

Pois das duas, uma: ou Jesus não é o perfeito Salvador, ou aqueles que o aceitam como Salvador com verdadeira fé encontram nele tudo o que é necessário para a salvação².

¹ 1Co 1:13,30,31; Gl 5:4. ² Is 9:7; Jo 1:16; Cl 1:19,20; Cl 2:10; Hb 12:2; 1Jo 1:7.

DOMINGO 12

31. O nome "Cristo" significa "Ungido". Por que Jesus tem também esse nome?

R. Porque ele foi ordenado por Deus Pai e ungido¹ com o Espírito Santo para ser nosso supremo Profeta e Mestre, nosso único Sumo Sacerdote e nosso eterno Rei.

Como Profeta, ele nos revelou plenamente o plano de Deus para nossa salvação².

Como Sumo Sacerdote, ele nos resgatou pelo único sacrifício de seu corpo³ e, continuamente, intercede por nós junto ao Pai⁴.

Como Rei, ele nos governa por sua Palavra e Espírito e nos protege e guarda na salvação⁵ que conquistou para nós.

¹ Sl 45:7; Is 61:1; Lc 4:18; At 10:38; Hb 1:9. ² Dt 18:15; Is 55:4; Mt 11:27; Jo 1:18; Jo 15:15; At 3:22. ³ Sl 110:4; Hb 7:21; Hb 9:12,14,28; Hb 10:12,14. ⁴ Rm 8:34; Hb 7:25; Hb 9:24; 1Jo 2:1. ⁵ Sl 2:6; Zc 9:9; Mt 21:5; Mt 28:18; Lc 1:33; Jo 10:28; Ap 12:10,11.

32. Por que você é chamado cristão¹?

R. Porque pela fé sou membro de Cristo e, por isso, também sou ungido² para ser profeta, sacerdote e rei.

Como profeta, confesso o nome dele³.

Como sacerdote, ofereço minha vida a Ele como sacrifício vivo de gratidão⁴.

Como rei, combato⁵, nesta vida o pecado e o diabo, de livre consciência, e depois, na vida eterna, vou reinar com Ele sobre todas as criaturas⁶.

¹ At 11:26. ² Is 59:21; Jl 2:28; At 2:17; 1Co 6:15; 1Jo 2:27. ³ Mt 10:32,33; Rm 10:10. ⁴ Êx 19:6; Rm 12:1; 1Pe 2:5; Ap 1:6; Ap 5:8,10. ⁵ Rm 6:12,13; Gl 5:16,17; Ef 6:11; 1Tm 1:18,19; 1Pe 2:9,11. ⁶ 2Tm 2:12; Ap 22:5.

DOMINGO 13

33. Por que Cristo é chamado "o único Filho de Deus", se nós também somos filhos de Deus?

R. Porque só Cristo é, por natureza, o Filho eterno de Deus¹. Nós, porém, somos filhos adotivos de Deus², pela graça, por causa de Cristo.

¹ Jó 1:14,18; Jo 3:16; Rm 8:32; Hb 1:1,2; 1Jo 4:9. ² Jo 1:12; Rm 8:15-17; Gl 4:6; Ef 1:5,6

34. Por que você chama Cristo de "nosso Senhor"?

R. Porque ele nos comprou e resgatou, corpo e alma, dos nossos pecados e de todo o domínio do diabo, não com ouro ou prata, mas com seu precioso sangue. Assim pertencemos a ele¹.

¹ Jo 20:28; 1Co 6:20; 1Co 7:23; Ef 1:7; 1Tm 2:6; 1Pe 1:18,19; 1Pe 2:9.

DOMINGO 14

35. O que você entende, quando diz que Cristo "foi concebido pelo Espírito Santo e nasceu da virgem Maria"?

R. Entendo que o eterno Filho de Deus, que é e permanece verdadeiro e eterno Deus¹, tornou-se verdadeiro homem², da carne e do sangue da virgem Maria³, por obra do Espírito Santo. Assim Ele é, de fato, o descendente de Davi⁴, igual a seus irmãos em tudo, mas sem pecado⁵.

¹ Mt 1:23; Mt 3:17; Mt 16:16; Mt 17:5; Mc 1:11; Jo 1:1 Jo 17:3,5; Jo 20:28; Rm 1:3,4; Rm 9:5; Fp 2:6; Cl 1:15,16; Tt 2:13; Hb 1:3; 1Jo 5:20. ² Mt 1:18,20; Lc 1:35. ³ Lc 1:31,42,43; Jo 1:14; Gl 4:4. ⁴ 2Sm 7:12; Sl 132:11; Mt 1:1; Lc 1:32; At 2:30,31; Rm 1:3. ⁵ Fp 2:7; Hb 2:14,17; Hb 4:15; Hb 7:26,27.

36. Que importância tem para você Cristo ter sido concebido e nascido sem pecado?

R. Que ele é nosso Mediador¹ e com sua inocência e perfeita santidade cobre diante de Deus meu pecado² no qual fui concebido e nascido.

¹ Hb 2:16-18; Hb 7:26,27. ² Sl 32:1; Is 53:11; Rm 8:3,4; 1Co 1:30,31; Gl 4:4,5; 1Pe 1:18,19; 1Pe 3:18.

DOMINGO 15

37. O que você quer dizer com a palavra "padeceu"?

R. Que Cristo, em corpo e alma, durante toda a sua vida na terra, mas principalmente no final, suportou a ira de Deus contra o pecado de todo o gênero humano¹.

Por esse sofrimento, como o único sacrifício propiciatório², ele salvou da condenação eterna de Deus nosso corpo e alma³ e conquistou para nós a graça de Deus, a justiça e a vida eterna⁴.

¹ Is 53:4,12; 1Tm 2:6; 1Pe 2:24; 1Pe 3:18. ² Is 53:10; Rm 3:25; 1Co 5:7; Ef 5:2; Hb 9:28; Hb 10:14; 1Jo 2:2; 1Jo 4:10. ³ Gl 3:13; Cl 1:13; Hb 9:12; 1Pe 1:18,19. ⁴ Jo 3:16; Jo 6:51; 2Co 5:21; Hb 9:15; Hb 10:19.

38. Por que ele padeceu "sob Pôncio Pilatos"?

R. Cristo, embora julgado inocente, foi condenado pelo juiz oficial¹, para que nos libertasse do severo juízo de Deus que devia cair sobre nós².

¹ Mt 27:24; Lc 23:13-15; Jo 18:38; Jo 19:4; Jo 19:11. ² Is 53:4,5; 2Co 5:21; Gl 3:13.

39. Cristo "foi crucificado". Isso tem mais sentido do que morrer de outra maneira?

R. Tem sim, porque pela crucificação tenho certeza de que Ele tomou sobre si¹ a maldição que pesava sobre mim. Pois a morte da cruz era maldita por Deus².

¹ Gl 3:13. ² Dt 21:23.

DOMINGO 16

40. Por que Cristo devia sofrer a morte?

R. Porque a justiça e a verdade de Deus¹ exigiam a morte do Filho de Deus. Não houve outro meio de pagar nossos pecados².

¹ Gn 2:17. ² Rm 8:3,4; Fp 2:8; Hb 2:9,14,15.

41. Por que Ele foi "sepultado"?

R. Para dar testemunho de que estava realmente morto¹.

¹ Mt 27:59,60; Lc 23:53; Jo 19:40-42; At 13:29; 1Co 15:3,4.

42. Se Cristo morreu por nós, por que devemos nós morrer também?

R. Nossa morte não é para pagar nossos pecados¹, mas somente significa que morremos para o pecado e que passamos para a vida eterna².

¹ Mc 8:37. ² Jo 5:24; Rm 7:24,25; Fp 1:23.

43. Que importância tem, para nós, o sacrifício e a morte de Cristo na cruz?

R. Pelo poder de Cristo, nosso velho homem é crucificado, morto e sepultado com Ele¹, para que os maus desejos da carne não mais nos dominem², mas que nos ofereçamos a Ele como sacrifício de gratidão³.

¹ Rm 6:6. ² Rm 6:8,11,12. ³ Rm 12:1.

44. Por que se acrescenta: "desceu ao inferno"?

R. Porque meu Senhor Jesus Cristo sofreu, principalmente na cruz, inexprimíveis angústias, dores e terrores¹. Por isso, até nas minhas mais duras tentações, tenho a certeza de que Ele me libertou da angústia e do tormento do inferno².

¹ Mt 26:38; Mt 27:46; Hb 5:7. ² Is 53:5.

DOMINGO 17

45. Que importância tem, para nós, a ressurreição de Cristo?

R. Primeiro: pela ressurreição, ele venceu a morte, para que nós pudéssemos participar da justiça que Ele conquistou por sua morte¹.

Segundo: nós também, por seu poder, somos ressuscitados para a nova vida².

Terceiro: a ressurreição de Cristo é uma garantia de nossa ressurreição em glória³.

¹ Rm 4:25; 1Co 15:16-18; 1Pe 1:3. ² Rm 6:4; Cl 3:1-3; Ef 2:4-6; ³ Rm 8:11; 1Co 15:20-22.

DOMINGO 18

46. O que você quer dizer com as palavras: "subiu ao céu"?

R. Que Cristo, à vista de seus discípulos, foi elevado da terra ao céu¹ e lá está para nosso bem², até que volte para julgar os vivos e os mortos³.

¹ Mt 16:19; Lc 24:51; At 1:9. ² Rm 8:34; Ef 4:10; Cl 3:1; Hb 4:14; Hb 7:24,25; Hb 9:24. ³ Mt 24:30; At 1:11.

47. Cristo, então, não está conosco até o fim do mundo como prometeu¹?

R. Cristo é verdadeiro homem e verdadeiro Deus. Segundo sua natureza humana não está agora na terra², mas segundo sua divindade, majestade, graça e Espírito, jamais se afasta de nós³.

¹ Mt 28:20. ² Mt 26:11; Jo 16:28; Jo 17:11; At 3:21; Hb 8:4. ³ Mt 28:20; Jo 14:16-18; Jo 16:13; Ef 4:8.

48. Mas se a natureza humana não está em todo lugar onde a natureza divina está, as duas naturezas de Cristo não são separadas uma da outra?

R. De maneira nenhuma; a natureza divina de Cristo não pode ser limitada e está presente em todo lugar¹.

Por isso, podemos concluir que a natureza divina dele está na sua natureza humana e permanece pessoalmente unida a ela, embora também esteja fora dela².

¹ Is 66:1; Jr 23:23,24; At 7:49; At 17:27,28. ² Mt 28:6; Jo 3:13; Jo 11:15; Cl 2:8.

49. Que importância tem, para nós, a ascensão de Cristo?

R. Primeiro: ele é, no céu, nosso Advogado junto a seu Pai¹.

Segundo: em Cristo, temos nossa carne no céu como garantia segura de que Ele, como nosso Cabeça, também nos levará para si como seus membros².

Terceiro: Ele nos envia seu Espírito como garantia³. Pelo poder do Espírito, buscamos as coisas que são do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus, e não as coisas que são da terra⁴.

¹ Rm 8:34; 1Jo 2:1. ² Jo 14:2,3; Jo 17:24; Ef 2:6. ³ Jo 14:16; Jo 16:7; At 2:33; 2Co 1:22; 2Co 5:5. ⁴ Fp 3:20; Cl 3:1.

DOMINGO 19

50. Por que se acrescenta: "e está sentado à direita de Deus"?

R. Porque Cristo subiu ao céu para manifestar-se, lá mesmo, como o Cabeça de sua igreja¹ e para governar tudo em nome de seu Pai².

¹ Ef 1:20-23; Cl 1:18. ² Mt 28:18; Jo 5:22.

51. Que importância tem, para nós, essa glória de Cristo, nosso Cabeça?

R. Primeiro: por seu Espírito Santo, Ele derrama sobre nós, seus membros, os dons celestiais¹.

Segundo: Ele nos defende e protege, por seu poder, contra todos os inimigos².

¹ At 2:33; Ef 4:8,10-12. ² Sl 2:9; Sl 110:1,2; Jo 10:28; Ef 4:8; Ap 12:5.

52. Que consolo traz a você a volta de Cristo "para julgar os vivos e os mortos"?

R. Que, em toda miséria e perseguição, espero, de cabeça erguida, o Juiz que vem do céu, a saber: o Cristo que antes se apresentou em meu lugar ao tribunal de Deus e tirou de mim toda a maldição¹.

Ele lançará, na condenação eterna todos os seus e meus inimigos², mas Ele me levará para si mesmo, com todos os eleitos na alegria e glória celestiais³.

¹ Lc 21:28; Rm 8:23,24; Fp 3:20; 1Ts 4:16; Tt 2:13. ² Mt 25:41-43; 2Ts 1:6,8,9. ³ Mt 25:34-36; 2Ts 1:7,10.

DEUS ESPÍRITO SANTO E NOSSA SANTIFICAÇÃO

DOMINGO 20

53. O que você crê sobre o Espírito Santo?

R. Primeiro: creio que ele é verdadeiro e eterno Deus com o Pai e o Filho¹.

Segundo: que ele foi dado também a mim². Por uma verdadeira fé, ele me torna participante de Cristo e de todos os seus benefícios³. Ele me fortalece⁴ e fica comigo para sempre⁵.

¹ Gn 1:2; At 5:3,4; 1Co 2:10; 1Co 3:16; 1Co 6:19. ² Mt 28:19; 2Co 1:21,22 Gl 3:14; Gl 4:6; Ef 1:13. ³ Jo 16:14; 1Co 2:12; 1Pe 1:2. ⁴ Jo 15:26; At 9:31. ⁵ Jo 14:16,17; 1Pe 4:14.

DOMINGO 21

54. O que você crê sobre "a santa igreja universal de Cristo"?

R. Creio que o Filho de Deus¹ reúne, protege e conserva², dentre todo o gênero humano³, sua comunidade⁴ eleita para a vida eterna⁵. Isso ele faz por seu Espírito e sua Palavra⁶, na unidade da verdadeira fé⁷, desde o princípio do mundo até o fim⁸.

Creio que sou membro vivo⁹ dessa igreja, agora e para sempre¹⁰.

¹ Jo 10:11; Ef 4:11-13; Ef 5:25,26. ² Sl 129:4,5; Mt 16:18; Jo 10:16,28. ³ Gn 26:4; Is 49:6; Rm 10:12,13; Ap 5:9. ⁴ Sl 111:1; At 20:28; Hb 12:22,23. ⁵ Rm 8:29,30; Ef 1:10-14; 1Pe 2:9. ⁶ Is 59:21; Rm 1:16; Rm 10:14-17; Ef 5:26. ⁷ Jo 17:21; At 2:42; Ef 4:3-6; 1Tm 3:15. ⁸ Is 59:21; 1Cor 11:26 ⁹ Rm 8:10; 1Jo 3:14,19-21. ¹⁰ Sl 23:6; Jo 10:28; Rm 8:35-39; 1Co 1:8,9; 1Pe 1:5; 1Jo 2:19.

55. Como você entende as palavras: "a comunhão dos santos"?

R. Primeiro: entendo que todos os crentes, juntos e cada um por si, têm, como membros, comunhão com Cristo, o Senhor, e todos os seus ricos dons¹.

Segundo: que todos devem sentir-se obrigados a usar seus dons com vontade e alegria para o bem dos outros membros².

¹ Rm 8:32; 1Co 6:17; 1Co 12:12,13; 1Jo 1:3. ² 1Co 12:21; 1Co 13:1-7; Fp 2:2-5.

56. O que você crê sobre "a remissão dos pecados"?

R. Creio que Deus, por causa da satisfação em Cristo, jamais quer lembrar-se de meus pecados¹ e de minha natureza pecaminosa², que devo combater durante toda a minha vida. Mas Ele me dá a justiça de Cristo³, pela graça, e assim nunca mais serei condenado por Deus⁴.

¹ Sl 103:3,10,12; Jr 31:34; Mq 7:19; 2Co 5:19. ² Rm 7:23-25. ³ 2Co 5:21; 1Jo 1:7; 1Jo 2:1,2. ⁴ Jo 3:18; Jo 5:24.

DOMINGO 22

57. Que consolo traz a você "a ressurreição do corpo"?

R. Meu consolo é que depois desta vida minha alma será imediatamente elevada para Cristo, seu Cabeça¹. E que também este meu corpo, ressuscitado pelo poder de Cristo, será unido novamente à minha alma e se tornará semelhante ao corpo glorioso de Cristo².

¹ Lc 16:22; Lc 20:37,38; Lc 23:43; Fp 1:21,23; Ap 14:13. ² Jó 19:25-27; 1Co 15:53,54; Fp 3:21; 1Jo 3:2.

58. Que consolo traz a você o artigo sobre a vida eterna?

R. Meu consolo é que, como já percebo no meu coração o início da alegria eterna¹, depois desta vida terei a salvação perfeita. Essa salvação nenhum olho jamais viu, nenhum ouvido ouviu e jamais surgiu no coração de alguém. Então louvarei a Deus eternamente².

¹ Jo 17 3; 2Co 5:2,3. ² Jo 17:24; 1Co 2:9.

A JUSTIFICAÇÃO

DOMINGO 23

59. Mas que proveito tem sua fé no Evangelho?

R. O proveito é que sou justo perante Deus, em Cristo, e herdeiro da vida eterna¹.

¹ Hc 2:4; Jo 3:36; Rm 1:17.

60. Como você é justo perante Deus?

R. Somente por verdadeira fé em Jesus Cristo¹. Mesmo que minha consciência me acuse de ter pecado gravemente contra todos os mandamentos de Deus, de não ter guardado nenhum deles e de ser ainda inclinado a todo mal², todavia Deus me dá, sem nenhum mérito meu, por pura graça³, a perfeita satisfação, a justiça e a santidade de Cristo⁴. Deus me trata⁵ como se eu nunca tivesse cometido pecado algum ou jamais tivesse sido pecador; e como se eu tivesse cumprido pessoalmente toda a obediência que Cristo cumpriu por mim⁶.

Esse benefício é meu somente se eu o aceitar pela fé, de todo o coração⁷.

¹ Rm 3:21-26; Rm 5:1,2; Gl 2:16; Ef 2:8,9; Fp 3:9. ² Rm 3:9; Rm 7:23. ³ Dt 9:6; Ez 36:22; Rm 3:24; Rm 7:23-25; Ef 2:8; Tt 3:5. ⁴ 1Jo 2:1,2. ⁵ Rm 4:4-8; 2Co 5:19. ⁶ 2Co 5:21. ⁷ Jo 3:18; Rm 3:22.

61. Por que você diz que é justo somente pela fé?

R. Eu o digo não porque sou agradável a Deus graças ao valor da minha fé, mas porque somente a satisfação por Cristo e a justiça e santidade dele me justificam perante Deus¹. Somente pela fé posso aceitar e possuir a justificação².

¹ 1Co 1:30; 1Co 2:2. ² 1Jo 5:10.

DOMINGO 24

62. Mas por que nossas boas obras não nos podem justificar perante Deus, pelo menos em parte?

R. Porque a justiça que pode subsistir perante o juízo de Deus deve ser absolutamente perfeita e completamente conforme a lei de Deus¹. Entretanto, nesta vida, todas as nossas obras, até as melhores, são imperfeitas e manchadas por pecados².

¹ Dt 27:26; Gl 3:10. ² Is 64:6.

63. Nossas boas obras, então, não têm mérito? Deus não promete recompensá-las, nesta vida e na futura?

R. Essa recompensa não nos é dada por mérito, mas por graça¹.

¹ Lc 17:10.

64. Mas essa doutrina não faz com que os homens se tornem descuidados e ímpios?

R. Não, pois é impossível que aqueles que estão implantados em Cristo, por verdadeira fé, deixem de produzir frutos de gratidão¹.

¹ Mt 7:18; Jo 15:5.

A PALAVRA E OS SACRAMENTOS

DOMINGO 25

65. Visto que somente a fé nos faz participar de Cristo e de todos os seus benefícios, de onde vem esta fé?

R. Vem do Espírito Santo¹ que a produz em nosso coração pela pregação do evangelho² e a fortalece pelo uso dos sacramentos³.

¹ Jo 3:5; 1Co 2:12; 1Co 12:3; Ef 1:17, 18; Ef 2:8; Fp 1:29. ² At 16:14; Rm 10:17; 1Pe 1:23. ³ Mt 28:19.

66. Que são sacramentos?

R. São sinais e selos visíveis e santos. Deus os instituiu para nos fazer compreender melhor e para garantir a promessa do Evangelho pelo uso deles. Essa promessa é que Deus nos dá de graça o perdão dos pecados e a vida eterna, por causa do único sacrifício de Cristo na cruz¹.

¹ Gn 17:11; Lv 6:25; Dt 30:6; Is 6:6,7; Is 54:9; Ez 20:12; Rm 4:11; Hb 9:7,9; Hb 9:24.

67. Então, tanto a Palavra como os sacramentos têm a finalidade de apontar nossa fé para o sacrifício de Jesus Cristo na cruz, como o único fundamento de nossa salvação¹?

R. Sim, pois o Espírito Santo ensina no evangelho e confirma pelos sacramentos que toda a nossa salvação está baseada no único sacrifício de Cristo na cruz.

¹ Rm 6:3; Gl 3:27.

68. Quantos sacramentos Cristo instituiu na nova aliança?

R. Dois: o santo batismo e a santa ceia.

O SANTO BATISMO

DOMINGO 26

69. Como o batismo ensina e garante a você que o único sacrifício de Cristo na cruz é para seu bem?

R. Cristo instituiu essa lavagem com água¹ e acrescentou a promessa de lavar, com seu sangue e Espírito, a impureza da minha alma (isto é, todos os meus pecados)² tão certo como por fora fico limpo com a água que tira a sujeira do corpo.

¹ Mt 28:19. ² Mt 3:11; Mc 1:4; Mc 16:16; Lc 3:3; Jo 1:33; At 2:38; Rm 6:3,4; 1Pe 3:21.

70. O que significa ser lavado com o sangue e o Espírito de Cristo?

R. Significa receber perdão dos pecados, pela graça de Deus, por causa do sangue de Cristo, que Ele derramou por nós, em seu sacrifício na cruz¹. Significa também ser renovado pelo Espírito Santo e santificado para ser membro de Cristo. Assim morremos mais e mais para o pecado e levamos uma vida santa e irrepreensível².

¹ Ez 36:25; Zc 13:1; Hb 12:24; 1Pe 1:2; Ap 1:5; Ap 7:14. ² Ez 36:26,27; Jo 1:33; Jo 3:5; Rm 6:4; 1Co 6:11; 1Co 12:13; Cl 2:11,12.

71. Onde Cristo prometeu lavar-nos com seu sangue e seu Espírito, tão certo como somos lavados com a água do batismo?

R. Na instituição do batismo, onde Ele diz: "Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo" (Mateus 28:19).

E: "Quem crer e for batizado será salvo; quem, porem, não crer será condenado" (Marcos 16:16).

Essa promessa se repete também onde a Escritura chama o batismo de "o lavar regenerador" (Tito 3:5) e de purificação dos pecados (Atos 22:16).

DOMINGO 27

72. Então, a própria água do batismo é a purificação dos pecados?

R. Não¹, pois somente o sangue de Jesus Cristo e o Espírito Santo nos purificam de todos os pecados².

¹ Mt 3:11; Ef 5:26; 1Pe 3:21. ² 1Co 6:11; 1Jo 1:7.

73. Por que, então, o Espírito Santo chama o batismo "o lavar regenerador" e purificação dos pecados?

R. É por motivo muito sério que Deus fala assim. Ele nos quer ensinar que nossos pecados são tirados pelo sangue e Espírito de Cristo assim como a sujeira do corpo é tirada por água¹.

E, ainda mais, Ele nos quer assegurar por esse divino sinal e garantia que somos lavados espiritualmente dos nossos pecados, mais certamente do que nosso corpo fica limpo com água².

¹ 1Co 6:11; Ap 1:5; Ap 7:14. ² Mt 16:16; Gl 3:27.

74. As crianças pequenas devem ser batizadas?

R. Devem, sim, porque tanto as crianças como os adultos pertencem à aliança de Deus e à sua igreja¹.

Também a elas, como aos adultos, são prometidos, no sangue de Cristo, a salvação do pecado e o Espírito Santo que produz a fé².

Por isso as crianças, pelo batismo como sinal da aliança, devem ser incorporadas à igreja cristã e distinguidas dos filhos dos incrédulos³. Na época do Antigo Testamento se fazia isto pela circuncisão⁴. No Novo Testamento foi instituído o batismo, no lugar da circuncisão⁵.

¹ Gn 17:7. ² Sl 22:10; Is 44:1-3; Mt 19:14; At 2:39. ³ At 10:47. ⁴ Gn 17:14. ⁵ Cl 2:11,12.

A SANTA CEIA

DOMINGO 28

75. Como a santa ceia ensina e garante que você tem parte no único sacrifício de Cristo na cruz e em todos os seus benefícios?

R. Da seguinte maneira: Cristo me mandou, assim como a todos os fiéis, comer do pão partido e beber do cálice, em sua memória.

E ele acrescentou esta promessa:

Primeiro: por mim, seu corpo foi sacrificado na cruz e seu sangue foi derramado, tão certo como vejo com meus olhos que o pão do Senhor é partido para mim e o cálice me é dado.

Segundo: ele mesmo alimenta e sacia minha alma para a vida eterna com seu corpo crucificado e seu sangue derramado, tão certo como recebo da mão do ministro e tomo com minha boca o pão e o cálice do Senhor. Eles são sinais seguros do corpo e do sangue de Cristo¹.

¹ Mt 26:26-28; Mc 14:22-24; Lc 22:19,20; 1Co 10:16,17; 1Co 11:23-25.

76. O que significa comer o corpo crucificado de Cristo e beber seu sangue derramado?

Como somos batistas, cremos que crianças pequenas não devem ser batizadas porque não exerceram fé pessoal. É bom lembrar que no tempo de Ursino, nenhuma igreja cristã séria cogitava a possibilidade de não realização do batismo de bebês que era, na época, uma prática secular. Coube aos batistas particulares na Inglaterra consertarem o erro somente no século XVII. Um bom exemplo disso é o chamado "Catecismo Ortodoxo" que nada mais é do que uma adaptação do Catecismo de Heidelberg, feita em 1680, pelo ministro batista particular Horace Collins.

R. Significa aceitar com verdadeira fé todo o sofrimento e morte de Cristo e assim receber o perdão dos pecados e a vida eterna¹. Significa também ser unido cada vez mais ao santo corpo de Cristo², pelo Espírito Santo que habita tanto nele como em nós. Assim somos carne de sua carne e osso de seus ossos³. Mesmo que Cristo esteja no céu⁴ e nós na terra, vivemos eternamente e somos governados por um só Espírito, como os membros do nosso corpo o são por uma só alma⁵.

¹ Jo 6:35,40,47-54. ² Jo 6:55,56. ³ Jo 14:23; 1Co 6:15,17,19; Ef 3:16,17; Ef 5:29,30; 1Jo 3:24; 1Jo 4:13. ⁴ At 1:9,11; At 3:21; 1Co 11:26; Cl 3:1. ⁵ Jo 6:57; Jo 15:1-6; Ef 4:15,16.

77, Onde Cristo prometeu alimentar e saciar os fiéis com seu corpo e seu sangue, tão certo como eles comem do pão partido e bebem do cálice?

R. Nas palavras da instituição da ceia, que são¹:

"O Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão; e, tendo dado graças, o partiu e disse: Isto é o meu corpo que é dado por vós; fazei isto em memória de mim. Por semelhante modo, depois de haver ceado, tomou também o cálice, dizendo: Este cálice é a nova aliança no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim. Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha" (1Coríntios 11:23-26).

O apóstolo Paulo já se tinha referido a esta promessa, dizendo: "Porventura o cálice da bênção que abençoamos, não é a comunhão do sangue de Cristo? O pão que partimos, não é a comunhão do corpo de Cristo? Porque nós, embora muitos, somos unicamente um pão, um só corpo; porque todos participamos do único pão" (1Coríntios 10:16,17).

¹ Mt 26:26-28; Mc 14:22-24; Lc 22-19,20.

DOMINGO 29

78. Pão e vinho, então, se transformam no próprio corpo e sangue de Cristo?

R. Não¹. Neste ponto há igualdade entre o batismo e a ceia. A água do batismo não se transforma no sangue de Cristo, nem tira os pecados. Ela é somente um sinal divino e uma garantia disto².

Igualmente o pão da santa ceia não se transforma no próprio corpo de Cristo³, mesmo que seja chamado "corpo de Cristo", conforme a natureza e o uso dos sacramentos⁴.

¹ Mt 26:29. ² Ef 5:26; Tt 3:5. ³ 1Co 10:16; 1Co 11:26. ⁴ Gn 17:10,11; Êx 12:11,13; Êx 12:26,27; Êx 13:9; Êx 24:8; At 22:16; 1Co 10:1-4; 1Pe 3:21.

79. Por que, então, Cristo chama o pão "seu corpo" e o cálice "seu sangue" ou "a nova aliança em seu sangue", e por que Paulo fala sobre "a comunhão do corpo e do sangue de Cristo"?

R. É por motivo muito sério que Cristo fala assim.

Ele nos quer ensinar que seu corpo crucificado e seu sangue derramado são o verdadeiro alimento e bebida de nossas almas para a vida eterna, assim como pão e vinho mantêm a vida temporária¹.

E, ainda mais, Ele nos quer assegurar por estes sinais e garantias visíveis, primeiro: que participamos de seu corpo e sangue, pela obra do Espírito Santo, tão realmente como recebemos com nossa própria boca esses santos sinais em memória dele²; e segundo: que todo o seu sofrimento e obediência são nossos, tão certo, como se nós mesmos tivéssemos sofrido e pago por nossos pecados.

¹ Jo 6:51,53-55. ² 1Co 10:16.

DOMINGO 30

80. Que diferença há entre a ceia do Senhor e a missa do papa?

R. A ceia do Senhor nos testemunha que temos completo perdão de todos os nossos pecados, pelo único sacrifício de Jesus Cristo, que ele mesmo, uma única vez, realizou na cruz¹; e também que, pelo Espírito Santo, somos incorporados a Cristo², que, agora com seu verdadeiro corpo, não está na terra, mas no céu, à direita do Pai³ e lá quer ser adorado por nós⁴.

A missa, porém, ensina que Cristo deve ser sacrificado todo dia, pelos sacerdotes, em favor dos vivos e dos mortos, e que esses, sem a missa, não têm perdão dos pecados pelo sofrimento de Cristo; e também, que Cristo está corporalmente presente sob a forma de pão e vinho e, por isso, neles deve ser adorado.

A missa, então, no fundo, não é outra coisa senão a negação do único sacrifício e sofrimento de Cristo e uma idolatria abominável⁵.

¹ Mt 26:28; Lc 22:19,20; Jo 19:30; Hb 7:26,27; Hb 9:12; Hb 9:25-28; Hb 10:10,12,14. ² 1Co 6:17; 1Co 10:16,17. ³ Jo 20:17; Cl 3:1; Hb 1:3; Hb 8:1,2. ⁴ At 7:55,56; Fp 3:20; Cl 3:1; 1Ts 1:10. ⁵ Hb 9:26; Hb 10:12,14.

81. Quem deve vir a santa ceia?

R. Aqueles que se aborrecem de si mesmos por causa dos seus pecados, mas confiam que estes lhes foram perdoados por amor de Cristo e que, também, as demais fraquezas são cobertas por seu sofrimento e sua morte; e que desejam, cada vez mais, fortalecer a fé e corrigir-se na vida.

Mas os pecadores impenitentes e os hipócritas comem e bebem para sua própria condenação¹.

¹ 1Co 10:19-22; 1Co 11:28,29.

82. Podem vir a essa ceia também aqueles que, por sua confissão e vida, se mostram incrédulos e ímpios?

R. Não, porque assim é profanada a aliança de Deus e é provocada sua ira sobre toda a congregação¹.

Por isso, a igreja cristã tem a obrigação, conforme o mandamento de Cristo e de seus apóstolos, de excluir tais pessoas pelas chaves do reino dos céus, até que demonstrem arrependimento.

¹ Sl 50:16; Is 1:11-15; Is 66:3; Jr 7:21-23; 1Co 11:20,34.

DOMINGO 31

83. Que são as chaves do reino dos céus?

R. A pregação do santo evangelho e a disciplina cristã. É por esses dois meios que o reino dos céus se abre para aqueles que crêem e se fecha para aqueles que não crêem¹.

¹ Mt 16:18,19; Mt 18:15-18.

84. Como se abre e se fecha o reino dos céus pela pregação do santo evangelho?

R. Conforme o mandamento de Cristo, se proclama e testifica aos crentes, a todos juntos e a cada um deles, que todos os seus pecados realmente lhes são perdoados por Deus, pelo mérito de Cristo, sempre que aceitam a promessa do evangelho com verdadeira fé.

Mas a todos os incrédulos e hipócritas se proclama e testifica que a ira de Deus e a condenação permanecem sobre eles, enquanto não se converterem¹.

Segundo esse testemunho do evangelho, Deus julgará todos nesta vida e na futura.

¹ Mt 16:19; Jo 20:21-23.

85. Como se fecha e se abre o reino dos céus pela disciplina cristã?

R. Conforme o mandamento de Cristo, aqueles que, com o nome de cristãos, se comportam na doutrina ou na vida como não-cristãos, são fraternalmente advertidos, repetidas vezes.

Se não querem abandonar seus erros ou maldades, são denunciados à igreja e aos que, pela igreja, foram ordenados para esse fim. Se não dão atenção nem à admoestação desses, não são mais admitidos aos sacramentos e, assim, excluídos da congregação de Cristo e pelo próprio Deus do reino de Cristo.

Eles voltam a ser recebidos como membros de Cristo e da sua igreja, quando realmente prometem e demonstram verdadeiro arrependimento ¹.

¹ Mt 18:15-18; 1Co 5:3-5,11; 2Co 2:6-8; 2Ts 3:14,15; 1Tm 5:20; 2Jo :10,11.

PARTE 3: NOSSA GRATIDÃO

DOMINGO 32

86. Visto que fomos libertados de nossa miséria, por Cristo, sem mérito algum de nossa parte, somente pela graça, por que ainda devemos fazer boas obras?

R. Primeiro: porque Cristo não somente nos comprou e libertou com seu sangue, mas também nos renova à sua imagem, por seu Espírito Santo, para que mostremos, com toda a nossa vida, que somos gratos a Deus por seus benefícios¹ e para que Ele seja louvado por nós².

Segundo: para que, pelos frutos da fé, tenhamos a certeza de que nossa fé é verdadeira³ e para que ganhemos nosso próximo para Cristo, pela vida cristã que levamos⁴.

¹ Rm 6:13; Rm 12:1,2; 1Co 6:20; 1Pe 2:5,9. ² Mt 5:16; 1Pe 2:12. ³ Mt 7:17,18; Gl 5:6,22; 2Pe 1:10. ⁴ Mt 5:16; Rm 14:18,19; 1Pe 3:1,2.

87. Não podem ser salvos, então, aqueles que continuam vivendo sem Deus, sem gratidão e não se convertem a Ele?

R. De maneira alguma, porque a Escritura diz que nenhum impuro, idólatra, adúltero, ladrão, avarento, bêbado, maldizente, assaltante ou semelhante herdará o reino de Deus¹.

¹ 1Co 6:9,10; Ef 5:5,6; 1Jo 3:14,15.

DOMINGO 33

88. Quantas partes há na verdadeira conversão do homem?

R. Duas: a morte do velho homem e o nascimento do novo homem¹.

¹ Rm 6:4-6; 1Co 5:7; 2Co 7:10; Ef 4:22-24; Cl 3:5-10.

89. O que é a morte do velho homem?

R. É a profunda tristeza por causa dos pecados e a vontade de odiá-los e evitá-los cada vez mais¹.

¹ Jl 2:13; Rm 8:13.

90. O que é o nascimento do novo homem?

R. É a alegria sincera em Deus, por Cristo¹, e o forte desejo de viver conforme a vontade de Deus em todas as boas obras².

¹ Is 57:15; Rm 5:1,2; Rm 14:17. ² Rm 6:10,11; Gl 2:19,20.

91. Que são boas obras?

R. São somente as obras feitas com verdadeira fé¹, conforme a lei de Deus² e para sua glória⁵; não são aquelas que se baseiam em nossa própria opinião ou em tradições humanas⁴.

¹ Rm 14:23. ² Lv 18:4; 1Sm 15:22; Ef 2:10. ³ 1Co 10:31. ⁴ Is 29:13,14; Ez 20:18,19; Mt 15:7-9.

OS DEZ MANDAMENTOS

DOMINGO 34

92. Que diz a lei do SENHOR?

R. Deus falou todas estas palavras (Êxodo 20:1-17; Deuteronômio 5:6-21):

"Eu sou o SENHOR teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão."

Primeiro mandamento: "Não terás outros deuses diante de mim."

Segundo mandamento: "Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não as adorarás, nem lhes darás culto; porque eu sou o SENHOR teu Deus, Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem, e faço misericórdia até mil gerações daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos."

Terceiro mandamento: "Não tomarás o nome do SENHOR teu Deus em vão, porque o SENHOR não terá por inocente o que tomar seu nome em vão."

Quarto mandamento: "Lembra-te do dia de sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do SENHOR teu Deus; não farás nenhum trabalho, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o forasteiro das tuas portas para dentro; porque em seis dias fez o SENHOR os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há, e ao sétimo dia, descansou: por isso o SENHOR abençoou o dia de sábado e o santificou. "

Quinto mandamento: "Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o SENHOR teu Deus te dá."

Sexto mandamento: "Não matarás."

Sétimo mandamento: "Não adulterarás."

Oitavo mandamento: "Não furtarás."

Nono mandamento: "Não dirás falso testemunho contra o teu próximo."

Décimo mandamento: "Não cobiçarás a casa do teu próximo. Não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que pertença ao teu próximo."

93. Como se dividem estes Dez Mandamentos?

R. Em duas partes¹:

A primeira nos ensina, em quatro mandamentos, como devemos viver diante de Deus; a segunda nos ensina, em seis mandamentos, as nossas obrigações para com nosso próximo².

¹ Êx 31:18; Dt 4:13; Dt 10:3,4. ² Mt 22:37-40.

94. O que Deus ordena no primeiro mandamento?

R. Primeiro: para não perder minha salvação, devo evitar e fugir de toda idolatria¹, feitiçaria, adivinhação e superstição². Também não posso invocar os santos ou outras criaturas³. Segundo: devo reconhecer devidamente o único e verdadeiro Deus⁴, confiar somente nele⁵, submeter-me somente a ele⁶ com toda humildade⁷ e paciência. Devo amar⁸, temer⁹ e honrar¹⁰ a Deus de todo o coração, e esperar todo o bem somente dele¹¹. Em resumo, é preferível abandonar todas as criaturas a fazer a menor coisa contra a vontade de Deus¹².

¹ 1Co 6:10; 1Co 10:7,14; 1Jo 5:21. ² Lv 19:31; Dt 18:9-12. ³ Mt 4:10; Ap 19:10; Ap 22:8,9. ⁴ Jo 17:3. ⁵ Jr 17:5,7. ⁶ Rm 5:3-5; 1Co 10:10; Fp 2:14; Cl 1:11; Hb 10:36. ⁷ 1Pe 5:5. ⁸ Dt 6:5; Mt 22:37,38. ⁹ Dt 6:2; Sl 111:10; Pv 1:7; Pv 9:10; Mt 10:28. ¹⁰ Dt 10:20; Mt 4:10. ¹¹ Sl 104:27-30; Is 45:7; Tg 1:17. ¹² Mt 5:29,30; Mt 10:37-39; At 5:29.

95. Que é idolatria?

R. Idolatria é inventar ou ter alguma coisa em que se deposite confiança, em lugar ou ao lado do único e verdadeiro Deus que se revelou em sua Palavra¹.

¹ 1Cr 16:26; Is 44:16,17; Jo 5:23; Gl 4:8; Ef 2:12; Ef 5:5; Fp 3:19; 1Jo 2:23; 2Jo 9.

DOMINGO 35

96. O que Deus exige no segundo mandamento?

R. Não podemos, de maneira alguma, representar Deus por imagem ou figura¹. Devemos adorá-lo somente da maneira que ele ordenou em sua palavra².

¹ Dt 4:15,16; Is 40:18,19,25; At 17:29; Rm 1:23-25. ² Dt 12:30-32; ISm 15:23; Mt 15:9.

97. Não se pode fazer imagem alguma?

R. Não se pode nem deve fazer nenhuma imagem de Deus. As criaturas podem ser representadas, mas Deus nos proíbe fazer ou ter imagens delas para adorá-las ou para servi-lo por meio delas¹.

¹ Êx 34:13,14,17; Dt 12:3,4; Dt 16:22; 2Rs 18:4 Is 40:25.

98. Mas não podem ser toleradas as imagens nas igrejas como “livros para ignorantes”?

R. Não, porque não devemos ser mais sábios do que Deus. Ele não quer ensinar a seu povo por meio de ídolos mudos¹, mas pela pregação viva de sua Palavra².

¹ Jr 10:5,8; Hc 2:18,19. ² Rm 10:14-17; 2Tm 3:16,17; 2Pe 1:19.

DOMINGO 36

99. O que Deus exige no terceiro mandamento?

R. Não devemos blasfemar ou profanar o santo nome de Deus por maldições¹ ou juramentos falsos² nem por juramentos desnecessários³.

Também não devemos tomar parte em pecados tão horríveis, ficando calados quando os ouvimos⁴.

Em resumo, devemos usar o santo nome de Deus somente com temor e reverência⁵, a fim de que Ele, por nós, seja devidamente confessado⁶, invocado⁷ e glorificado por todas as nossas palavras e obras⁸.

¹ Lv 24:15,16. ² Lv 19:12. ³ Mt 5:37; Tg 5:12. ⁴ Lv 5:1; Pv 29:24. ⁵ Is 45:23; Jr 4:2. ⁶ Mt 10:32; Rm 10:9,10. ⁷ Sl 50:15; 1Tm 2:8. ⁸ Rm 2:24; Cl 3:17; ITm 6:1.

100. Será que blasfemar o nome de Deus por juramentos e maldições é um pecado tão grande que Deus se ira também contra aqueles que não se esforçam para impedir e proibir tal coisa?

R. Claro que sim, pois não há pecado maior ou que mais provoque a ira de Deus do que blasfemar seu nome. Por isso, Ele mandava castigar este pecado com a pena da morte¹.

¹ Lv 24:16; Ef 5:11.

DOMINGO 37

101. Mas não podemos nós, de modo piedoso, fazer juramento em nome de Deus?

R. Podemos sim, quando as autoridades o exigirem ou quando for preciso, para manter e promover a fidelidade e a verdade, para a glória de Deus e o bem-estar do próximo. Pois tal juramento está baseado na Palavra de Deus¹ e era praticado, com razão, pelos santos do Antigo e do Novo Testamentos².

¹ Dt 6:13; Dt 10:20; Hb 6:16. ² Gn 21:24; Gn 31:53; 1Sm 24:22,23; 2Sm 3:35; 1Rs 1:29,30; Rm 1:9; Rm 9:1; 2Co 1:23.

102. Podemos jurar também pelos santos ou por outras criaturas?

R. Não, porque o juramento legítimo é uma invocação a Deus, para que Ele, o único que conhece os corações, testemunhe a verdade e nos castigue se jurarmos falsamente¹.

Tal honra não pertence a criatura alguma².

¹ Rm 9:1; 2Co 1:23. ² Mt 5:34-36; Tg 5:12.

DOMINGO 38

103. O que Deus ordena no quarto mandamento?

R. Primeiro: o ministério do Evangelho e as escolas cristãs devem ser mantidos¹, e eu devo reunir-me fielmente com o povo de Deus, especialmente no dia de descanso², para conhecer a palavra de Deus³, para participar dos sacramentos⁴, para invocar publicamente ao Senhor Deus⁵ e para praticar a caridade cristã para com os necessitados⁶.

Segundo: eu devo, todos os dias da minha vida, desistir das más obras, deixando o Senhor operar em mim por seu Espírito. Assim começo nesta vida o descanso eterno⁷.

¹ 1Co 9:13,14; 1Tm 3:15; 2Tm 2:2; 2Tm 3:14,15; Tt 1:5. ² Lv 23:3; Sl 40:9,10; Sl 122:1; At 2:42,46. ³ 1Co 14:1,3; ITm 4:13; Ap 1:3. ⁴ At 20:7; 1Co 11:33. ⁵ 1Co 14:16; 1Tm 2:1-4. ⁶ Dt 15:11; 1Co 16:1,2; 1Tm 5:16. ⁷ Hb 4:9,10.

DOMINGO 39

104. O que Deus exige no quinto mandamento?

R. Devo prestar toda honra, amor e fidelidade a meu pai e a minha mãe e a todos os meus superiores; devo submeter-me à sua boa instrução e disciplina com a devida obediência¹, e também ter paciência com seus defeitos²; porque Deus nos quer governar pelas mãos deles³.

¹ Êx 21:17; Pv 1:8; Pv 4:1; Pv 15:20; Pv 20:20; Rm 13:1; Ef 5:22; Ef 6:1,2,5; Cl 3:18,20,22. ² Pv 23:22; 1Pe 2:18. ³ Mt 22:21; Rm 13:2,4; Ef 6:4; Cl 3:20.

DOMINGO 40

105. O que Deus exige no sexto mandamento?

R. Eu não devo desonrar, odiar, ofender ou matar meu próximo¹, por mim mesmo ou através de outros. Isso não posso fazer, nem por pensamentos, palavras, ou gestos e muito menos por atos.

Mas devo abandonar todo desejo de vingança², não fazer mal a mim mesmo ou, de propósito, colocar-me em perigo³. Por isso as autoridades dispõem das armas para impedir homicídios⁴.

¹ Gn 9:6; Mt 5:21,22; Mt 26:52. ² Mt 5:25; Mt 18:35; Rm 12:19; Ef 4:26. ³ Mt 4:7; Cl 2:23. ⁴ Gn 9:6; Êx 21:14; Rm 13:4.

106. Este mandamento trata somente de matar?

R. Não, proibindo o homicídio, Deus nos ensina que Ele detesta a raiz do homicídio, a saber: a inveja¹, o ódio², a ira³ e o desejo de vingança. Ele considera tudo isso homicídio⁴.

¹ Sl 37:8; Pv 14:30; Rm 1:29. ² 1Jo 2:9-11. ³ Tg 1:20; Gl 5:19-21. ⁴ 1Jo 3:15.

107. Mas é suficiente não matar nosso próximo?

R. Não, porque Deus, condenando a inveja, o ódio e a ira, manda que amemos nosso próximo como a nós mesmos¹ e mostremos paciência, paz, mansidão, misericórdia e gentileza para com ele².

Devemos evitar seu prejuízo, tanto quanto possível³, e fazer bem até aos nossos inimigos⁴.

¹ Mt 7:12; Mt 22:39; Rm 12:10. ² Mt 5:5,7; Lc 6:36; Rm 12:18; Gl 6:1,2; Ef 4:1-3; Cl 3:12; 1Pe 3:8. ³ Êx 23:5. ⁴ Mt 5:44,45; Rm 12:20,21.

DOMINGO 41

108. O que o sétimo mandamento nos ensina?

R. Toda impureza sexual é amaldiçoada por Deus¹. Por isso, devemos detestá-la profundamente e viver de maneira pura e disciplinada², sejamos casados ou solteiros³.

¹ Lv 18:27-29. ² 1Ts 4:3-5. ³ Mt 19:9; 1Co 7:10,11; Hb 13:4.

109. Mas Deus, neste mandamento, proíbe somente o adultério e outros pecados vergonhosos?

R. Não, pois como nosso corpo e nossa alma são o templo do Espírito Santo, Deus quer que os conservemos puros e santos¹.

Por isso, Ele proíbe todos os atos, gestos, palavras², pensamentos e desejos³ impuros e tudo o que possa atrair o homem para tais pecados⁴.

¹ 1Co 6:18-20. ² Dt 22:20-29; Ef 5:3,4. ³ Mt 5:27,28. ⁴ 1Co 15:33; Ef 5:18.

DOMINGO 42

110. O que Deus proíbe no oitavo mandamento?

R. Deus não somente proíbe o furto¹ e o roubo² que as autoridades castigam, mas também classifica como roubo todos os maus propósitos e as práticas

maliciosas, através dos quais tentamos nos apropriar dos bens do próximo³, seja por força, seja por aparência de direito, a saber: falsificação de peso, de medida, de mercadoria e de moeda⁴, seja por juros exorbitantes ou por qualquer outro meio proibido por Deus⁵.

Também proíbe toda avareza⁶, bem como todo abuso e desperdício de suas dádivas⁷.

¹ 1Co 6:10. ² Lv 19:13. ³ Lc 3:14; 1Co 5:10. ⁴ Dt 25:13-15; Pv 11:1; Pv 16:11; Ez 45:9-12. ⁵ Sl 15:5; Lc 6:35. ⁶ 1Co 6:10. ⁷ Pv 21:20; Pv 23:20,21.

111. Mas o que Deus ordena neste mandamento?

R. Devo promover, tanto quanto possível, o bem do meu próximo e tratá-lo como quero que outros me tratem¹.

Além disso, devo fazer fielmente meu trabalho para que possa ajudar ao necessitado².

¹ Mt 7:12. ² Ef 4:28.

DOMINGO 43

112. O que Deus exige no nono mandamento?

R. Jamais posso dar falso testemunho contra meu próximo¹, nem torcer suas palavras² ou ser mexeriqueiro ou caluniador³. Também não posso ajudar a condenar alguém levemente, sem o ter ouvido⁴.

Mas devo evitar toda mentira e engano, obras próprias do diabo⁵, para Deus não ficar aborrecido comigo⁶.

Em julgamentos e em qualquer outra ocasião, devo amar a verdade, falar a verdade e confessá-la francamente⁷. Também devo defender e promover, tanto quanto puder, a honra e a boa reputação de meu próximo⁸.

¹ Pv 19:5,9; Pv 21:28. ² Sl 50:19,20. ³ Sl 15:3; Rm 1:30. ⁴ Mt 7:1,2; Lc 6:37. ⁵ Jo 8:44. ⁶ Pv 12:22. ⁷ 1Co 13:6; Ef 4:25. ⁸ 1Pe 4:8.

DOMINGO 44

113. O que Deus exige no décimo mandamento?

R. Jamais pode surgir em nosso coração o menor desejo ou pensamento contra qualquer mandamento de Deus. Pelo contrário, devemos sempre, de todo o coração, odiar todos os pecados e amar toda justiça¹.

¹ Rm 7:7.

114. Mas aqueles que se converteram a Deus podem guardar perfeitamente estes mandamentos?

R. Não, não podem, porque nesta vida até os mais santos deles apenas começam a guardar os mandamentos¹. Entretanto, começam, com sério propósito, a viver não somente conforme alguns, mas conforme todos os mandamentos de Deus².

¹ Ec 7:20; Rm 7:14,15; 1Co 13:9; 1Jo 1:8,10. ² Sl 1:2; Rm 7:22; 1Jo 2:3.

115. Para que, então, Deus manda pregar os Dez Mandamentos tão rigorosamente, já que ninguém pode guardá-los nesta vida?

R. Primeiro: para que, durante toda a vida, conheçamos cada vez melhor nossa natureza pecaminosa¹ e, por isso, ainda mais desejemos buscar, em Cristo, o perdão dos pecados e a justiça².

Segundo: para que sempre sejamos zelosos e oremos a Deus pela graça do Espírito Santo, a fim de que sejamos cada vez mais renovados segundo a imagem de Deus até que, depois desta vida, alcancemos o objetivo, a saber: a perfeição³.

¹ Sl 32:5; Rm 3:20; 1Jo 1:9. ² Mt 5:6; Rm 7:24,25. ³ 1Co 9:24; Fp 3:12-14.

A ORAÇÃO

DOMINGO 45

116. Por que a oração é necessária aos cristãos?

R. Porque a oração é a parte principal da gratidão que Deus requer de nós¹. Além disso, Deus quer conceder sua graça e seu Espírito Santo somente aos que continuamente lhe pedem e agradecem de todo o coração².

¹ Sl 50:14,15. ² Mt 7:7,8; Lc 11:9,10; 1Ts 5:17,18.

117. Como devemos orar, para que a oração seja agradável a Deus e Ele nos ouça?

R. Primeiro: devemos invocar, de todo o coração¹, o único e verdadeiro Deus, que se revelou a nós em sua palavra², e orar por tudo o que Ele nos ordenou para pedir³.

Segundo: devemos muito bem conhecer nossa necessidade e miséria⁴, a fim de nos humilharmos perante sua majestade⁵.

Terceiro: devemos ter a plena certeza⁶ de que Deus, apesar de nossa indignidade, quer atender à nossa oração⁷, por causa de Cristo, como Ele prometeu em sua Palavra⁸.

¹ Sl 145:18-20; Tg 4:3,8. ² Jo 4:22-24; Ap 19:10. ³ Rm 8:26; Tg 1:5; 1Jo 5:14. ⁴ 2Cr 20:12; Sl 143:2. ⁵ Sl 2:11; Sl 51:17; Is 66:2. ⁶ Rm 8:15,16; Rm 10:14; Tg 1:6-8. ⁷ Dn 9:17-19; Jo 14:13,14; Jo 15:16; Jo 16:23. ⁸ Sl 27:8; Sl 143:1; Mt 7:8.

118. O que Deus ordenou pedir a ele?

R. Tudo o que é necessário ao nosso corpo e à nossa alma¹, como Cristo, o Senhor, o resumiu na oração que Ele mesmo nos ensinou.

¹ Mt 6:33; Tg 1:17.

119. O que diz essa oração?

R. "Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome; venha o teu reino, faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu; o pão nosso de cada dia dá-nos hoje; e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores; e não nos deixes cair em tentação, mas livra nos do mal [pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém]!" (Mateus 6:9-13; Lucas 11:2-4).

DOMINGO 46

120. Por que Cristo nos ordenou dizer a Deus "Pai nosso"?

R. Porque Cristo quer despertar em nós, logo no início, como base da oração, o respeito e a confiança para com Deus que uma criança tem para com seu pai. Pois Deus se tornou nosso Pai por Cristo. E muito menos do que nossos pais nos recusam bens materiais, ele nos recusará o que lhe pedirmos com verdadeira fé¹.

¹ Mt 7:9-11; Lc 11:11-13

121. Por que se acrescenta: "que estás nos céus"?

R. Porque assim Cristo nos ensina a não ter ideia terrena da majestade celestial de Deus¹ e a esperar, da onipotência dele, tudo o que é necessário ao nosso corpo e à nossa alma².

¹ Jr 23:23,24; At 17:24-27. ² Rm 10:12.

DOMINGO 47

122. Qual é a primeira petição?

R. "Santificado seja o teu nome".

Quer dizer:

Faze, primeiro, com que te conheçamos em verdade¹ e te santifiquemos, honremos e glorifiquemos em todas as tuas obras², em que brilham tua onipotência, sabedoria, bondade, justiça, misericórdia e verdade.

Faze, também, com que dirijamos toda a nossa vida - nossos pensamentos, palavras e obras - de tal maneira que teu nome não seja blasfemado por nossa causa, mas honrado e glorificado³.

¹ Sl 119:105; Jr 9:24; Jr 31:33,34, Mt 16:17; Jo 17:3; Tg 1:5. ² Êx 34:6,7; Sl 119:137,138; Sl 145:8,9; Jr 31:3; Jr 32:18,19; Mt 19:17; Lc 1:46-55; Lc 1:68,69; Rm 3:3,4; Rm 11:22,23; Rm 11:33. ³ Sl 71:8; Sl 115:1; Mt 5:16.

DOMINGO 48

123. Qual é a segunda petição?

R. "Venha o teu reino".

Quer dizer:

Governa-nos por tua palavra e por teu Espírito, de tal maneira que, cada vez mais, nos submetamos a ti¹; conserva e aumenta tua igreja²;

destrói as obras do diabo, e todo poder que se levanta contra ti, e todos os maus planos que são inventados contra tua santa Palavra³;

até que venha a plenitude de teu reino⁴, em que tu serás tudo em todos⁵.

¹ Sl 119:5; Sl 143:10; Mt 6:33. ² Sl 51:18; Sl 122:6,7. ³ Rm 16:20; 1Jo 3:8. ⁴ Rm 8:22,23; Ap 22:17,20. ⁵ 1Co 15:28.

DOMINGO 49

124. Qual é a terceira petição?

R. "Faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu".

Quer dizer:

Faze com que nós e todos os homens renunciemos à nossa própria vontade¹ e obedeçamos, sem protestos, à tua vontade², a única que é boa, para que cada um, assim, cumpra sua tarefa e vocação³, tão pronta e fielmente como os anjos no céu⁴.

¹ Mt 16:24; Tt 2:11,12. ² Lc 22:42; Rm 12:2; Ef 5:10. ³ 1Co 7:22-24. ⁴ Sl 103:20,21.

DOMINGO 50

125. Qual é a quarta petição?

R. "O pão nosso de cada dia dá-nos hoje".

Quer dizer:

Cuida de nós com tudo o que for necessário ao nosso corpo¹, para que reconheçamos que Tu és a única fonte de todo o bem² e que, sem tua bênção, nem nosso cuidado e trabalho, nem teus dons nos são úteis³.

Faze também com que, por isso, não mais depositemos nossa confiança em qualquer criatura, mas somente em ti⁴.

¹ Sl 104:27,28; Sl 145:15,16; Mt 6:25,26. ² At 14:17; At 17:27,28; Tg 1:17. ³ Dt 8:3; Sl 37:3-7,16,17; Sl 127:1,2; 1Co 15:58. ⁴ Sl 55:22; Sl 62:10; Sl 146:3; Jr 17:5,7.

DOMINGO 51

126. Qual é a quinta petição?

R. "E perdoa-nos as nossas dividas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores".

Quer dizer:

Por causa do sangue de Cristo, não cobres de nós, miseráveis pecadores que somos, nossas transgressões nem o mal que ainda há em nós¹, assim como tua graça em nós fez com que tenhamos o firme propósito de perdoar nosso próximo de todo o coração².

¹ Sl 51:1; Sl 143:2; Rm 8:1; 1Jo 2:1. ² Mt 6:14,15.

DOMINGO 52

127. Qual é a sexta petição?

R. "E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal".

Quer dizer:

Somos tão fracos que, por nós mesmos, não podemos subsistir por um só momento¹; além disso, nossos inimigos declarados - o diabo², o mundo³ e nossa própria carne⁴ - nos tentam continuamente.

Por isso, pedimos-te: sustenta-nos e fortalece-nos pelo poder de teu Espírito Santo, a fim de que neste combate espiritual não sejamos derrotados⁵, mas possamos fortemente resistir, até que finalmente alcancemos a vitória total⁶.

¹ Sl 103:14-16; Jo 15:5. ² Ef 6:12; 1Pe 5:8. ³ Jo 15:19. ⁴ Rm 7:23; Gl 5:17. ⁵ Mt 26:41; Mc 13:33; 1Co 10:12,13. ⁶ 1Ts 3:13; 1Ts 5:23.

128. Como você termina sua oração?

R. "Pois teu é o reino, o poder e a glória, para sempre".

Quer dizer:

Tudo isso te pedimos, porque tu queres e podes dar-nos todo o bem, pois és nosso Rei e tudo está em teu poder¹. Pedimos-te isso também, para que não o nosso, mas o teu santo nome seja eternamente glorificado².

¹ 1Cr 29:10-12; Rm 10:11-13; 2Pe 2:9. ² Sl 115:1; Jr 33:8,9; Jo 14:13.

129. O que significa a palavra: "amém"?

R. Amém quer dizer: é verdadeiro e certo. Pois Deus atende à minha oração com muito mais certeza do que o desejo que eu sinto no coração de ser ouvido por ele¹.

¹ 2Co 1:20; 2Tm 2:13.

Fonte: Confissão Belga e Catecismo de Heidelberg – Ed. Cultura Cristã

OS CÂNONES DE DORT

(1618-1619)

INTRODUÇÃO

As decisões do Sínodo de Dort quanto aos cinco pontos de doutrina em disputa na Holanda são conhecidas popularmente como os cânones de Dort. Trata-se das afirmações doutrinárias adotadas pelo grande sínodo de Dort, que reuniu-se na cidade de Dordrecht, Holanda, em 1618 e 1619.

O sínodo foi convocado para resolver uma séria controvérsia doutrinária causada pelo surgimento do arminianismo. Jacobus Arminius, um professor da Universidade de Leiden, questionou diversos ensinamentos de Calvino. Depois da morte dele os seus seguidores, conhecidos como remonstrantes, apresentaram sua visão doutrinária em cinco pontos no ano de 1610. Neste documento, os arminianos defenderam a eleição baseada na previsão da fé, expiação universal, depravação parcial, graça resistível e a possibilidade de cair da graça.

Os cânones de Dort responderam defendendo a eleição incondicional, expiação limitada, depravação total, graça irresistível e a perseverança dos santos. Estes pontos, são conhecidos popularmente hoje como os “cinco pontos do calvinismo”.

Os cânones são divididos em cinco capítulos e sempre possuem uma parte positiva, de afirmação da ortodoxia, e uma negativa, com refutação de erros.

OS CÂNONES DE DORT

CAPÍTULO 1 - A DIVINA ELEIÇÃO E REPROVAÇÃO

ART. 1. O DIREITO DE DEUS DE CONDENAR A TODOS

Todos os homens pecaram em Adão, estão debaixo da maldição de Deus e são condenados à morte eterna. Por isso Deus não teria feito injustiça a ninguém se Ele tivesse resolvido deixar toda a raça humana no pecado e sob a maldição e condená-la por causa do seu pecado, de acordo com estas

palavras do apóstolo: "... para que se cale toda boca, e todo o mundo seja culpável perante Deus... pois todos pecaram e carecem da glória de Deus...", e: "...o salário do pecado é a morte..." (Rom. 3:19,23; 6:23).

ART. 2. A MANIFESTAÇÃO DO AMOR DE DEUS

Mas "Nisto se manifestou o amor de Deus em nós, em haver Deus enviado o seu Filho unigênito ao mundo...", "...para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna." (I Jo 4:9; Jo 3:16).

ART. 3. A PREGAÇÃO DO EVANGELHO

Para que os homens sejam conduzidos à fé, Deus envia, em sua misericórdia, mensageiros desta mensagem muito alegre a quem e quando Ele quer. Pelo ministério deles, os homens são chamados ao arrependimento e à fé no Cristo crucificado. Porque "... como crerão naquele de quem nada ouviram? e como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão se não forem enviados?..." (Rom. 10:14,15).

ART. 4. DUAS RESPOSTAS AO EVANGELHO

A ira de Deus permanece sobre aqueles que não creem neste Evangelho. Mas aqueles que o aceitam e abraçam Jesus, o Salvador, com uma fé verdadeira e viva, são redimidos por Ele da ira de Deus e da perdição, e presenteados com a vida eterna (Jo 3:36; Mc 16:16).

ART. 5. AS FONTES DA INCREDELIDADE E DA FÉ

Em Deus não está, de forma alguma, a causa ou culpa desta incredulidade. O homem tem a culpa dela, tal como de todos os demais pecados. Mas a fé em Jesus Cristo e também a salvação por meio dEle são dons gratuitos de Deus, como está escrito: "Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus..." (Ef 2:8). Semelhantemente, "Porque vos foi concedida a graça de..." crer em Cristo (Fp 1:29).

ART. 6. A DECISÃO ETERNA DE DEUS

Deus dá nesta vida a fé a alguns enquanto não dá a fé a outros. Isto procede do eterno decreto de Deus. Porque as Escrituras dizem que Ele "...faz estas cousas conhecidas desde séculos." e que Ele "faz todas as cousas conforme o conselho da sua vontade..." (Atos 15:18; Ef 1:11). De acordo com esse decreto, Ele graciosamente quebranta os corações dos eleitos, por duros que sejam, e os inclina a crer. Pelo mesmo decreto, entretanto, segundo seu justo juízo, Ele deixa os não-eleitos em sua própria maldade e dureza. E aqui especialmente nos é manifesta a profunda, misericordiosa e ao mesmo tempo justa distinção entre os homens que estão na mesma condição de perdição. Este é o decreto da eleição e reprovação revelado na Palavra de Deus. Ainda que os homens perversos, impuros e instáveis o deturpem, para

sua própria perdição, ele dá um inexprimível conforto para as pessoas santas e tementes a Deus.

ART. 7. ELEIÇÃO

Esta eleição é o imutável propósito de Deus, pelo qual Ele, antes da fundação do mundo, escolheu um número grande e definido de pessoas para a salvação, por graça pura. Estas são escolhidas de acordo com o soberano bom propósito de sua vontade, dentre todo o gênero humano, decaído pela sua própria culpa de sua integridade original para o pecado e a perdição. Os eleitos não são melhores ou mais dignos que os outros, porém envolvidos na mesma miséria dos demais. São escolhidos em Cristo, quem Deus constituiu, desde a eternidade, como Mediador e Cabeça de todos os eleitos e fundamento da salvação. E, para salvá-los por Cristo, Deus decidiu dá-los a Ele e efetivamente chamá-los e atraí-los à sua comunhão por meio da sua Palavra e seu Espírito. Em outras palavras, Ele decidiu dar-lhes verdadeira fé em Cristo, justificá-los, santificá-los, e depois, tendo-os guardado poderosamente na comunhão de seu Filho, glorificá-los finalmente. Deus fez isto para a demonstração de sua misericórdia e para o louvor da riqueza de sua gloriosa graça. Como está escrito: "... assim como nos escolheu nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor nos destinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito [bom propósito] de sua vontade, para louvor da glória de sua graça, que ele nos concedeu gratuitamente no Amado...". E em outro lugar: "E aos que destinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou" (Ef 1:4-6; Rom 8:30).

ART. 8. UMA ÚNICA DECISÃO DE ELEIÇÃO

Esta eleição não é múltipla, mas ela é uma e a mesma de todos os que são salvos tanto no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento. Pois a Escritura nos prega o único bom propósito e conselho da vontade de Deus, pelo qual Ele nos escolheu desde a eternidade, tanto para a graça como para a glória, assim também para a salvação e para o caminho da salvação, o qual preparou para que andássemos nele (Ef 1:4,5; 2:10).

ART. 9. ELEIÇÃO NÃO BASEADA EM FÉ PREVISTA

Esta eleição não é baseada em fé prevista, em obediência de fé, santidade ou qualquer boa qualidade ou disposição, que seria uma causa ou condição previamente requerida ao homem para ser escolhido. Mas a eleição é para fé, obediência de fé, santidade, etc. Eleição, portanto, é a fonte de todos os bens da salvação, de onde procedem a fé, a santidade e os outros dons da salvação, e finalmente a própria vida eterna como seus frutos. É conforme o testemunho do apóstolo: Ele "...nos escolheu..." (não por sermos mas) "...para sermos santos e irrepreensíveis perante ele..." (Ef 1:4).

ART. 10. ELEIÇÃO BASEADA NO BENEPLÁCITO DE DEUS

A causa desta eleição graciosa é somente o bom propósito de Deus. Este bom propósito não consiste no fato de que, dentre todas as condições possíveis Deus tenha escolhido certas qualidades ou ações dos homens como condição para salvação. Mas este bom propósito consiste no fato de que Deus adotou certas pessoas dentre da multidão inteira de pecadores para ser a sua propriedade. Como está escrito: "E ainda não eram os gêmeos nascidos, nem tinham praticado o bem ou o mal... já lhe fora dito a ela (Rebeca): O mais velho será servo do mais moço. Como está escrito, "Amei a Jacó, porém me aborreci de Esaú." E, "...creram todos os que haviam sido destinados para a vida eterna." (Rom 9:11-13; At 13:48).

ART. 11. ELEIÇÃO IMUTÁVEL

Como Deus é supremamente sábio, imutável, onisciente, e Todo-Poderoso, assim sua eleição não pode ser cancelada e depois renovada, nem alterada, revogada ou anulada; nem mesmo podem os eleitos ser rejeitados, ou o número deles ser diminuído.

ART. 12. A SEGURANÇA DA ELEIÇÃO

Os eleitos recebem, no devido tempo, a certeza da sua eterna e imutável eleição para salvação, ainda que em vários graus e em medidas desiguais. Eles não a recebem quando curiosamente investigam os mistérios e profundezas de Deus. Mas eles a recebem, quando observam em si mesmos, com alegria espiritual e gozo santo, os infalíveis frutos de eleição indicados na Palavra de Deus - tais como uma fé verdadeira em Cristo, um temor filial para com Deus, tristeza com seus pecados segundo a vontade de Deus, e fome e sede de justiça.

ART. 13. O FRUTO DESSA SEGURANÇA

A consciência e a certeza desta eleição fornecem diariamente aos filhos de Deus maior motivo para se humilhar perante Deus, para adorar a profundidade de sua misericórdia, para se purificar, e para amar ardentemente Aquele que primeiro tanto os amou. Contudo absolutamente não é verdade que esta doutrina da eleição e a reflexão na mesma os façam relaxar na observação dos mandamentos de Deus ou rendam segurança falsa. No justo julgamento de Deus isso ocorre frequentemente àqueles que se vangloriam levemente da graça da eleição, ou facilmente falam acerca disto, mas recusam andar nos caminhos dos eleitos.

ART. 14. ENSINANDO A ELEIÇÃO PROPRIAMENTE

A doutrina da divina eleição, segundo o mui sábio conselho de Deus, foi pregada pelos profetas, por Cristo mesmo, e pelos apóstolos, tanto no Antigo Testamento como no Novo Testamento, e depois escrita e nos entregue nas Escrituras Sagradas. Por isso, também hoje esta doutrina deve ser ensinada

no seu devido tempo e lugar na Igreja de Deus, para qual ela foi particularmente destinada. Ela deve ser ensinada com espírito de discrição, de modo reverente e santo, sem curiosa investigação dos caminhos do Altíssimo, para a glória do santo nome de Deus e consolação vivificante do seu povo.

ART. 15. REPROVAÇÃO

A Escritura Sagrada mostra e recomenda a nós esta graça eterna e imerecida sobre nossa eleição, especialmente quando, além disso, testifica que nem todos os homens são eleitos, mas que alguns não o são, ou seja, são passados na eleição eterna de Deus. De acordo com seu soberano, justo, irrepreensível e imutável bom propósito, Deus decidiu deixá-los na miséria comum em que se lançaram por sua própria culpa, não lhes concedendo a fé salvadora e a graça da conversão. Para mostrar sua justiça, decidiu deixá-los em seus próprios caminhos e debaixo do seu justo julgamento, e finalmente condená-los e puni-los eternamente, não apenas por causa de sua incredulidade, mas também por todos os seus pecados, para mostrar sua justiça. Este é o decreto da reprovação, o qual não torna Deus o autor do pecado (tal pensamento é blasfêmia!), mas O declara o temível, irrepreensível e justo Juiz e Vingador do pecado.

ART. 16. RESPOSTAS AO ENSINO DA REPROVAÇÃO

Há pessoas que não sentem fortemente a fé viva em Cristo, nem confiança firme no coração, nem boa consciência, nem zelo pela obediência filial e pela glorificação de Deus por meio de Cristo. Apesar disso elas usam os meios pelos quais Deus prometeu operar tais coisas em nós. Elas não devem se desanimar quando a reprovação for mencionada nem contar a si mesmos entre os reprovados. Pelo contrário, devem continuar diligentemente no uso destes meios, desejando ferventemente dias de graça mais abundante e esperando-os com reverência e humildade. Não devem se assustar de maneira nenhuma com a doutrina da reprovação os que desejam seriamente se converter a Deus, agradar só a Ele e serem libertos do corpo de morte, mas ainda não podem chegar no ponto que gostariam no caminho da piedade e da fé. O Deus misericordioso prometeu não apagar a torcida que fumeja, nem esmagar a cana quebrada. Mas esta doutrina é certamente assustadora para os que não contam com Deus e o Salvador Jesus Cristo e se entregaram completamente às preocupações do mundo e aos desejos da carne, enquanto não se converterem seriamente a Deus.

ART. 17. A SALVAÇÃO DOS FILHOS DOS CRENTES

Devemos julgar a respeito da vontade de Deus com base na sua Palavra. Ela testifica que os filhos de crentes são santos, não por natureza, mas em virtude da aliança da graça, na qual estão incluídos com seus pais. Por isso os pais que temem a Deus não devem ter dúvida da eleição e salvação de seus filhos, que Deus chama desta vida ainda na infância.

O sínodo limitou-se a afirmar a salvação dos filhos pequenos dos crentes. Não ousou ir além disso. Entretanto, é comum no meio reformado hoje crer-se na eleição de todas as crianças que não tiveram oportunidade de exercer a fé.

ART. 18. A ATITUDE CORRETA DIANTE DA ELEIÇÃO E REPROVAÇÃO

Aqueles que reclamam contra esta graça de eleição imerecida e a severidade da justa reprovação, nós replicamos com esta sentença do apóstolo: "Quem és tu, ó homem para discutires com Deus?!" (Rm 9:20). E com esta palavra do Salvador: "Porventura não me é lícito fazer o que quero do que é meu?" (Mt 20:15). Nós, entretanto, adorando reverentemente estes mistérios, exclamamos com o apóstolo: "Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria, como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos e quão inescrutáveis os seus caminhos! Quem, pois conheceu a mente do Senhor? ou quem foi o seu conselheiro? Ou quem primeiro lhe deu a ele para que lhe venha a ser restituído? Porque dele e por meio dele e para ele são todas as cousas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém." (Rm 11:33-36).

REJEIÇÃO DE ERROS

Havendo explicado a doutrina ortodoxa de eleição e reprovação, o Sínodo rejeita os seguintes erros:

Erro 1 - A vontade de Deus para salvar aqueles que crerem e perseverarem na fé e na obediência da fé é o decreto inteiro e total da eleição para salvação. Nada mais sobre este decreto foi revelado na Palavra de Deus.

Refutação - Este erro engana aos simples e claramente contradiz a Escritura. Ela testifica não apenas que Deus salvará aqueles que creem, mas também que escolheu específicas pessoas desde a eternidade. Nesta vida Ele dará a estes eleitos a fé em Cristo e perseverança, que Ele não dá a outros; como está escrito: "Manifestei o teu nome aos homens que me deste do mundo." (Jo 17:6). "...e creiam todos os que haviam sido destinados para a vida eterna." (At 13:48). "...como nos escolheu nele antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele..." (Ef 1:4).

Erro 2 - Há vários tipos de eleição divina para a vida eterna. Um é geral e indefinido, e outro é particular e definido. Esta última eleição ou é incompleta, revogável, não-decisiva e condicional, ou é completa, irrevogável, decisiva e absoluta. Do mesmo modo, há uma eleição para fé e outra para salvação. Portanto eleição pode ser para a fé justificante, sem ser decisiva para a salvação.

Refutação - Isto é uma invenção da mente humana, sem nenhuma base na Escritura. Essa invenção corrompe a doutrina da eleição e quebra a corrente de ouro da nossa salvação. "E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou." (Rom 8:30).

Erro 3 - O bom propósito de Deus do qual a Escritura fala na doutrina da eleição não significa que Ele escolheu certas pessoas e não outras, mas que Ele, dentre todas as condições possíveis (inclusive as obras da lei), ou seja,

dentre todas as possibilidades, escolheu como condição de salvação, o ato de fé, que é sem méritos de si mesmo, e a obediência imperfeita da fé. Na sua graça Ele a considera como obediência perfeita e digna da recompensa da vida eterna.

Refutação - Este erro perigoso invalida o bom propósito de Deus e o mérito de Cristo, e desvia as pessoas, por questões inúteis, da verdade da justificação graciosa e da simplicidade da Escritura. Ele acusa de falsidade esta declaração do apóstolo: "...que nos salvou e nos chamou com santa vocação; não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus antes dos tempos eternos." (2 Tm 1:9).

Erro 4 - Eleição para fé depende das seguintes condições prévias: o homem deve fazer uso adequado da luz da natureza, e deve ser piedoso, humilde, submisso e qualificado para a vida eterna.

Refutação - Assim parece que a eleição depende destas coisas. Isto tem o sabor do ensino de Pelágio e está em conflito com o ensino do apóstolo em Efésios 2:3-9: "...entre os quais também todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como também os demais. Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou, e estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo -- pela graça sois salvos, e juntamente com ele nos ressuscitou e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus; para mostrar nos séculos vindouros a suprema riqueza da sua graça, em bondade para conosco em Cristo Jesus. Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie."

Erro 5 - A eleição incompleta e não-definitiva de certas pessoas para a salvação se baseou nisto: Deus previu que elas começariam a crer, se converter, viver em santidade e piedade, e até continuariam nisto por algum tempo. Eleição completa e definitiva de pessoas, porém, ocorreu porque Deus previu que elas perseverariam em fé, conversão, santidade e piedade até ao fim. Isto é a dignidade graciosa e evangélica por causa da qual a pessoa que é escolhida é mais digna que outra que não é escolhida. Consequentemente a fé, a obediência de fé, a piedade e a perseverança não são frutos da imutável eleição para glória. São condições e causas previamente requeridas e previstas como cumpridas naqueles que serão eleitos completamente. Só com base nestas condições ocorre a eleição imutável para a glória.

Refutação - Este erro está em conflito com toda a Escritura que repete constantemente para nossos ouvidos e corações, estas e semelhantes afirmações: eleição "não [é] por obras, mas por aquele que chama..." (Rom 9:11), "...e creram todos os que haviam sido destinados para a vida eterna."

(At 13:48); "...nos escolheu nele antes da fundação do mundo para sermos santos e irrepreensíveis perante ele..." (Ef 1:4); "Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros..." (Jo 15:16); "...se é pela graça, já não é pelas obras; do contrário, a graça já não é graça." (Rom 11:6). "Nisto consiste o amor, não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que Ele nos amou, e enviou o seu Filho..." (I Jo 4:10).

Erro 6 - Nem toda eleição para salvação é imutável. Alguns dos eleitos podem perder-se e de fato se perdem eternamente, não obstante qualquer decreto de Deus.

Refutação - Este erro grosseiro faz Deus mutável, destrói o conforto dos crentes quanto à constância de sua eleição, e contradiz a Escritura: os eleitos não podem ser enganados (Mt 24:24); "E a vontade de quem me enviou é esta: Que nenhum eu perca de todos os que me deu..." (Jo 6:39); "E aos que predestinou a esses também chamou; e aos que chamou a esses também justificou; e aos que justificou a esses também glorificou." (Rom 8:30).

Erro 7 - Nesta vida não há fruto, consciência ou certeza da eleição imutável para glória, exceto a certeza que depende de uma condição mutável e incerta.

Refutação - Falar acerca de uma certeza incerta é não apenas absurdo, mas também contrário à experiência dos santos. Sentindo sua eleição, eles se regozijam junto com o apóstolo e glorificam este benefício de Deus (cf Ef 1:12). Conforme o mandamento de Cristo Eles se regozijam junto com os discípulos por seus nomes estarem escritos nos céus (Lc 10:20). Eles colocam a consciência de sua eleição contra os dardos inflamados das tentações do diabo, quando perguntam: "Quem tentará acusação contra os eleitos de Deus?" (Rom 8:33).

Erro 8 - Deus não decidiu, simplesmente com base em sua justa vontade, deixar ninguém na queda de Adão e no estado comum de pecado e condenação. Nem decidiu passar ninguém quando deu a graça, necessária para fé e conversão.

Refutação - Pois isto é certo: "Logo, tem ele misericórdia de quem quer, e também endurece a quem lhe apraz." (Rom 9:18). E também isto: "...Porque a vós outros é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas àqueles não lhes é isso concedido." (Mt 13:11). Igualmente: "...Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas cousas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi de teu agrado." (Mt 11:25,26).

Erro 9 - Deus envia o Evangelho a um povo mais que a um outro, não meramente e somente por causa do bom propósito de sua vontade, mas por ser este melhor e mais digno que o outro, ao qual o Evangelho não é comunicado.

Refutação - Moisés nega isto quando se dirige ao povo de Israel dizendo: "Eis que os céus e os céus dos céus são do SENHOR teu Deus, a terra e tudo o que nela há. Tão-somente o SENHOR se afeiçoou a teus pais para os amar: a vós outros, descendentes deles escolheu de todos os povos, como hoje se vê." (Dt 10:14, 15). E Cristo diz: "Ai de ti, Corazim! ai de ti, Betsaida! porque, se em Tiro e em Sidom se tivessem operado os milagres que em vós se fizeram, há muito que elas se teriam arrependido, com pano de saco e cinza." (Mt 11:21).

CAPÍTULO 2 - A MORTE DE CRISTO E A REDENÇÃO DO HOMEM POR MEIO DELA

ART. 1. A PUNIÇÃO QUE A JUSTIÇA DE DEUS REQUER

Deus é não só supremamente misericordioso, mas também supremamente justo. E como Ele se revelou em sua Palavra, sua justiça exige que nossos pecados, cometidos contra sua infinita majestade, sejam punidos nesta vida e na futura, em corpo e alma. Não podemos escapar destas punições a menos que seja cumprida a justiça de Deus.

ART. 2. A SATISFAÇÃO OBTIDA POR CRISTO

Por nós mesmos, entretanto, não podemos cumprir tal satisfação nem podemos livrar a nós mesmos da ira de Deus. Por isso Deus, em sua infinita misericórdia deu seu Filho único como nosso Fiador. Por nós, ou em nosso lugar, Ele foi feito pecado e maldição na cruz para que pudesse satisfazer a Deus por nós.

ART. 3. O VALOR INFINITO DA MORTE DE CRISTO

Esta morte do Filho de Deus é o único e perfeito sacrifício pelos pecados, de valor e dignidade infinitos, abundantemente suficiente para expiar os pecados do mundo inteiro.

ART. 4. RAZÕES PARA ESSE VALOR INFINITO

Essa morte é de tão grande poder e valor porque quem se submeteu a ela, é não apenas verdadeira e perfeitamente santo homem, mas também o Filho único de Deus. Ele é Deus eterno e infinito junto ao Pai e ao Espírito Santo. Assim devia ser nosso Salvador. Além disto, Ele sentiu, quando morria a ira e a maldição de Deus que nós merecemos, pelos nossos pecados.

ART. 5. O MANDAMENTO PARA PROCLAMAR O EVANGELHO A TODOS

A promessa do Evangelho é que todo aquele que crer no Cristo crucificado não pereça, mas tenha vida eterna. Esta promessa deve ser anunciada e proclamada sem discriminação a todos os povos e a todos os homens, aos quais Deus em seu bom propósito envia o Evangelho, com a ordem de se arrepender e crer.

ART. 6. INCREDULIDADE É RESPONSABILIDADE DO HOMEM

Muitos que têm sido chamados pelo Evangelho não se arrependem nem creem em Cristo, mas perecem na incredulidade. Isto não acontece por causa de algum defeito ou insuficiência no sacrifício de Cristo na cruz, mas por causa de sua própria culpa.

ART. 7. FÉ É DOM DE DEUS

Mas aqueles que verdadeiramente creem e, pela morte de Cristo, são libertos e salvos dos seus pecados e perdição, recebem tal benefício apenas por causa da graça de Deus, que lhes é dada, em Cristo, desde a eternidade. Deus não deve a ninguém tal graça.

ART. 8. A EFICÁCIA SALVÍFICA DA MORTE DE CRISTO

Pois este foi o soberano conselho, a vontade graciosa e o propósito de Deus o Pai, que a eficácia vivificante e salvífica da preciosíssima morte de seu Filho fosse estendida a todos os eleitos. Daria somente a eles a justificação pela fé e, por conseguinte, os traria infalivelmente à salvação. Isto quer dizer que foi da vontade de Deus que Cristo por meio do sangue na cruz (pelo qual Ele confirmou a nova aliança) redimisse efetivamente de todos os povos, tribos, línguas e nações, todos aqueles e somente aqueles que foram escolhidos desde a eternidade para serem salvos, e Lhe foram dados pelo Pai. Deus quis que Cristo lhes desse a fé, que Ele mesmo lhes conquistou com sua morte, junto com outros dons salvíficos do Espírito Santo. Deus quis também que Cristo os purificasse de todos os pecados por meio do seu sangue, tanto do pecado original como dos pecados atuais, que foram cometidos antes e depois de receberem a fé. E que Cristo os guardasse fielmente até ao fim e finalmente os fizesse comparecer perante o próprio Pai em glória, "sem mácula, nem ruga" (Ef 5:27).

ART. 9. O CUMPRIMENTO DO PLANO DE DEUS

Este conselho, procedendo do amor eterno de Deus aos eleitos, tem sido poderosamente cumprido, desde o começo do mundo até hoje, ainda que as "portas do inferno" em vão tentem frustrá-lo. O conselho de Deus também continuará a ser cumprido. No devido tempo os eleitos serão unidos em um só rebanho, e sempre haverá uma Igreja de crentes fundada no sangue de Cristo. Esta Igreja ama firmemente seu Salvador (o qual como noivo deu na cruz sua própria vida por sua noiva), o serve com perseverança e o glorifica agora e para sempre.

REJEIÇÃO DE ERROS

Havendo explicado a doutrina ortodoxa, o Sínodo rejeita os seguintes erros:

Erro 1 - Deus o Pai destinou seu Filho à morte na cruz sem um decreto definido de determinadas pessoas. Mesmo que a redenção por Cristo conquistada de fato nunca tivesse sido aplicada a nem uma só pessoa, o que

Ele alcançou pela sua morte podia ter sido necessário, proveitoso e valioso e podia permanecer perfeito, completo, e intacto em todas as suas partes.

Refutação - Essa doutrina é uma ofensa à sabedoria do Pai, ao mérito de Cristo e é contrária à Escritura. Pois o nosso Salvador afirma: "... dou a minha vida pelas ovelhas." e "eu as conheço..." (Jo 10:15, 27). E o profeta Isaías fala acerca do Salvador: "... quando der ele a sua alma como oferta pelo pecado, verá a sua posteridade e prolongará os seus dias; e a vontade do SENHOR prosperará nas suas mãos." (Is 53:10). Finalmente, este erro invalida o artigo de fé pelo qual confessamos a Igreja universal de Cristo.

Erro 2 - Não era propósito da morte de Cristo que Ele confirmasse de fato a nova aliança da graça pelo seu sangue. Mas era somente propósito que conquistasse para o Pai o mero direito de estabelecer de novo uma aliança com o homem, seja de graça seja de obras, conforme a vontade do Pai.

Refutação - Isso contradiz a Escritura que ensina que Cristo se tornou o Fiador e Mediador de uma aliança superior, isto é, da nova aliança. Um testamento só se concretiza em caso de morte (Hb 7:22 e 9:15, 17).

Erro 3 - Por sua satisfação ao Pai, Cristo não mereceu para ninguém a salvação segura nem a fé pela qual esta satisfação para salvação é efetivamente aplicada. Ele obteve apenas para o Pai a possibilidade ou a vontade perfeita, para tratar de novo com o homem e para prescrever novas condições conforme sua vontade. Depende, entretanto, da livre vontade do homem para preencher estas condições. Portanto poderia acontecer que ninguém ou todos os homens preenchessem tais condições.

Refutação - Aqueles que ensinam este erro desprezam a morte de Cristo e não reconhecem de maneira nenhuma o seu mais importante resultado ou benefício. Eles evocam do inferno o erro pelagiano.

Erro 4 - A nova aliança da graça, que Deus o Pai, mediante a morte de Cristo, estabeleceu com o homem, não consiste nisso que nós estamos justificados diante de Deus e salvos pela fé se ela aceita o mérito de Cristo. Ela consiste no fato de que Deus revogou a exigência de perfeita obediência à lei e considera agora a própria fé e a obediência de fé, ainda que imperfeitas, como a perfeita obediência à lei. Ele acha, em sua graça, que elas sejam dignas da recompensa da vida eterna.

Refutação - Os que ensinam isto contradizem a Escritura: "...sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus, a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé..." (Rom 3:24, 25). Eles introduzem, junto com o ímpio Socino, uma nova e estranha justificação do homem diante de Deus, contrária ao consenso da Igreja inteira.

Erro 5 - Todas as pessoas têm sido aceitas por Deus, de tal maneira que estão reconciliadas com Ele e participam da aliança. Por isso ninguém está sujeito à

condenação ou será condenado por causa do pecado original. Todos estão livres da culpa deste pecado.

Refutação - Esta opinião contraria a Escritura que ensina que nós somos "por natureza filhos da ira" (Ef 2:3).

Erro 6 - Deus, por sua parte, quer dar a todas as pessoas igualmente os benefícios conquistados pela morte de Cristo. Entretanto algumas obtêm o perdão de pecados e a vida eterna, e outras não. Esta distinção depende de sua própria livre vontade que se junta à graça que é oferecida sem distinção. Mas não depende do dom especial da misericórdia que opera tão poderosamente nestas pessoas, que elas, diferentes de outras, se apropriam desta graça.

Refutação - Os que ensinam assim abusam da distinção entre aquisição e apropriação da salvação para implantar esta opinião nas mentes de pessoas imprudentes e sem experiência. Enquanto eles simulam apresentar esta distinção da maneira correta, procuram induzir na mente do povo o perigoso veneno dos erros pelagianos.

Erro 7 - Cristo não podia nem precisava morrer, nem morreu de fato, por aqueles a quem Deus amou supremamente e elegeu para a vida eterna, visto que estes não precisavam da morte de Cristo.

Refutação - Esta doutrina contradiz o apóstolo, que declara: O Filho de Deus "me amou e a si mesmo se entregou por mim." (Gl 2:20). Igualmente: "Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu..." por eles (Rom.8:33, 34). E o Salvador assegura: "...dou a minha vida pelas ovelhas." (Jo 10:15). E mais: "O meu mandamento é este, que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos." (Jo 15:12,13).

CAPÍTULOS 3 e 4 - A CORRUPÇÃO DO HOMEM, A SUA CONVERSÃO A DEUS E O MODO DELA

ART. 1. O EFEITO DA QUEDA NA NATUREZA HUMANA

No princípio o homem foi criado à imagem de Deus. Foi adornado em seu entendimento com o verdadeiro e salutar conhecimento de Deus e de todas as coisas espirituais. Sua vontade e seu coração eram retos, todos os seus afetos puros; portanto, era o homem completamente santo. Mas, desviando-se de Deus sob instigação do diabo e pela sua própria livre vontade, ele se privou destes dons excelentes. Em lugar disso trouxe sobre si cegueira, trevas terríveis, leviano e perverso juízo em seu entendimento; malícia, rebeldia e dureza em sua vontade e seu coração; também impureza em todos os seus afetos.

ART. 2. A DISSEMINAÇÃO DA CORRUPÇÃO

Depois da queda, o homem corrompido gerou filhos corrompidos. Então a corrupção, de acordo com o justo julgamento de Deus, passou de Adão até todos os seus descendentes, com exceção de Cristo somente. Não passou por imitação, como os antigos pelagianos afirmavam, mas por procriação da natureza corrompida.

ART. 3. INCAPACIDADE TOTAL

Portanto, todos os homens são concebidos em pecado e nascem como filhos da ira, incapazes de qualquer ação que os salve, inclinados para o mal, mortos em pecados e escravos do pecado. Sem a graça do Espírito Santo regenerador nem desejam nem tampouco podem retornar a Deus, corrigir suas naturezas corrompidas ou ao menos estar dispostos para esta correção.

ART. 4. A INADEQUAÇÃO DA LUZ DA NATUREZA

É verdade que há no homem depois da queda um resto de luz natural. Assim ele retém ainda alguma noção sobre Deus, sobre as coisas naturais e a diferença entre honrado e desonrado e pratica um pouco de virtude e disciplina exterior. Mas o homem está tão distante de chegar ao conhecimento salvífico de Deus e à verdadeira conversão por meio desta luz natural que ele não a usa apropriadamente nem mesmo em assuntos cotidianos. Antes, qualquer que seja esta luz, o homem totalmente a polui de maneiras diversas e a detém pela injustiça. Assim ele se faz indesculpável perante Deus.

ART. 5. A INADEQUAÇÃO DA LEI

O que foi dito sobre a luz da natureza vale também com relação à lei dos Dez Mandamentos, dada por Deus através de Moisés, particularmente aos judeus. A lei revela como é grande o pecado e mais e mais convence o homem de sua culpa, mas não aponta o remédio nem dá a força para sair desta miséria. A lei ficou sem força pela carne e deixa o transgressor debaixo da maldição. Por esta razão o homem não pode obter a graça salvadora através da lei.

ART. 6. O PODER SALVÍFICO DO EVANGELHO

Aquilo que nem a luz natural nem a lei podem fazer, Deus o faz pelo poder do Espírito Santo e pela pregação ou ministério da reconciliação, que é o Evangelho do Messias. Agradou a Deus usar este Evangelho para salvar os crentes, tanto na antiga quanto na nova aliança.

ART. 7. A LIBERDADE DE DEUS EM REVELAR O EVANGELHO

No Antigo Testamento Deus revelou este mistério da sua vontade apenas a poucas pessoas. No Novo testamento, entretanto, Ele retirou a distinção entre os povos e revelou o mistério a muito mais pessoas. Esta distribuição distinta do Evangelho não é causada pela maior dignidade de um certo povo,

nem pelo melhor uso da luz da natureza, mas pelo soberano bom propósito e amor imerecido de Deus. Portanto eles que recebem tão grande graça, além e ao contrário de tudo que merecem, devem reconhecer isto com coração humilde e agradecido. Mas eles devem com o apóstolo adorar a severidade e justiça dos julgamentos de Deus sobre aqueles que não recebem esta graça. Estes julgamentos de Deus, eles não devem, de maneira nenhuma, investigá-los curiosamente.

ART. 8. O SÉRIO CHAMADO DO EVANGELHO

Mas tantos quantos são chamados pelo Evangelho, seriamente o são. Porque Deus revela séria e sinceramente em sua Palavra o que Lhe agrada, a saber, que aqueles que são chamados venham a Ele. Ele também seriamente promete descanso para a alma e vida eterna a todos que a Ele vierem e crerem.

ART. 9. RESPONSABILIDADE HUMANA POR REJEITAR O EVANGELHO

Muitos são chamados através do ministério do Evangelho, mas não vêm nem são convertidos. Não é a culpa do Evangelho, nem do Cristo que é oferecido pelo Evangelho, nem de Deus que chama através do Evangelho e inclusive confere vários dons a eles. Mas é sua própria culpa. Alguns deles não aceitam a Palavra da vida por descuido. Outros de fato a recebem, mas não em seus corações, e por isso, quando desaparece a alegria de sua fé temporária, viram as costas à Palavra. Ainda outros sufocam a semente da Palavra com os espinhos dos cuidados e prazeres deste mundo, e não produzem nenhum fruto. Isto é o que o Salvador ensina na parábola do semeador (Mt 13).

ART. 10. CONVERSÃO COMO OBRA DE DEUS

Outros que são chamados pelo ministério do Evangelho vêm e são convertidos. Isto não pode ser atribuído ao homem, como se ele se distinguisse por sua livre vontade de outros que receberam a mesma e suficiente graça para fé e conversão, como a heresia orgulhosa de Pelágio afirma. Mas isto deve ser atribuído a Deus: como Ele os escolheu em Cristo desde a eternidade, assim Ele os chamou efetivamente no tempo. Ele lhes dá fé e arrependimento; Ele os livra do poder das trevas e os transfere para o reino de seu Filho. Tudo isto Ele faz a fim de que eles proclamem as grandes virtudes daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz, e se gloriem não em si mesmos, mas no Senhor, como é o testemunho geral dos escritos apostólicos (Cl 1:13; 1 Pe 2:9; 1 Co 1:31).

ART. 11. A OBRA DO ESPÍRITO SANTO NA CONVERSÃO

Deus realiza seu bom propósito nos eleitos e opera neles a verdadeira conversão da seguinte maneira: Ele faz com que ouçam o Evangelho mediante a pregação e poderosamente ilumina suas mentes pelo Espírito Santo de tal modo que possam entender corretamente e discernir as coisas do Espírito de Deus. Mas pela operação eficaz do mesmo Espírito

regenerador, Deus também penetra até os recantos mais íntimos do homem. Ele abre o coração fechado e amolece o que está duro, circuncida o que está incircunciso e introduz novas qualidades na vontade. Esta vontade estava morta, mas Ele a faz reviver; era má, mas Ele a torna boa; estava indisposta, mas Ele a torna disposta; era rebelde, mas Ele a faz obediente. Ele move e fortalece esta vontade de tal forma que, como uma boa árvore, seja capaz de produzir frutos de boas obras (1 Co 2:14).

ART. 12. REGENERAÇÃO É UM OBRA SOBRENATURAL

Esta conversão é aquela regeneração, renovação, nova criação, ressurreição dos mortos e vivificação, tão exaltada nas Escrituras, a qual Deus opera em nós, sem nós. Mas esta regeneração não é efetuada pela pregação apenas, nem por persuasão moral. Nem ocorre de tal maneira que, havendo Deus feito a sua parte, resta ao poder do homem ser regenerado ou não regenerado, convertido ou não convertido. Ao contrário, a regeneração é uma obra sobrenatural, poderosíssima, e ao mesmo tempo agradabilíssima, maravilhosa, misteriosa e indizível. De acordo com o testemunho da Escritura, inspirada pelo próprio autor desta obra, regeneração não é inferior em poder à criação ou à ressurreição dos mortos. Conseqüentemente todos aqueles em cujos corações Deus opera desta maneira maravilhosa são, certamente, infalivelmente e efetivamente regenerados e de fato passam a crer. Portanto a vontade que é renovada não é apenas acionada e movida por Deus, mas ela age também, sob a ação de Deus, por si mesma. Por isso também se diz corretamente que o homem crê e se arrepende mediante a graça que recebeu.

ART. 13. O CAMINHO IMCOMPREENSÍVEL DA REGENERAÇÃO

Como Deus opera, os crentes, enquanto vivos, não podem entender completamente. Entretanto, porém, estão tranquilos sabendo e sentindo que por esta graça de Deus eles creem com o coração e amam seu Salvador.

ART. 14. A FORMA COMO DEUS CONCEDE FÉ

Fé é, portanto, um dom de Deus. Isto não significa que Deus a oferece à livre vontade do homem, mas que ela é, de fato, conferida ao homem e nele infundida. Não é um dom no sentido de que Deus apenas concede poder para crer e depois espera da livre vontade do homem o consentimento para crer ou o ato de crer. Ao contrário, é um dom no sentido de que Deus efetua no homem tanto a vontade de crer quanto o ato de crer. Ele opera tanto o querer como o realizar, sim, opera tudo em todos. (Ef 2:8; Fp 2:13).

ART. 15. RESPOSTAS À GRAÇA DE DEUS

Esta graça Deus não deve a ninguém. Em troca de que seria Ele devedor ao homem? Quem tem primeiro dado a Ele para que possa ser retribuído? O que poderia Deus dever a alguém que nada tem de si mesmo a não ser pecado e falsidade? Aquele, portanto, que recebe esta graça deve e rende eterna

gratidão a Deus. Porém quem não recebe esta graça, nem valoriza estas coisas espirituais e tem prazer na sua própria situação, ou numa falsa segurança em vão se gaba de ter o que não tem. Além disso, quanto aos que manifestam sua fé e corrigem suas vidas, nós devemos julgar e falar da maneira mais favorável, de acordo com o exemplo dos apóstolos, pois o fundo do coração é desconhecido de nós. Quanto aos que ainda não foram chamados, nós devemos orar a Deus em seu favor, pois Ele é que chama à existência as coisas que não existem. De maneira nenhuma, porém, podemos ter uma atitude orgulhosa para com eles, como se nós tivéssemos realizado nossa posição distinta (Rom 11:35).

ART. 16. EFEITOS DA REGENERAÇÃO

O homem não deixou, apesar da queda, de ser homem dotado de intelecto e vontade; e o pecado, que tem penetrado em toda a raça humana, não privou o homem de sua natureza humana, mas trouxe sobre ele depravação e morte espiritual. Assim também a graça divina da regeneração não age sobre os homens como se fossem máquinas ou robôs, e não destrói a vontade e as suas propriedades, ou a coage violentamente. Mas a graça a faz reviver espiritualmente, a cura, a corrige, e a dobra agradável e ao mesmo tempo poderosamente. Como resultado, onde dominava rebelião e resistência da carne, agora, pelo Espírito começa a prevalecer uma pronta e sincera obediência. Esta é a verdadeira renovação espiritual e liberdade da vontade. E se o admirável autor de todo bem não agisse desse modo conosco, o homem não teria esperança de levantar-se da sua queda por meio de sua livre vontade, pela qual ele, quando ainda estava em pé, se lançou na perdição.

ART. 17. DEUS USA MEIOS NA REGENERAÇÃO

A todo-poderosa operação de Deus pela qual Ele produz e sustenta nossa vida natural não exclui, mas requer o uso de meios, pelos quais Ele quis exercer seu poder, de acordo com sua infinita sabedoria e bondade. Da mesma maneira a mencionada operação sobrenatural de Deus, pela qual Ele nos regenera, de modo nenhum exclui ou anula o uso do Evangelho, que o mui sábio Deus ordenou para ser a semente da regeneração e o alimento da alma. Por esta razão os apóstolos, e os mestres que os sucederam, piedosamente instruíram o povo acerca da graça de Deus, para sua glória e para humilhação de toda soberba do homem. Ao mesmo tempo eles não descuidaram de manter o povo, pelas santas admoestações do Evangelho, sob a ministração da Palavra, dos sacramentos e da disciplina.

Por isso aqueles que hoje ensinam ou aprendem na igreja não devem ousar tentar a Deus, separando aquilo que Ele em seu bom propósito quis preservar inteiramente unido. Pois a graça é conferida, através de admoestações, e quanto mais prontamente desempenhamos nosso dever, tanto mais este benefício de Deus, que opera em nós, se manifesta gloriosamente e sua obra

prosegue da maneira melhor. A Deus somente toda glória eternamente, tanto pelos meios quanto pelo fruto e eficácia salvíficos.

REJEIÇÃO DE ERROS

Havendo explicado a doutrina ortodoxa, o Sínodo rejeita os seguintes erros:

Erro 1 - É impróprio dizer que o pecado original em si é suficiente para condenar toda a raça humana ou merecer castigo temporal e eterno.

Refutação - Isso contradiz o apóstolo que declara: "Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens porque todos pecaram." (Rm 5:12) E no verso 16 diz: "... o julgamento derivou de uma só ofensa, para a condenação." E em Rm 6:23: "O salário do pecado é a morte."

Erro 2 - Os dons espirituais ou as boas qualidades e virtudes, tal como a bondade, santidade, justiça, não podiam estar na vontade do homem quando no princípio foi criado. Por isso também não podiam ter sido separados da sua própria vontade quando caiu.

Refutação - Este erro é contrário à descrição da imagem de Deus que o apóstolo dá em Ef 4:24, dizendo que ela consiste em justiça e santidade, que sem dúvida estão na vontade.

Erro 3 - Na morte espiritual os dons espirituais não são separados da vontade do homem. Porque a vontade como tal nunca tem sido corrompida, mas apenas atrapalhada pelo obscurecimento do entendimento e pela desordem das afeições. Se estes obstáculos forem removidos, a vontade pode exercer seu livre poder inato. A vontade é por si mesma capaz de desejar e escolher ou não toda espécie de bem que lhe for apresentada.

Refutação - Esta é uma novidade e um engano, e tende a exaltar os poderes da livre vontade, contrário ao que o profeta Jeremias declara no cap. 17:9: "Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto..." E o apóstolo Paulo escreve: "Entre os quais (os filhos da desobediência) também todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos" (Ef 2:3).

Erro 4 - O homem não-regenerado não é realmente ou totalmente morto em pecados, ou privado de toda capacidade para fazer o bem. Ele ainda pode ter fome e sede de justiça e vida, e pode oferecer sacrifício de espírito contrito e quebrantado que agrada a Deus.

Refutação - Estas afirmações são contrárias ao testemunho claro da Escritura: "Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados" (Ef 2:1; cf.vs.5). E, "...era continuamente mau todo o desígnio do seu coração" (Gn 6:5; cf.8:21). Além do mais, somente os regenerados e os bem-aventurados têm fome e sede da libertação da miséria, e da vida, e oferecem a Deus um sacrifício de espírito quebrantado (Sl 51:19 e Mt 5:6).

Erro 5 - O homem degenerado e carnal pode usar bem a graça comum (o que é a luz natural), ou os dons ainda lhe deixados após a queda. Assim ele, sozinho, pode alcançar, pouco a pouco e gradualmente, uma graça maior, isto é, a graça evangélica ou salvadora, e até a salvação. Dessa forma Deus, por seu lado, mostra-se pronto para revelar Cristo a todo homem, porque a todos Ele administra suficiente e efetivamente os meios necessários para conhecer Cristo, para crer e se arrepender.

Refutação - Tanto a experiência de todas as épocas como a Escritura testificam que isto não é verdade. "Mostra a sua palavra a Jacó, as suas leis e os seus preceitos a Israel. Não fez assim a nenhuma outra nação; todas ignoram os seus preceitos" (Sl 147:19,20). "...o qual nas gerações passadas permitiu que todos os povos andassem nos seus próprios caminhos" (At 14:16). E Paulo e seus companheiros foram "impedidos pelo Espírito Santo de pregar a Palavra na Asia, defrontando Mísia, tentavam ir para Bitínia, mas o Espírito de Jesus não o permitiu" (At 16:6,7).

Erro 6 - Na verdadeira conversão do homem, Deus não pode infundir novas qualidades, novos poderes ou dons na vontade humana. Portanto a fé, que é o começo da conversão, e que nos dá o nome de crente, não é uma qualidade ou um dom outorgados por Deus, mas apenas um ato do homem. Somente com respeito ao poder para alcançar a fé, pode se dizer que é um dom.

Refutação - Este ensino contradiz a Sagrada Escritura que declara que Deus infunde em nossos corações novas qualidades de fé, obediência e experiência de seu amor: "Na mente lhas imprimirei as minhas leis, também nos corações lhas inscreverei" (Jr 31:33). E: "...derramarei água sobre o sedento, e torrentes sobre a terra seca" (Is 44:3). E ainda: "...o amor de Deus é derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi outorgado" (Rom 5:5). O ensino arminiano também contraria a prática constante da Igreja, que ora com o profeta: "Converte-me, e serei convertido" (Jr 31:18).

Erro 7 - Esta graça pela qual somos convertidos a Deus é apenas um apelo gentil. Ou (como alguns explicam): Esta maneira de agir, que consiste em aconselhar é a mais nobre maneira de converter o homem e está mais em harmonia com a natureza do homem. Não há razão porque tal graça persuasiva não seja suficiente para tornar espiritual o homem natural. Em verdade, Deus não produz o consentimento da vontade a não ser através deste tipo de apelo moral. O poder da operação divina supera a ação de Satanás, Deus prometendo bens eternos e Satanás bens temporais.

Refutação - Isto é Pelagianismo por completo, e contrário a toda Escritura que conhece além deste apelo moral, outra operação, muito mais poderosa e divina: a ação do Espírito Santo na conversão do homem: "Dar-vos-ei coração novo, e porei dentro em vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne" (Ez 36:26).

Erro 8 - Na regeneração do homem Deus não usa os poderes de sua onipotência de tal maneira que Ele dobra a vontade do homem, à força e infalivelmente, para fé e conversão. Mesmo sendo realizadas todas as operações da graça que Deus possa usar para converter o homem e mesmo que Deus tenha a intenção e a vontade de regenerá-lo, o homem ainda pode resistir a Deus e ao Santo Espírito. De fato freqüentemente resiste, chegando a impedir totalmente sua regeneração. Portanto ser ou não ser regenerado permanece no poder do homem.

Refutação - Isto é nada mais nada menos que anular todo o poder da graça de Deus em nossa conversão e sujeitar a operação do Deus Todo-Poderoso à vontade do homem. É contrário ao que os apóstolos ensinam: cremos "...segundo a eficácia da força do seu poder" (Ef 1:19), e: "...para que nosso Deus cumpra... com poder todo propósito de bondade e obra de fé..." (2 Ts 1:11), e também: "...pelo seu divino poder nos têm sido doadas todas as coisas que conduzem à vida e piedade..." (2 Pe 1:3).

Erro 9 - Graça e livre vontade são as causas parciais que operam juntas no início da conversão. Pela ordem destas causas a graça não precede à operação da vontade do homem. Deus não ajuda efetivamente a vontade do homem para sua conversão, enquanto a própria vontade do homem não se move e decide se converter.

Refutação - A Igreja Antiga há muito tempo já condenou esta doutrina dos Pelagianos, de acordo com a palavra do apóstolo: "Assim, pois, não depende de quem quer, ou de quem corre, mas de usar Deus a sua misericórdia" (Rom 9:16). Também: "Pois quem é que te faz sobressair? e que tens tu que não tenhas recebido?..." (1 Cor 4:7)? E ainda: "...porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade" (Fp 2:13).

CAPÍTULO 5

A PERSEVERANÇA DOS SANTOS

ART. 1. OS REGENERADOS NÃO ESTÃO TOTALMENTE LIVRES DO PECADO

Aqueles que, de acordo com o seu propósito, Deus chama à comunhão do seu Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, e regenera pelo seu Santo Espírito, Ele certamente os livra do domínio e da escravidão do pecado. Mas nesta vida, Ele não os livra totalmente da carne e do corpo de pecado (Rm 7:24).

ART. 2. A REAÇÃO DO CRENTE A PECADOS DE FRAQUEZA

Portanto, pecados diários de fraqueza surgem e até as melhores obras dos santos são imperfeitas. Estes são para eles constante motivo para humilhar-se perante Deus e refugiar-se no Cristo crucificado. Também são motivo para mais e mais mortificar a carne através do Espírito de oração, e através dos santos exercícios de piedade, e ansiar pela meta da perfeição. Eles fazem isto

até que possam reinar com o Cordeiro de Deus nos céus, finalmente livres deste corpo de morte.

ART. 3. A DIVINA PRESERVAÇÃO DOS CONVERTIDOS

Por causa dos seus pecados remanescentes e também por causa das tentações do mundo e de Satanás, aqueles que têm sido convertidos não poderiam perseverar nesta graça, se deixados ao cuidado de suas próprias forças. Mas Deus é fiel: misericordiosamente os confirma na graça, uma vez conferida sobre eles, e poderosamente preserva a eles na sua graça até o fim.

ART. 4. O PERIGO DE VERDADEIROS CONVERTIDOS CAÍREM EM PECADOS GRAVES

O poder de Deus, pelo qual Ele confirma e preserva os verdadeiros crentes na graça, é tão grande que isto não pode ser vencido pela carne. Mas os convertidos nem sempre são guiados e movidos por Deus, e assim eles poderiam, em certos casos, por sua própria culpa, se desviar da direção da graça, e ser seduzidos pelos desejos da carne e segui-los. Devem, portanto, vigiar constantemente e orar para que não caiam em tentação. Quando não vigiarem e orarem, eles podem ser levados pela carne, pelo mundo e por Satanás para sérios e horríveis pecados. Isto ocorre também muitas vezes pela justa permissão de Deus. A lamentável queda de Davi, Pedro e outros santos, descrita na Sagrada Escritura, demonstra isto.

ART. 5. OS EFEITOS DE TAIS GRAVES PECADOS

Por tais pecados grosseiros, entretanto, eles causam a ira de Deus, se tornam culpados da morte, entristecem o Espírito Santo, suspendem o exercício da fé, ferem profundamente suas consciências e algumas vezes perdem temporariamente a sensação da graça. Mas quando retornam ao reto caminho por meio de arrependimento sincero, logo a face paternal de Deus brilha novamente sobre eles.

ART. 6. A INTERVENÇÃO SALVÍFICA DE DEUS

Pois Deus, que é rico em misericórdia, de acordo com o imutável propósito da eleição, não retira completamente o seu Espírito dos seus, mesmo em sua deplorável queda. Nem tão pouco permite que venham a cair tanto que recaiam da graça da adoção e do estado de justificado. Nem permite que cometam o pecado que leva à morte, isto é, o pecado contra o Espírito Santo e assim sejam totalmente abandonados por Ele, lançando-se na perdição eterna.

ART. 7. RENOVAÇÃO PARA ARREPENDIMENTO

Pois, em primeiro lugar, em tal queda, Deus preserva neles sua imperecível semente da regeneração, a fim de que esta não pereça nem seja lançada fora. Além disso, através da sua Palavra e seu Espírito, certamente Ele os

renova efetivamente para arrependimento. Como resultado eles se afligem de coração com uma tristeza para com Deus pelos pecados que têm cometido; procuram e obtêm pela fé, com coração contrito, perdão pelo sangue do Mediador; e experimentam novamente a graça de Deus, que é reconciliado com eles, adorando sua misericórdia e fidelidade. E de agora em diante eles se empenham mais diligentemente pela sua salvação com temor e tremor.

ART. 8. A CERTEZA DA PRESERVAÇÃO

Assim, não é por seus próprios méritos ou força, mas pela imerecida misericórdia de Deus que eles não caem totalmente da fé e da graça e nem permaneçam caídos ou se percam definitivamente. Quanto a eles, isto facilmente poderia acontecer e aconteceria sem dúvida. Porém, quanto a Deus, isto não pode acontecer, de modo nenhum. Pois seu decreto não pode ser mudado, sua promessa não pode ser quebrada, seu chamado em acordo com seu propósito não pode ser revogado. Nem o mérito, a intercessão e a preservação de Cristo podem ser invalidados, e a selagem do Espírito tão pouco pode ser frustrada ou destruída.

ART. 9. A SEGURANÇA DESSA PRESERVAÇÃO

Os crentes podem estar certos e estão certos desta preservação dos eleitos para salvação e da perseverança dos verdadeiros crentes na fé. Esta certeza é de acordo com a medida de sua fé, pela qual eles creem com certeza que são e permanecerão verdadeiros e vivos membros da Igreja, e que têm o perdão de pecados e a vida eterna.

ART. 10. O FUNDAMENTO DESSA SEGURANÇA

Esta certeza não vem de uma revelação especial, sem ou fora da Palavra, mas vem da fé nas promessas de Deus, que Ele revelou abundantemente em sua Palavra para nossa consolação. Vem também do testemunho do Espírito Santo, testificando com o nosso espírito de que somos filhos e herdeiros de Deus; e finalmente, vem do zelo sério e santo por uma boa consciência e por boas obras. E se os eleitos não tivessem neste mundo a sólida consolação de obter a vitória e esta garantia infalível da glória eterna, seriam os mais miseráveis de todos os homens (Rm 8:16,17).

ART. 11. DÚVIDAS CONCERNENTES À ESSA SEGURANÇA

No entanto, a Escritura testifica que os crentes nesta vida têm de lutar contra várias dúvidas da carne e, sujeitos a graves tentações, nem sempre sentem plenamente esta confiança da fé e certeza da perseverança. Mas Deus, que é Pai de toda a consolação, não os deixa ser tentados além de suas forças, mas com a tentação proverá também o livramento e pelo Espírito Santo novamente revive neles a certeza da perseverança (1 Co. 10:13).

ART. 12. ESSA SEGURANÇA COMO INCENTIVO À PIEDADE

Entretanto, esta certeza de perseverança não faz de maneira nenhuma que os verdadeiros crentes se orgulhem e se acomodem. Ao contrário, ela é a verdadeira raiz da humildade, reverência filial, verdadeira piedade, paciência em toda luta, orações fervorosas, firmeza em carregar a cruz e confessar a verdade e alegria sólida em Deus. Além do mais, a reflexão deste benefício é para eles um estímulo para praticar séria e constantemente a gratidão e as boas obras, como é evidente nos testemunhos da Escritura e nos exemplos dos santos.

ART. 13. SEGURANÇA NÃO INDUZ AO DESCUIDO

Quando pessoas são levantadas de uma queda (no pecado) começa a reviver a confiança na perseverança. Isto não produz descuido ou negligência na piedade delas. Em vez disso produz maior cuidado e diligência para guardar os caminhos do Senhor, já preparados, para que, andando neles, possam preservar a certeza da perseverança. Quando fazem isso o Deus reconciliado não retira de novo sua face delas por causa do abuso da sua bondade paternal (a contemplação dela é para os piedosos mais doce que a vida e sua retirada mais amarga que a morte), e elas não cairão em tormentos mais graves da alma (Ef. 2:10).

ART. 14. O USO DIVINO DE MEIOS NA PERSEVERANÇA

Tal como agradou a Deus iniciar sua obra da graça em nós pela pregação do evangelho, assim Ele a mantém, continua e aperfeiçoa pelo ouvir e ler do Evangelho, pelo meditar nele, pelas suas exortações, ameaças, e promessas, e pelo uso dos sacramentos.

ART. 15. REAÇÕES CONTRASTANTES AO ENSINO DA PERSEVERANÇA

Deus revelou abundantemente em sua Palavra esta doutrina da perseverança dos verdadeiros crentes e santos, e da certeza dela, para a glória do seu Nome e para a consolação dos piedosos. Ele a imprime nos corações dos crentes, mas a carne não pode entendê-la. Satanás a odeia, o mundo zomba dela, os ignorantes e hipócritas dela abusam, e os heréticos a ela se opõem. A Noiva de Cristo, entretanto, sempre tem-na amado ternamente e defendido constantemente como um tesouro de inestimável valor. Deus, contra quem nenhum plano pode se valer e nenhuma força pode prevalecer, cuidará para que a Igreja possa continuar fazendo isso. Ao único Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, sejam a honra e a glória para sempre. Amém!

REJEIÇÃO DE ERROS

Havendo explicado a doutrina ortodoxa, o Sínodo rejeita os seguintes erros:

Erro 1 - A perseverança dos verdadeiros crentes não é resultado da eleição ou um dom de Deus obtido pela morte de Cristo. É uma condição da nova aliança, que o homem deve cumprir pela sua livre vontade antes da assim chamada eleição decisiva, e justificação.

Refutação - A Escritura Sagrada testifica que a perseverança provém da eleição e é dada aos eleitos pelo poder da morte, ressurreição e intercessão de Cristo: "a eleição o alcançou; e os mais foram endurecidos" (Rm 11:7). Também: "Aquele que não poupou a seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura não nos dará graciosamente com Ele todas as coisas? Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? É Cristo quem morreu, ou antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós. Quem nos separará do amor de Cristo?" (Rm 8:32-35)

Erro 2 - Deus de fato provê os crentes de suficientes forças para perseverar, e está pronto para preservar tais forças nele, se este cumprir seu dever; mas ainda que todas estas coisas tenham sido estabelecidas, que são necessárias para perseverar na fé e que Deus usa para preservar a fé, ainda assim dependerá da vontade humana se perseverar ou não.

Refutação - Esta ideia é abertamente pelagiana. Enquanto deseja libertar o homem, o faz usurpador da honra de Deus. Combate o consenso geral da doutrina evangélica que retira do homem todo motivo de orgulho e atribui todo louvor por este benefício somente à graça de Deus. É também contrário ao apóstolo que declara: "...o qual também vos confirmará até ao fim, para serdes irrepreensíveis no dia de nosso Senhor Jesus Cristo" (1 Co 1:8).

Erro 3 - Crentes verdadeiramente regenerados não só podem perder completa e definitivamente a fé justificadora, a graça e a salvação, mas de fato as perdem frequentemente e assim se perdem eternamente.

Refutação - Esta opinião invalida a graça, justificação, regeneração e contínua preservação por Cristo. Ela é contrária às palavras expressas do apóstolo Paulo: "Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco, pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores. Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira" (Rm 5:8,9). É contrária ao apóstolo João: "Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática do pecado; pois o que permanece nele é a divina semente; ora, esse não pode viver pecando porque é nascido de Deus" (1 Jo 3:9). Também é contrária às palavras de Jesus Cristo: "Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, eternamente, e ninguém as arrebatará da minha mão. Aquilo que meu Pai me deu é maior do que tudo; e da mão do Pai ninguém pode arrebatar" (Jo 10:28,29).

Erro 4 - Verdadeiros crentes regenerados podem cometer o pecado que leva à morte ou o pecado contra o Espírito Santo.

Refutação - Após o apóstolo João ter falado no 5º capítulo de sua 1ª carta, versos 16 e 17, sobre aqueles que pecam para morte e de ter proibido de orar por eles, logo acrescenta no verso 18: "Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não vive em pecado, antes, aquele que nasceu de Deus o guarda, e o maligno não lhe toca."

Erro 5 - Sem uma revelação especial não podemos ter nesta vida, nenhuma certeza da perseverança futura.

Refutação - Por tal doutrina o seguro consolo dos crentes verdadeiros nesta vida é tirado, e as dúvidas dos seguidores do papa são novamente introduzidas na igreja. As Escrituras Sagradas, entretanto, sempre deduzem esta segurança, não a partir de uma revelação especial e extraordinária, mas a partir das marcas dos filhos de Deus e das promessas mui firmes dele. Especialmente o apóstolo Paulo ensina isto: "...nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus que há em Cristo Jesus nosso Senhor" (Rm 8:39). E João escreve: "E aquele que guarda os seus mandamentos permanece em Deus, e Deus nele. E nisto conhecemos que Ele permanece em nós, pelo Espírito que nos deu" (1 Jo 3:24).

Erro 6 - Por sua própria natureza a doutrina da certeza da perseverança e da salvação causa falsa segurança e prejudica a piedade, os bons costumes, orações e outros santos exercícios. Ao contrário, é louvável duvidar desta certeza.

Refutação - Esta falsa doutrina ignora o efetivo poder da graça de Deus e a operação do Santo Espírito, que habita em nós. Contradiz o apóstolo João que, em palavras explícitas, ensina o contrário: "Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque havemos de vê-Lo como ele é. E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, como ele é puro." (1 Jo 3:2,3) Ainda mais, ela é refutada pelos exemplos dos santos tanto no Antigo como no Novo Testamento, que, não obstante estarem certos de sua perseverança e salvação, continuaram em oração e outros exercícios de piedade.

Erro 7 - A fé daqueles que creem apenas por um tempo não é diferente da fé justificadora e salvadora, a não ser com respeito à sua duração.

Refutação - Em Mt 13:20-23 e Lc 8:13-15 Cristo mesmo indica claramente, além da duração, uma tríplice diferença entre os que creem só por um tempo e os verdadeiros crentes. Ele declara que o primeiro recebe a semente em terra rochosa, mas o último em bom solo, ou seja, em bom coração; que o primeiro é sem raiz, mas o último tem firme raiz; que o primeiro não tem fruto, mas o último produz fruto em várias medidas, constante e perseverantemente.

Erro 8 - Não é absurdo o fato de alguém, tendo perdido sua primeira regeneração, nascer de novo e mesmo frequentemente nascer de novo.

Refutação - Esta doutrina nega que a semente de Deus, pela qual somos nascidos de novo, seja incorruptível. Isto é contrário ao testemunho do apóstolo Pedro: "...pois fostes regenerados, não de semente corruptível, mas de incorruptível..." (I Ped. 1:23).

Erro 9 - Cristo em lugar algum orou para que os crentes perseverassem infalivelmente na fé.

Refutação - Isto contradiz ao próprio Cristo, que diz: "Eu, porém, roguei por ti" (Pedro) "para que a tua fé não desfaleça." (Lc 22:32). Também contradiz o apóstolo João que declara que Cristo não orava somente pelos apóstolos, mas também por todos aqueles que viessem a crer por meio da palavra deles: "Pai Santo, guarda-os em teu nome, que me deste...Não peço que os tires do mundo; e, sim, que os guardes do mal." (Jo 17:11,15).

CONCLUSÃO

Esta é a declaração clara, simples, e sincera da doutrina ortodoxa com respeito aos Cinco Artigos de Fé disputados na Holanda; e esta é a rejeição dos erros pelos quais as Igrejas têm sido perturbadas, por algum tempo. O Sínodo de Dort julga a presente declaração e as rejeições serem tiradas da Palavra de Deus e conforme as Confissões das Igrejas Reformadas. Assim torna-se evidente que alguns agiram muito impropriamente e contrário à toda verdade, equidade e amor, desejando persuadir o povo do seguinte:

- A doutrina das Igrejas Reformadas com relação à predestinação e assuntos relacionados com ela, por seu caráter e tendência, desvia os corações dos homens da verdadeira religião.
- Ela é um ópio do diabo para a carne, bem como uma fortaleza para Satanás, onde permanece à espera por todos, fere multidões atingindo mortalmente a muitos com os dardos tanto de desespero quanto de falsa segurança.
- Faz de Deus o autor injusto do pecado, um tirano e hipócrita; é nada mais do que um renovado Estoicismo, Maniqueísmo, Libertinismo e Islamismo.
- Conduz a um pecaminoso descuido porque faz as pessoas crerem que nada pode impedir a salvação dos eleitos, não importando como vivam, e que portanto podem, tranquilamente, cometer os crimes mais horríveis. Por outro lado, se os reprovados tivessem produzido todas as obras dos santos, isto não poderia nem ao menos contribuir para a salvação deles.
- A mesma doutrina ensina que Deus tem predestinado e criado a maior parte da humanidade para a condenação eterna só por um ato arbitrário de sua vontade sem levar em conta qualquer pecado.
- Da mesma maneira pela qual a eleição é a fonte e a causa da fé e boas obras, a reprovação é a causa da incredulidade e impiedade.
- Muitos filhos inocentes de pais crentes são arrancados do seio de suas mães e, tiranicamente lançados no inferno, de tal modo que nem o sangue de Cristo, nem o batismo nem as orações da Igreja no ato do batismo lhes podem ser proveitosos.

Há muitas outras coisas semelhantes que as Igrejas Reformadas não apenas não confessam, mas também repelem de todo coração.

Portanto, este Sínodo de Dort conclama em nome do Senhor a todos os que piedosamente invocam o nosso Salvador Jesus Cristo, que não julguem a fé das Igrejas Reformadas a partir das calúnias juntadas daqui e dali, nem tão pouco a partir de declarações pessoais de alguns professores, modernos ou antigos, que muitas vezes são citadas em má fé, distorcidas e explicadas de forma oposta ao seu sentido real.

Mas deve-se julgar a fé das Igrejas Reformadas pelas Confissões públicas destas Igrejas, e pela presente declaração da ortodoxa doutrina, confirmada pelo consenso unânime de cada um dos membros de todo o Sínodo.

Além do mais, o Sínodo adverte os caluniosos para que considerem o severo julgamento de Deus à espera deles, por falar falso testemunho contra tantas igrejas e contra as Confissões delas, e por conturbar as consciências dos fracos e por tentar colocar em suspeito, aos olhos de muitos, a comunidade dos verdadeiros crentes.

Finalmente, este Sínodo exorta todos os conservos no evangelho de Cristo a comportar-se em santo temor e piedade diante de Deus, quando lidarem com esta doutrina em escolas e igrejas.

Ao ensiná-la, tanto pela palavra falada quanto escrita, devem procurar a glória de Deus, a santidade de vida, e a consolação das almas aflitas. Seus pensamentos e palavras sobre a doutrina devem estar em concordância com a Escritura, de acordo com a analogia da fé. E devem abster-se de usar qualquer frase que exceda os limites prescritos pelo genuíno sentido das Escrituras Sagradas para não dar aos frívolos sofistas boas oportunidades para atacar ou caluniar a doutrina das Igrejas Reformadas.

Que o Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, o qual está sentado à direita do Pai e envia seus dons aos homens, nos santifique na verdade. Que Ele traga à verdade os que se desviaram dela, cale a boca dos caluniosos da sã doutrina e equipe os ministros fiéis da sua Palavra com o Espírito de sabedoria e discipulação, para que tudo que falem possa ser para a glória de Deus e a edificação dos ouvintes. Amém.



Igreja Batista Reformada Vida Nova
Serv. Antônio Irineu da Silva, 325
Córrego Grande
Florianópolis – SC
ibrvn.com

Fonte: <http://www.monergismo.com/textos/credos/dort.htm> e
http://www.reformed.org/documents/index.html?mainframe=http://www.reformed.org/documents/canons_of_dordt.html